

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
HISTÓRIA

ANY MARRY SILVA

**MARIA GRAHAM: A PERFORMATIVIDADE NOS DIÁRIOS DE VIAGENS DA
AMÉRICA DO SUL NO SÉCULO XIX**

SÃO PAULO

2019

ANY MARRY SILVA

**MARIA GRAHAM: A PERFORMATIVIDADE NOS DIÁRIOS DE VIAGENS DA
AMÉRICA DO SUL NO SÉCULO XIX**

Mestrado em História Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História Social, sob a orientação do Prof. Dr. Amilcar Torrão Filho.

SÃO PAULO

2019

BANCA EXAMINADORA

Dedico àqueles que fiam-se “*Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres*” (Rosa Luxemburgo).

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES). Processo: 88887.163062/2018-00.

AGRADECIMENTOS

A jornada para a realização dessa pesquisa tomou caminhos com os quais eu não contava, uma viagem certamente proporcionada pela natureza da temática da pesquisa. Assim sendo, antes de agradecer aos vivos, gostaria de simbolicamente agradecer ao objeto de estudo dessa pesquisa, Maria Graham, pela possibilidade de realizar minha jornada nesse formato de dissertação de mestrado séculos depois daquela realizada por ela.

Agradeço também a todos que encontrei, passei, conversei, tudo que estudei e vivi na PUC-SP. Foram 4 anos de graduação e 2 anos de mestrado adquirindo e buscando conhecimento, pedindo ombro e expressando felicidade e raiva dentro dos prédios, corredores e arredores dessa universidade que apesar de tudo tem o meu coração.

Agradeço nominalmente alguns dos amigos historiadores que passaram por essa jornada comigo: Anita, Débora, Carina, Raul, Lucas, Gabriel, João, Victor, Aline, Paola, Nina, Juliana, Vinicius, Breno, Amanda, Mateus, entre tantos outros que me acompanharam no choro, no desespero, na felicidade, na descoberta e na luta. Obrigada por continuarem mesmo quando o mundo quis nos parar.

Agradeço diretamente ao Daniel que foi quem mais teve de escutar minhas lamentações e ironias diárias, o que não foi uma tarefa fácil, obrigada por não desistir da minha pessoa. Obrigada por nunca ter se abalado na certeza de estudar história.

Agradeço também todos os professores da PUC-SP, da graduação à pós-graduação, que não apenas me guiaram no mundo acadêmico, mas também me inspiraram a acreditar na importância de estudar, compartilhar, e apreciar a História, mesmo que o mundo não esteja para isso. Obrigada por continuarem não importando as circunstâncias.

Agradeço ao meu orientador Amilcar que tem me acompanhado há quase 4 anos completos, e que sempre foi solícito para tirar dúvidas e compartilhar textos e conhecimentos, tendo de lidar com incertezas de uma pesquisadora iniciante e com meu português digitado às pressas.

Aos meus amigos fora do mundo da História que ouviram meus choros, meus discursos e meus gritos: Julianne, a vida é dura minha amiga, mas seguimos juntas. Jô, obrigada por compartilhar loucuras e risos. Graciane, alguém a botou no meu caminho, não pretendo largá-la. E Lívia Maria, agradeço sua paciência, o grito, a calma, o colo e a luta. Obrigada por tudo.

Agradeço a minha família: minha irmã Mayara por cooperar mesmo tendo uma irmã complicada e desatenta. Ao meu pai, que se pudesse me dava o mundo. A minha mãe, com quem divido todas as preocupações e nunca me negou colo. E ao Sadan, que sempre se anima

ao me ver. A vocês agradeço o suporte infinito e por acreditarem em mim quando eu mesma me perco.

Agradeço à CAPES novamente, sem esse suporte nem essa pesquisa nem essa pesquisadora teriam como existir, por um mundo que valorize seus pesquisadores e busque sempre o melhor a todos sem distinções.

Por fim agradeço a mim mesma, porque mesmo com as dificuldades e as dúvidas sigo confiante de que se não fosse pela História, uma parte da minha vida seria extremamente vazia e sem propósito.

Dedico esse trabalho a todos aqueles que acreditam que o único caminho é o caminho pela educação libertadora, obrigada!

RESUMO

Através dessa pesquisa buscamos analisar os relatos de viagem da mulher viajante, Maria Graham (1785–1842), inglesa e escritora publicada em vida, com trabalhos de traduções, romances e diários de viagem. O foco desta pesquisa foram seus diários de viagem sobre a América do Sul: *Journal of a Voyage to Brazil, and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823* (1824) e o *Journal of a residence in Chile during the year of 1822; and a Voyage from Chile to Brazil in 1823* (1824), nos quais a viajante relata as questões sociais, culturais e, principalmente, políticas sobre a composição das Independências dos respectivos países por meio da particularidade de seu discurso imperialista inglês combinado à sua construção de mulher. Assim, empregamos nesta pesquisa a “performatividade”, conceito que aventou questionamentos e conceptualizações das escolhas de narrativa pelas quais Graham compôs seus relatos. A partir dessa pesquisa, buscamos compreender as razões pelas quais Graham apoiou os processos de Independência no Brasil e no Chile, como reportou as relações sociais e políticas desses países e como construiu esses diários a partir de sua posição como mulher na literatura de viagem, construindo não apenas a sua história como viajante, mas colaborando para a história dos países por ela visitados no início do século XIX.

Palavras-chave: literatura de viagem; mulher viajante; gênero; Maria Graham; Brasil; Chile; Independência; Imperialismo; Performatividade.

ABSTRACT

In this research we analyse the travel writer Maria Graham (1785–1842), an English woman whose books were published during her lifetime, having works on translations, novels, and travel memoirs. The focus of this research were the journals regarding South America: *Journal of a Voyage to Brazil, and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823* (1824) and the *Journal of a residence in Chile during the year of 1822; and the Voyage from Chile to Brazil in 1823* (1824), in which she narrated the social, cultural and political questions about the composition of South America's Independences, with the particularity of her English imperialist discourse combined to her construction as a woman. In order to do so, the concept of Performativity is used to understand how gender was a big part of her writing choices and how she composed her stories in the journals. We sought to understand the reasons why Graham supported the processes of Independence in Brazil and Chile and how the writer constructed these journals from her perspective as a woman who writes not only her story as a traveller, but also about the history of those countries she visited in the early nineteenth century.

Keywords: travel writing; women's travel writing; gender; Maria Graham; Brazil; Chile; Independence; Imperialism. Performativity.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 PERSONAS DE GRAHAM: ATOS DE PERFORMATIVIDADE NOS DIÁRIOS DE VIAGEM.....	24
1.1 Lady Graham – Comportamentos convencionais.....	30
1.2 Independente Graham – Comportamentos disruptivos.....	36
2 GALERIA DE ARTE DA DIPLOMATA GRAHAM: PERCEPÇÃO SOCIAL E CULTURAL SOBRE A AMÉRICA DO SUL	44
2.1 Escravidão: Mercado de vidas negras	47
2.2 Caciques: Encontro com as populações originárias	52
2.3 Aliança: Viajante e elites locais	58
3 A VIAJANTE E AS INDEPENDÊNCIAS: O CAMINHO ATRÁVES DA VIA IMPERIALISTA AO PROGRESSO CIVILIZATÓRIO E INDIVIDUAL	67
3.1 Personagens centrais.....	68
3.2 Escritas de mulheres na conjuntura imperialista	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
FONTES PRIMÁRIAS	92
REFERENCIAL TEÓRICO	93
ACESSO ELETRÔNICO	100

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Stretch of history de Maria Graham

“*Stretch of history*” é maneira escolhida pela viajante Maria Graham para abrir os seus diários de viagens. Ao iniciarmos a leitura da introdução do diário do Brasil, as seguintes palavras são encontradas: “[...] para melhor compreensão dos acontecimentos políticos de que fui testemunha ocular, julguei necessário antepor o seguinte esboço da História do Brasil ao meu diário de viagem”¹, esse formato de construção da introdução aparece também no diário do Chile, e faz parte dos outros três relatos de viagem publicados por ela. A introdução desenvolvida pela viajante perpassa desde 1500 até o ano de sua chegada no Brasil, que ela narra até 1821. O objetivo dos “Rascunhos da História” é de apresentar aos leitores dos diários como eram os países, os nativos e a sociedade que ali vivia, onde estavam localizados, sua geografia, fauna e flora.

Todas essas informações foram angariadas através de um levantamento de dados, de argumentação e de escritos produzidos anteriormente, todos lidos e estudados pela escritora para compor suas narrativas. Assim tornando possível desenvolver a história dessas sociedades até chegar ao momento em que a viajante se encontra com esse lugar, esse espaço físico, passando pelo processo da sua viagem de navio até a região, e da vivência de experiências nesses países que viriam a constituir os diários. E é emprestando o termo “*Rascunho da História*” da viajante que inicio a apresentação da presente pesquisa que teve como objetivo estudar dois dos diários produzidos por Maria Graham durante a sua viagem à América do Sul: no Brasil e no Chile de 1821–1823.

Os diários de viagem escritos pela viajante Graham fazem parte da produção de literatura de viagem que ganhou espaço e popularidade nos periódicos e nas livrarias da Britânia desde o começo do século XVIII, mas principalmente durante o século XIX (1830–1880), que se configurava o período vitoriano no qual a Grã-Bretanha dominava as relações comerciais através do seu poder marítimo. Com o aumento de engajamento frente ao novo mundo e com as possibilidades que pareciam abertas, há um aumento do número de viajantes e exploradores, os quais fizeram suas jornadas a respeito da busca por descobertas, sendo elas em busca de conhecimento, interesse científico ou social.

¹ GRAHAM, Brasil, 1990, 23. Original: “*I judged it necessary to prefix the following sketch of the history of Brazil to the journal of my voyage thither, in order that the political events to which I was an eye-witness might be the better understood.*” (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 1).

Nesse cenário, o Brasil recebeu a visita e, em muitos casos, a residência de muitos viajantes europeus a partir do começo do século XIX, sobretudo de britânicos, devido à influência central que a Grã-Bretanha passara a exercer sobre o Império português², por exemplo. Essa vinda de viajantes é notada por toda a América do Sul e fez com que a historiografia dessa região ficasse marcada pelos relatos dos viajantes que por aqui passaram. A América Latina era vista não apenas pelos ingleses, mas também pelos europeus como um todo, como um laboratório a céu aberto para a aplicação de diferentes ramos de conhecimento científico, como elucidado por Scatena Franco (2008).

Ao se iniciar a leitura da literatura de viagem se faz possível identificar a linha tênue com a qual lidamos: os viajantes estão descobrindo novos horizontes frente a diferentes ambientes, pessoas, costumes e culturas, transmitindo não só o que veem, mas também o que sentem através das memórias fragmentadas do que experimentaram. É do compilado dessas informações que se constrói o espaço por eles visitado, seja através da coleta de jornais e conversas, ou colecionando botânica e produzindo iconografias. É também possível localizar nesses escritos “pedaços do viajante”, ou seja, ao relatarem sobre seus objetos de pesquisa, eles acabam por inserir suas percepções particulares, o que, ao contrário do que se pode ponderar, não desclassifica a documentação produzida, fornecendo uma nova qualificação: a percepção do sujeito frente suas questões sociais e históricas diante de seu objeto. É dessa forma, portanto, que constituímos o gênero de literatura de viagem.

O caráter social da percepção e dos julgamentos faz com que o observador tenha uma percepção seletiva e uma interpretação globalizante, como argumentado por Moreira Leite (1997). Desse modo, a leitura dos viajantes sobre as sociedades relatadas tem o peso dessa visão oriunda de seus pontos de partida e também deriva de suas expectativas e emoções individuais e, portanto, únicas. Para Tim Youngs (2006), a literatura de viagem carrega em si outras formas de literatura, o que não a desclassifica como documento histórico, os relatos carregando preceitos e construções dos viajantes que os escreveram através de suas formas de narrativas. Portanto, a literatura de viagem não é uma gravação literal ou objetiva das jornadas experimentadas por esses viajantes, sendo influenciada, não determinada, pelo gênero, classe, idade, cor, nacionalidade, cultura e educação³ daqueles que escrevem os diários de viagens.

Ao analisar e utilizar a Literatura de viagem é preciso compreender que sua concepção é realizada a partir de um ponto pelo qual o escritor irá desenvolver sua compreensão e sua narrativa. Torrão Filho (2010) afirma que estamos diante de um texto que problematiza sua

² Cf. SILVA, 2015, p. 34.

³ YOUNGS, 2006, p. 2-3.

própria identidade baseado na veracidade e nas fronteiras que procura estabelecer entre o “fato” e a “ficção”, os quais nem sempre o gênero desejou que fossem intransponíveis⁴. A literatura de viagem possui, portanto, uma relação intrínseca com a subjetividade em sua composição. Essas narrativas contavam não apenas com aquelas sobre o “outro”, mas também, e talvez principalmente, com as narrativas dos próprios viajantes.

A afirmação da veracidade dos conteúdos dos livros e cartas de relatos de viagem era parte da preocupação dos autores e editoras que os produziam e editavam, dado que a veracidade das narrativas era necessária para a sua validação, sendo um fator de relevância que buscava aumentar o interesse e o alcance para com os leitores. Podemos notar uma necessidade de fazer com que o que fosse narrado tivesse peso não apenas como verdade, mas como uma verdade científica, fato que fazia parte do pensamento que envolvia todo o processo de composição dos diários. Keighren (2015), ao analisar as publicações realizadas por John Murray II⁵, diz que não acredita que houvesse um guia para credibilidade ou autenticidade dos textos, porém havia expectativas que iam de acordo com o contexto através das convenções sociais e pela demanda da audiência. O peso da questão da importância do que podemos chamar de credibilidade fazia parte da escrita dos viajantes, e também dependia de suas posições ou de suas condições sociais.

É interessante observar a compreensão e a dimensão que os editores e autores da literatura de viagem tinham sobre seus relatos e, ademais, o que era necessário para que conseguissem a validação dos mesmos e ampliassem seu sucesso frente ao público. Em outras palavras, os viajantes tinham a compreensão de que, ao fazerem das suas viagens, seus objetos de estudos e de análise, podiam construir leituras sobre esses espaços. O fato de que esses relatos poderiam ter lacunas e falhas resulta na necessidade de consciência sobre o que se transmite e sobre o foco a partir do qual escolhem escrever.

Conforme os viajantes observavam, descreviam e classificavam o mundo social, refletindo sobre a vida dessa sociedade, tomavam consciência das diversidades desse novo mundo, e, por conta disso, apresentavam muitas vezes discursos que buscavam superar os limites enxergados dentro das crenças e tradições que cercavam esses grupos. Assim uma relação dinâmica se estabelece entre o que é vivenciado, coletado, escrito e transmitido aos

⁴ TORRÃO FILHO, 2010, p. 61.

⁵ John Murray é o nome que pertence a várias gerações de uma família no ramo editorial. A editora J. Murray publicou autores como Jane Austen, Sir Arthur Conan Doyle, Lord Byron, Charles Darwin, entre outros. Em 2004, a editora dos Murray foi anexada ao conglomerado Largardère dentro da marca Hachette UK. O legado da editora permaneceu. John Murray, nascido em novembro de 1778 (1778–1843), é o segundo na geração dos Murray no meio editorial. É dito que a partir de sua participação na editora conquistou espaço. Além disso, a editora de Murray é uma das que publicaram os diários de Graham, sendo ele próprio amigo pessoal da viajante.

leitores, fazendo com que a literatura de viagem tenha diversas camadas. O desafio da veracidade se localiza ali, porém todo documento histórico é composto de vieses, que devem ser levados em conta para compreensão do texto, fazendo parte da análise necessária para o estudo dessa fonte. Assim sendo, a pesquisa buscou analisar os diários de viagem da viajante e escritora Maria Graham, ou Lady Maria Callcot, contando com três fatores principais: literatura de viagem, o gênero como performático e o contexto político em que os diários estão inseridos.

“Cerca das 6h no dia 31 de julho de 1821...”⁶. O relato de Maria Graham se inicia com o seu diário de viagem ao Brasil, a fragata *Doris*, sob o comando do Capitão Thomas Graham, partia a caminho da sua nova missão de três anos de duração com destino traçado à América do Sul.

O interesse econômico britânico havia de ser mantido, portanto a necessidade de proteção nessas áreas era necessária devido aos movimentos de independência que tomavam corpo e forma no continente. Fazendo parte da tripulação da fragata *Doris* está Maria Graham, esposa do capitão, então com 36 anos, a qual escreveu nessa oportunidade de viagem dois diários de viagem que retratam dois países de grande expressão passando por momentos políticos efervescentes: *Journal of a Voyage to Brazil, and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823* (1824), e o *Journal of a residence in Chile during the year of 1822; and a Voyage from Chile to Brazil in 1823* (1824), ambos publicados logo após seu retorno à Inglaterra, em 1824. Para melhor fluidez do texto os títulos das obras de Graham não estão citados diretamente, mas em forma abreviada como Diário do Brasil e Diário do Chile.

A publicação dos seus diários da América do Sul ocorreu pela decisão de sua editora anterior, Longman & Co., e de seu amigo pessoal, John Murray. No jornal *Cumberland Pacquet, and Ware's, Whitehaven Advertisement* do dia 14 de setembro de 1824, aparecem dez publicações de viagens lançadas no mercado com a assinatura de Murray. Entre os dez livros citados, apenas dois tinham autoria feminina e os dois eram da mesma autora, Maria Graham⁷.

O relacionamento dos dois é marcado pelas cartas trocadas entre eles, as quais demonstravam a insatisfação da viajante para com a editora Longman & Co. e o desejo de não publicar seus diários por ela. Porém, ficou decidido que ambos seriam publicados em conjunto pelas editoras: *Longman, Hurst, Orme, Brown and Green* e *John Murray, Albermarle-Street*. Durante o período de publicação, a editora de John Murray publicava diversos livros com a temática de literatura de viagem, essas realizadas na América do Sul, México e Ásia. As obras

⁶ GRAHAM, Brasil, 1990, 103. Original: “At about six o'clock in the evening of the 31st of July, 1821, [...]” (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 77.)

⁷ PORTO, 2017, p. 34.

se destacavam por incluírem iconografias, como mapas e gravuras, além de ser perceptível o aumento de publicações de livros escritos por mulheres. A escrita pela viajante estava, portanto, em alta.

Em 1836, a editora de Murray introduz uma inovação, o *Murray's Guide* ou *Murray's Handbook for Travellers*⁸, seus dois primeiros volumes publicados na década de 1830 sobre viagens ao continente europeu. Um marco dentro do que viria a se tornar a indústria do turismo, de acordo com Carl Thompson (2011), o “*Grand Tour*” fez parte de um rito de passagem ao longo do século XVIII que muitos homens da aristocracia realizaram, intensificando o desejo frente a realização de viagens. Embora o trabalho não tenha como objetivo estudar o surgimento do turismo nem sua dinâmica e transformações, vemos com importância que o crescimento de viagens com o intuito de visitas de conhecimento se deu também através do consumo da literatura de viagem, como elas eram representadas e o que causavam em seus leitores.

A literatura de viagem tinha como objetivo representar e analisar lugares e sociedades, mas acabou também ajudando a criar um novo movimento, ou conceito, o turismo. O aspecto do aumento da importância da ciência, da experimentação, do estudo da natureza e o estudo de fatos estava em alta, o que também pode ter motivado o aumento de interesse nesse tipo de literatura pelo público leitor.

Podemos perceber por que a viajante Maria Graham coloca em seu prefácio que:

a autora não tem pretensões de uma perfeita imparcialidade, pois, em certos casos, imparcialidade não é uma virtude. Mas, sabendo que nenhum bem humano pode ser alcançado sem certa dose de mal, esperava ter sempre encarado as questões pelos dois lados, ainda que isto lhe tenha custado bastante esforço na composição.⁹

É a forma que encontra para afirmar sua posição como escritora, como fonte verídica e a compreensão do público das possíveis falhas que seus textos venham a cometer, não apenas por conta de possíveis erros cometidos por ela, mas principalmente por falhas derivadas da fonte da qual ela bebe para compor os seus diários.

⁸ A linha cronológica dos trabalhos publicados pelos Murrays até 2002 — a empresa foi vendida para Hodder & Stroughton — pode ser encontrada no link: <<https://www.johnmurraypress.co.uk/imprint/john-murray/page/about-john-murray-press/>> Acesso em 08 dez 2019.

⁹ Graham, Brasil, 1990, prefácio 19. Original: “*The writer does not pretend to perfect impartiality, for in some cases impartiality is no virtue; but knowing that no human good can be attained without a mixture of evil, she trusts that a fair picture of both has been given, although it has cost some pain in the writing.*” (GRAHAM, Brazil, 1824, prefácio p. IV).

Graham foi uma das primeiras mulheres a escrever e publicar seus diários de viagem, antes dela houve outras autoras britânicas viajantes¹⁰ que o fizeram, mas no caso do Brasil e do Chile, foi a primeira mulher a escrever sobre tais países¹¹. É sob esse ponto de vista que parte nosso interesse em estudar essa viajante mulher, buscando analisar qual seria sua posição em relação à situação política dos países da América do Sul, na qual estava como estrangeira, buscando também a percepção que teria frente à sociedade luso-brasileira e hispano-chilena em formação, e buscando enxergar o impacto de uma posição colonial representada pela leitura e escrita de uma mulher britânica no início do século XIX.

Sendo assim, justificamos a importância do estudo dos relatos de Maria Graham, como fez Moreira Leite (1997), não só como um destaque na literatura de viagem produzida por mulheres, mas no gênero da literatura de viagem como um todo, tanto pela consciência do papel de escritora e pela preocupação com seu público, quanto pelo nível da sua percepção, contribuição de informações e pela participação na construção da História.

A história de vida de Maria Graham começa em 19 de julho de 1785 em Papcastle, Cumberland, Inglaterra. A viajante era a mais velha de três irmãos, filha de Ann Thompson Dundas (d. 1808) e do Almirante Real da marinha britânica, George Dundas (1756-1814), com o qual nossa viajante realizou suas primeiras viagens. Graham teve uma formação privilegiada, estudou no colégio interno em Drayton, perto de Oxford, através do apoio financeiro da família de seu pai, seu tio James Dundas (1752-1831), a quem parecia nutrir respeito e carinho. No colégio teve contato com diversos tipos de conhecimentos: estudo de línguas, literatura, história, desenho, entre outros, compuseram sua educação e seriam demonstrados e apresentados em seus diários de viagens em formato de citação, referência e iconografias que fazem parte da sua concepção de mundo.

Apesar de Graham ser mais conhecida pelos seus diários, também fez trabalhos de tradução do francês e do alemão, escreveu e produziu livros sobre História e História da Arte e escreveu o clássico infantil *Litte Arthur's History of England* de 1835, que teve republicações feitas até 1973. Outro trabalho comissionado e de repercussão foi a edição do diário e dos

¹⁰ Viajantes como Aphra Behn com *Oronooko* de 1688; Lady Mary Wortley Montagu com *Turkish Emabassy Letters* (1718; pub. 1763); *Two Voyages to Sierra Leone* (1793) de Ana Maria Falconbrigde; *Letters from France* (1790-96) de Helen Maria Williams; *Letters Written During a Short Residence in Sweden, Norway, and Denwark* (1796) de Mary Wollstonecraft, são alguns exemplos que tiveram seus relatos publicados antes de Maria Graham. No *Database of Women's Travel Writings, 1780-1840 (DWTW)* realizado pelo Dr. Benjamin Colbert, que faz parte do projeto *British Travel Writing* da Universidade de Wolverhampton, existe um arquivo organizado com informações sobre viajantes mulheres, seus relatos de viagem e biografias de suas vidas para o conhecimento e alcance de quem se interessar conhecer e estudar essas mulheres que escreveram e publicaram na Bretanha e Irlanda durante o período de 1780-1840.

¹¹ AKEL, 2007. p. 3.

documentos da *Voyage of H.M.S. Blonde to the Sandwich Islands in 1824-1825* (1826), composto através de um retrabalho que a escritora teve, no qual contribuiu consultando autoridades, realizando pesquisas e trazendo material original ao livro. Segundo Akel (2007), os diários de viagem são os trabalhos mais interessantes da autora porque demonstram uma narradora complexa que fala com várias vozes e que segue o que compõe o texto de acordo com que lhe é demandado.

Assim, Maria Graham não era uma viajante e nem uma escritora de primeira viagem ao escrever os diários sobre a América do Sul. Uma viagem e residência resulta em seu primeiro diário de viagem escrito em maio de 1809 a bordo do *H.M.S. Cornelia*, que tem como destino a Índia e como comandante o seu pai, o Capitão Dundas. Intitulado *Journal of a residence in India*, sua primeira edição foi publicada no ano de 1812. Dessa experiência, resulta também *Letters on India*, publicado em 1814. Esses trabalhos tiveram uma boa repercussão logo quando foram publicados, com cerca de 400 cópias vendidas em menos de um mês na Grã-Bretanha¹². É justamente em 1809 que Maria Dundas conhece seu primeiro marido, o oficial da marinha britânica Thomas Graham, casando-se com ele em dezembro daquele mesmo ano. Entre 1811 e 1815, Graham e seu marido moraram na Escócia e, por algum período, a autora não acompanhou o marido em expedições, utilizando esse período para editar, traduzir e comentar sobre alguns livros através da sua troca de cartas com John Murray sobre autores publicados pela sua editora, como Lord Byron, Jane Austen, S.T. Coleridge e Helen Maria Williams. No ano de 1820 é publicado seu segundo diário de viagem, escrito ao acompanhar o trabalho de seu marido que os levou para uma viagem à Itália, intitulado *Three Months Passed in Mountains East of Rome During the Year of 1819*.

A jornada de Maria Graham se encontra com a história da América Latina: em 1821 o *H.M.S. Doris*, sob o comando do Capitão Graham, viaja para a América do Sul, chegando no seu primeiro destino Pernambuco, Brasil, em 21 de setembro de 1821. Ele passa também pela Bahia e pelo Rio de Janeiro. Durante seu trajeto ao Chile em 8 de abril de 1822, no Cabo Horn, seu marido vem a falecer, o que será um ponto referencial desses diários de viagem dela, que continua sua viagem chegando finalmente em Valparaíso, Chile, em 28 de abril de 1822.

No final do mesmo ano, em 20 de Novembro de 1822, ela passa por um grande terremoto, que a faz repensar sua estada na América do Sul, mas em 13 de Março de 1823, a bordo da fragata comandada por Lorde Cochrane¹³, ela chega ao Rio de Janeiro onde é nomeada

¹² AKEL, 2007, p. 63.

¹³ Lord Thomas Alexander Cochrane (1775–1860), 10º Conde de Dundonald e Marquês do Maranhão, nasceu em Annsfield, na Escócia, em 14 de dezembro de 1775. Cochrane se juntou a marinha real britânica quando tinha

governanta da Princesa Maria da Gloria, filha do Imperador D. Pedro I e a Imperatriz Maria Leopoldina, em 12 de outubro de 1823, voltando no mesmo mês para a Inglaterra com intuito de trazer matérias para a educação da jovem princesa e publicando ambos diários dessa jornada em 1824.

Ao retornar ao Brasil em 1824 para seu cargo como tutora da princesa, Graham não permaneceu ali por muitos meses. Os motivos reais da sua saída da corte são desconhecidos, já que documentos ou declarações oficiais realizadas pela corte ou pelos Imperadores ou da própria viajante sobre o motivo do seu rompimento como tutora não são sabidos. Especula-se que o fato de uma estrangeira ter uma posição de relevância na educação da princesa não agradou a corte luso-brasileira, que acabou exigindo ao Imperador Dom Pedro I a exclusão da mesma da corte. Em 1825 a escritora volta à Inglaterra. Nessa terceira passagem pelo país, escreveu o que alguns conhecem como um terceiro diário e outros como uma curta biografia, o manuscrito intitulado *Esborço biográfico de Dom Pedro I*¹⁴, no qual a escritora usa de seu contato com a corte e da sua experiência da vivência com a família real para escrever sobre o primeiro imperador do Brasil.

Em 1827, aos 48 anos de idade, casou-se com o pintor inglês Augustus Wall Callcott, que se tornou lorde ao ser ordenado cavaleiro em 1837, por isso, ela também é conhecida como Lady Callcott. Não chegou a ter filhos. Graham continuou a escrever, porém não mais voltada à literatura de viagem. Ela se dedicou a algumas edições e traduções de livros de história da arte e histórias infantis, além de ter se dedicado a estudos e artigos sobre botânica e geologia. A autora participou de debates sobre questões de geologia e teve algumas de suas gravuras da flora do Brasil e Chile, consideradas muito bem detalhadas, utilizadas por Charles Darwin. Alguns desses artigos científicos, tanto de botânica quanto de geologia, foram escritos valendo-se de um codinome. Nos últimos anos de sua vida, com sua saúde já frágil devido a uma tuberculose adquirida em sua infância — a qual foi relatada por muitas vezes em seus relatos pontuando o seu cansaço, fragilidade e o uso do ópio como medicamento —, passou na cama,

17 anos. É considerado um grande herói da marinha escocesa, pois, durante as guerras com Napoleão, demonstrou ousadia e estratégia nas operações navais e foi apelidado de “Lobo do Mar”. Seu primeiro comando foi no brigue *H.M.S. Speedy*. Cochrane também se candidatou ao parlamento inglês e foi eleito, mas foi acusado de atividades fraudulentas e especulação na bolsa em 1814, sendo preso por essas ações, além de ser desligado da Marinha Real. Sua carreira na Marinha britânica foi encerrada, mas, em 1818, Lord Cochrane aceitou trabalhar para a Marinha chilena nas guerras de independência desse país e do Peru, acumulando muitas vitórias contra os navios espanhóis e algumas desavenças. Em 1822, Lord Thomas Cochrane é convidado pelo Imperador D. Pedro I para servir o governo brasileiro e comandar a Marinha Imperial brasileira com a patente de primeiro-almirante. O trabalho para qual o Almirante Cochrane foi chamado foi para submeter rebeliões nas províncias da Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará.

¹⁴ O manuscrito encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. É possível encontrar a obra em Graham (1997).

de onde não saiu, vindo a óbito em 1842, aos 57 anos. Muitos dos seus desenhos foram doados pelo seu marido, Sir Callcott, ao *British Museum* em 1845. Lady Callcott deixou uma vasta obra, e essa dissertação buscou estudar parte dela.

A linha cronológica da vida e da viagem de Maria Graham foi inserida, pois o desenrolar de acontecimentos influenciaram e construíram a narrativa da autora frente ao que foi analisado nesta pesquisa. A construção dos diários está diretamente conectada à vida de Graham e eles apresentam essas características, correspondendo com os fatos por ela experimentados, embora nem sempre suas experiências possam ser confirmadas ou acompanhem a realidade do período.

Na análise realizada, podemos notar que algumas das mudanças nas narrativas de Maria Graham acontecem ou se transformam de acordo com sua experiência e interesse nesses países e devemos também levar em consideração que foram editados para sua publicação. Um dos pontos importantes que ligam os diários de viagem na América do Sul é a morte de seu marido durante a viagem, parte presente em relação a outros relatos de viagens produzidos por mulheres viajantes, como nos casos estudados por Scatena Franco (2008) observando a questão de luto. Além da mudança do interesse de Maria Graham a respeito da permanência no Chile pelo país estar entrando em uma nova guerra civil e de ter sofrido um grande desastre natural, e em sua volta ao Brasil, se tornando a governanta da filha dos imperadores brasileiros ao fim da viagem, fornece indicadores do porquê a viajante teria tomado certas posições ao relatar a História desses países.

Uma informação que nos é fornecida sobre como a viajante pensou a construção de sua narrativa é a escolha editorial da separação dos dois diários produzidos na América do Sul. A escritora explica que apesar dos países estarem na mesma região, tinham histórias, clima e sociedades diferentes. Portanto, a escolha teria sido feita para ajudar no entendimento dos leitores sobre as diferenças do Brasil e do Chile facilitando, na visão dela, o entendimento dos conflitos e realidades que separavam essas duas sociedades, que mesmo estando próximas, encontravam-se em situações sociais e políticas diferentes, merecendo que suas histórias fossem contadas separadamente. A análise de Maria Graham da necessidade da separação dos diários colocando como uma das causas as diferenças sociais e políticas por conta dos processos de independência do Brasil e do Chile, demonstra a importância, presença e peso que as questões políticas obtêm dentro dos diários de viagem da mesma, e apesar de trazer na composição do seus textos questões comuns na literatura de viagem como a geografia, fauna e flora regionais, a quantidade de espaço e dedicação das narrativas políticas e aos personagens políticos as ultrapassa. Assim se tornou evidente a importância de entender a relevância dessa escolha narrativa e discursiva da viajante.

Os diários apresentados aqui foram compostos e publicados no mesmo período e, por isso, selecionados para serem analisados juntos nessa pesquisa. Segundo Regina Akel (2007), os diários da América Latina compartilham poucas semelhanças, mas a estrutura desigual, ou suas diferenças, é o que fazem deles notáveis. Acredito, porém, que os diários contêm múltiplas semelhanças no quesito de engajamento político, interesse na situação social e cultural compostos, e seus relacionamentos sociais que garantiram à viajante um lugar social mais elevado do que seria alcançado por ela na Inglaterra. Claro que é possível localizar divergências dentro dos diários, inclusive podemos perceber um crescente desenvolvimento da narrativa e da persona de Graham que vai ganhando espaço. Além do fato de que a visão sobre o Brasil e o Chile da viajante perpassa a própria condição de serem colônias de países ibéricos, que não estavam no alcance ou avançados como a Inglaterra no quesito de progresso e civilidade, fatores que tinham peso na interpretação da viajante.

A composição do Diário do Chile (1822) carrega a experiência da primeira metade do diário do Brasil (1821), e a segunda parte do Diário do Brasil (1823) carrega a experiência do Diário do Chile mesmo que esses tenham passados por alterações no momento que foram revisados e editorados. Essas mudanças são perceptíveis pelo envolvimento da viajante com a história que relata. A nossa escolha de analisar ambos nessa pesquisa se faz não apenas por conta da ligação política em relação aos diferentes processos de independência que ambos países passavam, como foi localizado por Maria Graham, que são pertencentes a realidades diferentes, mas sim devido à experiência de viagem e a vivência da autora nessas duas sociedades, ocorrendo ao mesmo tempo e de maneira intercalada.

Assim, localizamos a necessidade ainda sem precedentes dentro da historiografia brasileira de compreender as ligações e interferências que esses diários acabam por ter entre si a partir da construção narrativa da autora que passa pelo próprio processo de construção da sua história durante a viagem. Portanto a relação dos diários não está apenas conectada com a realidade política frente as questões de independência que cercavam a região, ou sua localização geográfica, e nem apenas pela posição imperialista que a viajante traria dentro de sua análise, elas também estão conectadas diante da realidade subjetiva de sua autora.

Entre essas subjetividades está a questão de gênero, de ser uma escritora viajante mulher, assim não há como não realizar a análise dos diários sem trazer a temática de gênero para observar as nuances que a comportam e as adversidades que essa questão engloba, além de compreender a diferença e a importância naquele período ao ter como identidade ser uma viajante e escritora mulher publicada em vida. A estima disso se localiza no quesito de Maria Graham ser a única mulher a relatar os processos e movimentos de Independência do Brasil e

do Chile durante o período de 1821 a 1823, e ter sido uma das primeiras mulheres a escrever sobre a situação e sociedades da América do Sul.

O destaque de narrar os processos de independência também se fez presente na composição das propagandas¹⁵ voltadas para a divulgação de seus *Journals of Voyage*. Não é negado nessas propagandas que os relatos foram produzidos por uma mulher, nem um fator diferenciado para a divulgação do mesmo. Portanto, não devemos descartar que existisse um aceitamento do público em relação às publicações dela, e que os editores do livro não pareciam carregar preocupações com tal questão no quesito de divulgação da obra, até mesmo porque ela estava sendo divulgada em diversos periódicos da Grã-Bretanha. O que podemos salientar é que as críticas voltadas para os diários de viagem de Maria Graham centram-se numa questão de autenticidade e composição da escrita. A literatura de viagem já nos Oitocentos sofria questionamentos sobre sua veracidade, e quando esta era produzida por uma mulher, essas questões ainda mais presentes eram acompanhadas das críticas de serem textos muito mais pessoais ou autobiográficos do que informativos ou científicos.

Pelos relatos de viagens do início do século XIX serem compostos por uma mulher abre-se portas que só podem ser fornecidas por essa identidade de viajante que oferece diferentes aspectos da vida privada e pública, e facilita acesso a situações de ambientes privados de famílias e das mulheres da sociedade, tais como vestimentas que não eram vistas em público, relacionamentos entre a elite e seus serviçais, etc. O fator de desvantagem do ser mulher muitas vezes se encontra em ter mais dificuldades para conseguir participar de situações que formulavam as conjunturas políticas, ou de ter sua voz ouvida ao divulgar sua posição política. O cuidado na escrita também se torna mais evidente, já que a viajante mulher acaba considerando a maneira de se apresentar aos seus leitores sem que estes se sintam desconfortáveis com comportamentos que não consideravam como ideais a mulheres.

Destaco que tais adversidades poderiam de fato dificultar a coleta de informações ou participação de ocorridos em espaços sociais e políticos não destinados a mulheres, ou até mesmo nos depararmos com situações em que os discursos se tornam suavizados, o que não quer dizer que todas as circunstâncias são totalmente inviabilizadas ou não se fazem presentes, pois a coleta de informações e posicionamentos de Graham ainda aparecem e denunciam sua visão de mundo e posição política.

¹⁵ No *British Newspaper's Archive*, ao realizarmos a busca por “Maria Graham” e datarmos o período da publicação de seus diários de viagem, podemos localizar uma quantidade grande de propagandas voltadas a sua divulgação, incluindo sequência do Brasil e do Chile, que foram publicados seguidamente. O arquivo pode ser acessado em <<http://www.britishnews paperarchive.co.uk/>>.

O que buscamos entender é como Maria Graham alcança essas informações e como demonstra seu posicionamento dentro desses contextos. E o que localizamos é a questão da utilização de personas pela autora, as quais se adaptavam quando necessário, conforme aumentava seu ciclo social, apresentando uma boa escrita, e sabendo construir uma narrativa ou uma persona que se adapte e se construa perante aonde e a quem pretende coletar as informações ou do que pretende apresentar aos seus leitores ou à sociedade, também envolvendo a representação para si (para o seu *self*). A questão de personas está ligada não somente com o mundo exterior, mas com a visão interior do que se anseia expor para o mundo.

Através das personas da viajante e de como elas foram formadas ou apresentadas descobrimos como os assuntos presentes nas narrativas dos diários foram escolhidos como destaques. Foi dessa forma que delimitamos o que seria analisado perante a rica quantidade de conteúdo presente nos diários de viagem da América do Sul.

Dentro da variedade de assuntos expostos por Maria Graham, podemos notar alguns que consideramos centrais: os relatos em que a viajante versa sobre as condições sociais e culturais do Brasil e do Chile, construídos através dos encontros da viagem com os espaços públicos e privados ocupados por diversas camadas da sociedade, principalmente em relação aos comportamentos e lugares destinados a mulheres, escravidão e diversidade étnica presentes. Além dos relatos que buscam se afirmar muitas vezes através de discursos de autoridades sobre as questões e dificuldades políticas enfrentadas na forma da Independência e Império no Brasil, e na forma da Independência e divergência de formatos políticos na construção do Chile como nação. Ademais, localizamos que as personas e as produções de Maria Graham tinham como ponto central sua promoção como uma profissional de qualidade, escritora e viajante, fatores importantes para a composição dos diários, que mostram por qual viés devemos analisar essas narrativas.

Embora a literatura de viagem, como percebe a própria viajante Maria Graham, carregue a potencialidade e limites em vista de sua própria forma de constituição combinadas com as intenções da autora e relatos que não são a perfeita descrição do que foi experimentado — como levantado outros pesquisadores da literatura de viagem —, isso não diminui a relevância da produção dessa literatura. Na verdade, a potencializa, pois o interesse dessa pesquisa está em entender as personas da escritora viajante perante sua condição social na nova realidade política na América do Sul por ela relatada.

As questões políticas se fazem presentes não só como uma das temáticas centrais nos diários, mas também como uma afirmação de qual seria a posição de uma mulher viajante no século XIX diante dessas questões, ponto fundamental para essa pesquisa que carrega em sua

escrita características do imperialismo presente nas narrativas de viagem do período, e que não se tornariam indiferentes apenas porque os relatos produzidos sobre a região estavam sendo compostos por uma mulher, outro ponto que explorado durante o desenvolvimento dessa dissertação.

Nosso interesse com os diários de viagem produzidos por Maria Graham começou com a ligação de três pontos: Mulher, Inglaterra e Brasil. Através dessa seleção de palavras foram surgindo temáticas a serem investigadas, entre elas a literatura de viagem se fez presente, e as características de escrita da viajante se tornaram interessantes. A partir desses pontos e com o estudo do gênero e da fonte, duas questões se tornaram fortes e relevantes: Gênero e Política. Com essa estrutura, uma iniciação científica foi formulada, nesse momento o contato com Maria Graham e o período histórico no qual ela escreveu seus diários aumentaram o interesse pela pesquisa, que foi desenvolvida com o intuito de compreender como uma viajante mulher britânica compreendeu o momento político experimentado no Brasil em 1821.

Quando na conclusão da pesquisa desenvolvida na iniciação científica, a pesquisadora se deparou com mais perguntas sobre a produção realizada por Maria Graham no Diário produzido no Brasil, e com as ligações que ele poderia ter em relação ao Diário do Chile por conta da sua formulação ter sido feita na mesma época durante processos políticos de mudanças afins. Com a contribuição das leituras realizadas sobre a literatura de viagem produzida por mulheres, um interesse ainda maior de entender como as relações em que gênero e política se fez presente, em específico nas narrativas de literatura de viagem produzidas por Maria Graham na região do Brasil e do Chile, e de que forma teriam marcado seus discursos e sua experiência transmitida nos Diários. Assim, ao compor essa dissertação de mestrado três pontos se tornaram centrais: Maria Graham, Política e Gênero.

Compreender como Maria Graham pôde constituir seus relatos, perpassando sua condição social e de gênero, entendendo como se compõe a narrativa com o viés imperialista de uma mulher viajante, buscando entender o porquê e como foi constituído o seu posicionamento político foram os objetivos desta pesquisa, desenvolvidos durante os três capítulos da dissertação que abordam como temática a questão de gênero, social e política e suas correlações ao decorrer das narrativas apresentadas nos Diários de Viagem.

Até o momento da composição dessa dissertação não foi encontrada nenhuma pesquisa historiográfica que trouxesse como fonte e realizasse a análise dos dois diários da América do Sul escritos por Maria Graham em conjunto. Existem diversas pesquisas em forma de teses, dissertações e artigos que trabalham a rica quantidade de produção da viajante, todos lidos e

apreciados pela pesquisadora no desenvolver da pesquisa e devidamente creditados na bibliografia desta dissertação.

Os Diários do Brasil e do Chile carregam a importância de serem relatos das sociedades luso-brasileira e hispano-chilena em um momento de transição político e social crucial, e sua análise se torna importante para a compreensão de como ambas sociedades foram compostas e seus debates constituídos através de uma presença estrangeira que carrega em suas análises suas próprias subjetividades. Essas relações não se anulam, mas sim enriquecem-se e nos abrem a oportunidade de compreender mais sobre o Brasil e o Chile no início do século XIX, além de trazer informações sobre a leitura imperialista diante dessas sociedades e sobre a viajante e escritora Maria Graham.

1. PERSONAS DE GRAHAM: ATOS DE PERFORMATIVIDADE NOS DIÁRIOS DE VIAGEM

Muito do que poderia interessar, foi omitido, em parte porque não tinha um conhecimento perfeito dos fatos para me aventurar a escrever, parte porque estamos muito próximos do tempo da ação para conhecer os motivos e as molas que guiaram os atores, e, em geral, nem o meu sexo nem minha situação me permitiam informações especiais relativas aos acontecimentos políticos de um país em que as publicações periódicas são raras, recentes e, apesar de legalmente livres, de fato, devido às condições dos tempos, imperfeitas, temerosas e incertas.¹⁶

Ao construir as narrativas de seus diários de viagem, Maria Graham demonstrava perceber as adversidades que seriam encontradas durante sua escrita, os desafios em relação ao período que ela identificava como histórico na região das Américas em busca de suas independências, os desafios em relação ao agrupamento de informações desse cenário político e que se difere do seu local de origem, e os desafios que encontraria em relação ao seu gênero. Mas nem mesmo o seu gênero, nem a situação política conflituosa se tornaram bloqueios para que a viajante escrevesse seus relatos. Na realidade, acabaram por se tornar motivadores e atores principais de sua narrativa, e os principais focos dessa pesquisa.

Os estudos que analisam a literatura de viagem produzida por mulheres viajantes durante os séculos XVIII e XIX aumentaram nas últimas décadas, e com eles mudanças no entendimento dos discursos produzidos por elas. Esse crescimento teve seu início durante os anos 1990 com trabalhos realizados por pesquisadoras como Mary Louise Pratt (1999) e Sara Mills (1993), e segue crescendo como podemos ver nos estudos que catalogados por Benjamin Colbert em um banco de dados¹⁷ focado na produção de mulheres britânicas. As pesquisas realizadas por Mills e Pratt buscavam sair de um consenso que até então se fazia sobre a maneira pela qual essas mulheres viajantes se colocavam em suas narrativas. Nas análises anteriores afirmava-se que seguiriam uma linha diferente da escrita masculina, que tinha como base o

¹⁶ GRAHAM, Brasil, 1990, p. 101. Original: “*Much that might be interesting I have omitted, partly because I have not so correct a knowledge of it, as to venture to write it; much, because we are too near the time of action to know the motives and springs that guided the actors; and much, because neither my sex nor situation permitted me to inform myself more especially concerning the political events in a country where the periodical publications are few, recent, and though by law free, yet, in fact, owing to the circumstances of the times, imperfect, timorous, and uncertain.*” (GRAHAM, Brazil, 1824, p.76).

¹⁷ Viajantes como Aphra Behn com *Oronooko* de 1688, Lady Mary Wortley Montagu com *Turkish Embassy Letters* (1718; pub 1763), *Two Voyages to Sierra Leone* (1793) de Ana Maria Falconbrigde, *Letters from France* (1790-96) de Helen Maria Williams, *Letters Written During a Short Residence in Sweden, Norway, and Denmark* (1796) de Mary Wollstonecraft são alguns exemplos que tiveram seus relatos publicados antes de Maria Graham. No *Database of Women's Travel Writings, 1780-1840 (DWTW)* realizado pelo Dr Benjamin. Colbert faz parte do projeto maior *British Travel Writing* da Universidade de Wolverhampton, que tem um arquivo organizado com informações sobre viajantes mulheres, seus relatos de viagem e biografias de suas vidas para o conhecimento e alcance de quem se interessar a conhecer e estudar essas mulheres que escreveram e publicaram na Bretanha e Irlanda durante o período de 1780-1840.

discurso imperialista e classista, enquanto essas mulheres poderiam ter uma maior sensibilidade em relação a essas sociedades por serem mulheres.

O que os estudos que partem dos anos 1990 vem considerando é que é possível que o discurso narrativo dessas mulheres viajantes pode, sim, ser diferenciado dos masculinos, porém não deixa de carregar o peso da sua cultura hegemônica, do seu lugar de origem e da sua posição perante a sociedade. Mulheres poderiam também tentar divergir de concepções masculinas sobre corpos e ações femininas, mas isso não garantia que nenhum desses discursos estaria presente em suas narrativas, já que fazem parte das construções sociais de cada uma das escritoras, assim como dos escritos masculinos.

O que foi estabelecido a partir desses estudos recentes é que ao invés de apenas ler as escritas dessas mulheres como diferente das escritas masculinas é fundamental considerar as experiências individuais e fatores interseccionais presentes nessas narrativas. Ou seja, buscando o apontamento do gênero, mas abrangendo também a classe, idade, etnia, escolaridade e ideais políticos, compondo assim o contexto histórico inserido em cada uma dessas narrativas. As análises, portanto, nos levaram a entender que não só é preciso estudar as diferenças que existem nas produções e nos discursos masculinos para com os femininos, mas também as suas semelhanças e subjetividades.

Os diários de viagem de Maria Graham foram produzidos no momento em que publicações de literatura de viagem estavam sendo escritas não apenas sobre as Américas, mas também sobre a Ásia e África, e ela mesma publicou diários sobre diferentes regiões. Esse gênero da literatura estava conquistando e afirmando o seu espaço dentro do interesse do público leitor e principalmente desse novo mercado editorial. Maria Graham foi uma das primeiras mulheres a ter reconhecimento em vida das suas publicações e de ter construído uma carreira em cima delas.

O mercado editorial consistia de editores, críticos e leitores que guiavam as preferências do que seria exposto nos relatos, e que acabavam por tratar e receber de formas diferentes as produções realizadas por autores e autoras. Segundo pesquisas recentes, uma quantidade mediana de mulheres aparecia no século XVIII nas listas de impressos de viagens, já durante os anos de 1820 a 1830, uma quantidade relevante dos escritos produzidos por mulheres se tornam realmente presentes nessas listas. Apesar desse aumento, as escritas dessas mulheres ainda enfrentavam as problemáticas comuns presentes no gênero literário, e mantinham cuidado sobre o tom usado na escrita para que essa não ultrapassasse o nível de provocação que seria aceitável partindo de uma narrativa feminina. Enquanto as produções masculinas seguiam recebendo mais atenção e liberdade de escrita, as mulheres lidavam com a marca de “*lady*

traveller”, de escritos somente bibliográficos sem peso científico — mesmo que a ideia de “científico” ainda estivesse em construção do que viria a ser enquadrado como tal ou quem seria um especialista de fato — e de censuras voltadas para o entendimento da sociedade referente a como uma mulher deveria se comportar e se apresentar.

A questão é que ao contextualizar percebemos que essas mulheres ao participarem de viagens, escreverem sobre elas em formato de cartas ou diários, e quando possível, publicá-las, já eram transgressoras do que era destinado como o seu lugar dentro da sociedade e dentro da literatura. A transgressão já começa no primeiro ato de viagem, e por mais que essas narradoras tivessem cuidado com a maneira pela qual retratavam as suas experiências com as escolhas de palavras, selecionando quais informações compartilham e até mesmo buscando enfatizar o seu lugar como mulher, ao se tornarem viajantes e vivenciarem a experiência da viagem relatando seus passos de forma privada ou pública já contrastavam com o que seria o comportamento padrão colocado sobre outras mulheres dentro da sociedade.

Ao que tudo indica, não foram suficientes as precauções de Maria Graham em se comportar com a modéstia e a discrição esperadas na mulher de classe alta. O peso da obra realizada e a atuação da educadora e da artista fizeram com que rompesse os padrões de “omissão” esperados na mulher.¹⁸

Maria Graham faz parte do grupo de mulheres viajantes que buscavam deixar ou criar o que podemos chamar de marcadores que pudessem fazer com que seus leitores não descaracterizassem os seus relatos, acusando-as de não serem femininas ou de não permanecerem em seu lugar destinado. A utilização desses marcadores, recursos discursivos ou personas, se faz presente na maneira de descrever seus atos e como reportar o que gostariam dentro de suas narrativas. Esse esforço narrativo não se dava apenas para que houvesse um interesse mercadológico sobre suas obras ou a valorização intelectual dos seus escritos frente aos escritos de viajantes homens, mas sim para a afirmação e demonstração da consciência da diferença de gênero presente e como ele impactaria a forma como a leitura seria realizada.

Quando Joan Scott escreveu em 1989 sobre como historiadores poderiam utilizar gênero para análise histórica, trouxe que o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, e como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política¹⁹. Nessa análise feita por Scott, o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo uma forma primeira de significar as relações de poder²⁰. Assim sendo, o

¹⁸ LEITE, 1997, p. 37.

¹⁹ SCOTT, 1989, p.23.

²⁰ Ibidem, p. 21.

conceito de gênero foi formulado como crítica às concepções inflexíveis e como proposta de cobrar a historicidade dos discursos e das práticas sociais ditas femininas.

O conceito de gênero também trabalha com a questão de que se alguém que é considerado do gênero feminino, não sendo a única forma de classificação, seu gênero é constituído pelos diferentes contextos de raça, classe, etnia, sexualidade e diferenças regionais de identidades construídas de acordo com seus espaços²¹. Novamente afirmamos aqui que é impossível separar o gênero das interseções políticas e culturais pelas quais ele foi e está sendo constituído e mantido. A questão de gênero carrega a presença dessas demandas ou concepções derivadas dos seus espaços, essas expectativas ao serem reconstruídas ou desafiadas acabam por causar transtornos por saírem daquilo que foi se afirmado como parte das “relações naturais”, que na realidade podem fazer parte das relações de poder constituídas historicamente nesses espaços por esses corpos.

Portanto se aplica em como essas demandas e situações se fazem presentes nas escritas dos diários de viagem, não há como realizar uma leitura de um diário de viagem produzido por uma mulher sem levar em consideração sua questão política e cultural de gênero, pois elas influenciaram as experiências vivenciadas e escritas pelas viajantes durante suas viagens.

Os relatos consistem em uma frequente tensão entre a defesa de posições mais convencionais relativas ao comportamento feminino e as atuações ou opiniões da autora contrapostas ao ideal de domesticidade²². Constituindo assim um novo sujeito feminino que poderia estar buscando alcançar um espaço maior e de maior relevância dentro da sociedade, mas ao mesmo tempo tendo cuidado como a maneira que seu comportamento e discurso poderia ser recebido.

A tensão das relações de gênero e de poder influenciam a maneira que esses textos foram compostos desde sua produção até a sua publicação, sendo assim, não há como a escrita da literatura de viagem de mulheres não ser afetada por essas relações. Ao Graham se afirmar como mulher durante sua narrativa, percebemos uma forma de consciência sobre si, e em relação a essas diferenças sociais, e a necessidade de se localizar como um sujeito. E essa localização poderia tanto ser em formato de afronta ou de constatação e aceitação de uma posição social e cultural de gênero designada a ela.

Maria Graham ao não evitar seu sujeito como gênero feminino, se identificando como mulher, acaba na dinâmica de responder às expectativas frente ao que foi designado como comportamento feminino, ao mesmo tempo que se afirma como sujeito de sua história. A

²¹ BUTLER, 1990, p. 4-5.

²² FRANCO, 2008, p.151.

maneira pela qual a viajante pode atingir esse equilíbrio ou buscar o afrontamento é pelo uso de ferramentas ou formatos dos seus discursos para afirmar seus posicionamentos. Akel (2007) aponta que Maria Graham constrói personas que em um momento posam como uma mulher da sociedade, em outro como uma intelectual, outro como uma mulher independente, e no próximo momento como uma heroína respeitável.

Deste modo, o gênero de Maria Graham está conectado com a construção da personalidade ou personagem que se apresenta em suas narrativas frente aos seus leitores e também para si mesma. Essas construções, transformações ou adequações de discursos ou de personas podem ser entendidos através da análise de gênero desenvolvida por Judith Butler, referente aos atos de performatividade.

Atos de performatividade são formas de discurso autoritário: a maioria das performatividades, dessa forma, são enunciados que, ao proferir, também realizam uma determinada performance e exercem um poder vinculado. Implicado em uma rede de autorização e punição, as performatividades tendem a incluir sentenças judiciais, batismos, inaugurações, declarações de propriedade, declarações que não apenas atuam em ação, mas conferem um poder vinculante à ação realizada. Se o poder do discurso de produzir aquilo que nomeia está ligado à questão da performatividade, então o performativo é um domínio em que o poder atua como um discurso.²³ (tradução nossa)

Os atos de performatividade e a performatividade para Butler significam a repetição de atos sociais que realizam identidades não-essencialistas (direcionadas ao gênero). Em uma forma de primeiro se adequar no seu espaço, ou para que se possa enfrentar esse espaço que está performando. A leitura performativa de Butler da identidade de gênero explica a capacidade de ação dos indivíduos. Longe de serem capturados em uma espiral de repetições normativas, os indivíduos são capazes de identificar as transgressões através de reiterações que podemos considerar como subversivas. Os atos de performatividades acontecem com a necessidade de um corpo de se fazer presente em um espaço, e ele toma forma de discurso no caso da escrita da literatura de viagem feminina.

“A performatividade pode ser uma forma política de empoderamento para uma mulher reagir ao seu espaço social, político e cultural do seu espaço imediato”²⁴ (tradução nossa). Ou

²³ BUTLER, 1993, p. 225. Original: “*Performative acts are forms of authoritative speech: most performatives, for instance, are statements that, in that, in the uttering, also perform a certain action and exercise a binding power.4 Implicated in a network of authorization and punishment, performatives tend to include legal sentences, baptisms, inaugurations, declarations of ownership, statements which not only perform on action, but confer a binding power on the action performed. If the power of discourse to produce that which it names is linked with the question of performativity, then the performative is one domain in which power acts as discourse*”.

²⁴ BARCLAY; RICHARDSON, 2013, p.179. Original: “*Performance may therefore be politically empowering for women reacting to the social, political and cultural constraints of their immediate environment*”.

seja, de acordo com o espaço que está e das circunstâncias que a afetam, essa performatividade irá se manifestar na forma de poder, ou em forma de defesa.

A análise de Butler diz que esse corpo de gênero performático não tem status ontológico separado dos atos que constituem a realidade. É a partir de uma realidade fabricada que é como uma essência interior, que sofre um efeito em função ou em colaboração com o discurso público e social. Que está sob uma regulação pública da fantasia do que foi criado e constituído como uma política superficial do corpo que controla essas fronteiras de gênero, do que entendemos e esperamos do gênero. Mas essa realidade e essas fronteiras podem e acabam sendo atravessadas pelos atos de performatividade.

O termo performatividade faz parte da discussão na teoria da literatura, de gênero e nas humanidades em geral. E desempenha um papel importante para compreender questões de identidade política, gênero, teorias da narração ou compreensão dos processos e da análise social. Com base nessa análise de Judith Butler, e com a contribuição e análise realizada por Sidonie Smith sobre performatividade autobiográfica (*autobiographical performativity*), entre outros pesquisadores, os atos de performatividades autobiográficas estão presentes na literatura de viagem, funcionando como um meio de autoconstrução que opera simultaneamente com outras inúmeras formas de expressão e formação do eu/*self*. Smith propõe uma leitura performática da autonarrativa ou autobiografia como forma de desdobrar as implicações que envolvem essa escrita dentro dos termos de identidade, formação e espaço. A narrativa autobiográfica que é entendida como um ato performático se constitui de interioridade. Assim, para Smith, a narração autobiográfica se torna um meio pelo qual o sujeito acredita ser um “eu”.

Embora as performances de si sejam associadas frequentemente com interações físicas no “palco do mundo”, a escrita também sofre e apresenta a oportunidade da performance de si²⁵. Assim como as performances físicas, o ato de escrever também ajuda e constrói o eu, mesmo que ele não seja a prioridade do texto, torna-se a forma pela qual é expresso na escrita.

Dessa forma, dentro da construção da narrativa do eu realizada pela viajante Maria Graham, analisamos a presença desses atos de performatividades ou a manifestação de suas performances — que no caso da nossa fonte se faz presente de acordo como se constituiu o discurso transmitido em sua narrativa — através desses relatos de experiências da viajante presente em reuniões de líderes locais, ou das reuniões em espaços privados de mulheres das sociedades por ela visitados. Ou no formato da escolha das transcrições de documentos, ou da escolha de palavras e modos de apresentar cada situação por ela vivenciada. Essas escolhas nos

²⁵ BARCLAY; RICHARDSON, 2013, p. 179.

permitem questionar se derivam do cunho editorial, do cunho do estilo da escritora ou pela experiência pessoal de Maria Graham, e fazem parte das performances que identificamos na pesquisa.

Dentro desses atos de performatividades identificados, a pesquisadora encontrou a ferramenta discursiva utilizada pela viajante na forma do que chamamos de *personas*, e de acordo com que essa *persona* pretende expor, comunicar e expressar suas posições, opiniões o formato do discurso ou do relato se transforma, se constrói e/ou atravessa fronteiras impostas ao gênero feminino no qual Maria Graham é designada a representar e se apresentar. Uma forma de compreender como essa performatividade funciona dentro do contexto da escrita da mulher viajante é através da percepção exposta por outras pesquisadoras da viajante que observam a presença de *personas* dentro da narrativa de Graham.

As *personas* foram divididas nessa pesquisa em duas categorias para compreender a fronteira na qual a viajante Graham se encontrava. A primeira *persona* apresentada foi intitulada como *Lady Graham*: que apresenta e discursa com comportamentos convencionais ou que podemos colocar aceito como “padrão” ao comportamento de mulheres/femininos. A segunda *persona* apresentada é a *Independente Graham*: que apresenta e discursa com comportamentos disruptivos ou que podem ser considerados fora do “padrão” estipulados ao comportamento de mulheres/femininos. Essas *personas* se correlacionam e atravessam dentro da narrativa da viajante, não há uma linha clara e definitiva entre elas, e não se limitam a apenas essas duas classificações. São esses atravessamentos que possibilitam a formação dessas *personas*, e através dessa divisão podemos compreender a construção da narrativa de Maria Graham.

1.1. Lady Graham — Comportamentos convencionais

Para compreendemos como a *persona* que chamamos aqui de *Lady Graham* apresenta seus atos e como foi composta no discurso apresentado por Maria Graham no decorrer do seu diário de viagem no Brasil e no Chile, devemos considerar alguns fatores importantes na composição dessa *persona* ou na necessidade de sua existência para que a narrativa da viajante seja lida e construída.

Não há como falar sobre essa *persona* que denominamos de *Lady*, se a própria ideia de *Lady* já não estivesse pré-concebida pelo contexto em que a autora está inserida. Uma mulher da sociedade vitoriana, pertencente a uma *middle class* da Grã-Bretanha com uma família com tradição na Marinha Real britânica, tendo em sua bagagem uma educação derivada de escolas

tradicionais, localiza-a em um lugar e espaço no mundo. Sendo esse lugar ou espaço de acordo com que a própria escritora visualiza de si ou não.

As concepções que esse “lugar” designa a viajante são pressupostas aos conceitos formulados por uma sociedade específica que buscava como orientação um certo padrão como correto, uma moralidade comportamental. Uma forma padronizada de entender corpos, pessoas e espaços. Por isso o uso do termo “convencionais”, porque era o que estava de acordo com a ideia padronizada de como uma mulher devia se portar perante a sociedade. Entendemos que como uma mulher branca educada da classe média britânica pertencente a esse cenário, não há como a viajante não cair nos conceitos criados para serem seguidos, seja de forma consciente ou por serem baseados na orientação e socialização que sofreu durante sua formação como pessoa. Assim, em sua escrita e no seu discurso essa socialização se manifesta. O que questionamos aqui é até que ponto essa manifestação da persona *Lady Graham* acontece em forma de socialização ou de manobra de discurso tanto físico quanto escrito, e quanto em ato de performatividade.

O processo da escrita dos relatos de Maria Graham se inicia com a partida da fragata *Doris* do porto pertencente a terras inglesas e todo o processo da experiência de vida em alto mar que faz parte daqueles que viajam no início do século XIX, que já estabelecia uma longa e cansativa viagem para todos. O que destacamos é que a viajante não era marinheira de primeira viagem, a vida dentro de um navio fazia parte de algo que a mesma já havia passado e realizado acompanhando seu pai, o Capitão Dundas, bem como com seu marido em missões para a Marinha Real inglesa. A vida no navio que é relatada por Maria Graham é baseada nas paradas que a fragata realiza no meio dos seus caminhos aos seus destinos finais, relatos do dia a dia da embarcação, comentando sobre as questões climáticas e agitações do oceano, com citações dos filósofos e literatas favoritos da viajante para explicar ou destacar momentos que fazem parte da narrativa da mesma. O dia a dia a bordo é lido através da textura das citações e a preocupação com as dificuldades enfrentadas em alto-mar, além de relatos que reforçam o seu lugar a bordo da fragata *Doris*, tal como sua assistência na escola.

Nossa escola para os rapazes de bordo está agora bem organizada, com grande honra para o Sr. Hyslop, nosso mestre-escola. A dos guardas-marinha vai muito bem; funciona na cabine de frente, às vistas do comandante. A presença deste é não somente uma ameaça à vadiação e ao barulho, mas um incentivo ao esforço. Ele está muito ansioso por torna-los aptos a serem oficiais e homens do mar capazes e bons cavalheiros, tanto no mar como em terra.²⁶

²⁶ GRAHAM, Brasil, 1990, p. 118. Original: “*Our school for the ship's boys is now fairly established, and does Mr. Hyslop, our school-master, great credit; that for the midshipmen is going on very well, being kept in the*

A hierarquia das funções e a importância de sua manutenção são outros fatores apresentado dentro desses relatos, é como se a narradora estivesse nos apontando a importância do seguimento da ordem para que a convivência e o projeto final fossem bem-sucedidos. Seja seguindo as ordens do Capitão ou do mestre da escola. Para afirmar o seu lugar do porquê de estar realizando a viagem, Maria Graham costuma nos lembrar da sua relação com o Capitão Graham, seu marido, e relata algumas das situações que seriam de comum agrado e de função pré-estabelecida de anfitriã, de representante da elegância e da importância do seu marido que era o símbolo e o representante da Grã-Bretanha.

Quinta-feira, 4 [de outubro]. — Recebi a bordo a visita de Madame do Regô, uma das suas filhas, Miss Stewart e vários cavalheiros. A maior parte dos convidados ficou enjoada com o jogo de navio, causado pela pesada ressaca na ancoragem. Eles estavam, contudo, encantadíssimos com a visita, especialmente com os foguetes com que por ocasião da partida saudamos as senhoras, que nunca tinham visitado uma fragata britânica.²⁷

A Senhora Graham era a anfitriã dos encontros políticos e sociais que seu marido e sua tripulação recebiam a bordo, e como tal não faltam narrativas da viajante sobre esses momentos de recepção dos membros das elites e de interesses políticos, era o seu “papel” dentro desse contexto e ela o assumia como tal. Além da preocupação com as dinâmicas do Capitão da fragata, o mesmo tipo de comportamento em relação à preocupação e cuidado era voltado para os marinheiros ou para outros membros de sua família que estivessem a bordo ou em terra. Um dos momentos mais tensos da narrativa de Graham ocorre quando a mesma passa por um terremoto no Chile, enquanto narra os efeitos que o desastre natural causou na região onde estava, segue informando aos seus leitores a preocupação que tinha em relação aos seus companheiros de viagem, e principalmente seu paciente, Glennie, seu primo.

Nunca esquecerei a horrível sensação daquela noite. Em todas as outras convulsões da natureza, sentimos ou imaginamos que algum esforço possa ser feito para evitar ou mitigar o perigo; mas de um terremoto não há nem abrigo nem fuga: a "louca inquietação" que agita todo coração, e olha em todos os olhos, parece-me tão terrível quanto o último julgamento pode ser; e lamento que a minha ansiedade pelo meu paciente ultrapasse outros sentimentos, eu não senti a devida porção do terror sublime: mas eu olhei em volta e eu o vi. Em meio ao barulho da destruição atrás e ao redor de

fore-cabin under the captain's eye. The boys have his presence, not only as a check to idleness or noise, but as an encouragement to industry. He is most anxious to make them fit to be officers and seamen in their profession, and good men and gentlemen both at sea and on shore” (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 90).

²⁷ Ibidem, p. 151. Original: “*Thursday, 4th. - Received Madame do Rego, one of her daughters, Miss S., and several gentlemen, on board. Most of the party were sea-sick, from the rolling of the ship, caused by the heavy swell at the anchorage. They were, however, highly charmed with their visit, particularly with the fireworks with which we saluted the ladies, who had never been on board a British frigate before, on their departure*” (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 120).

nós, ouvi os mugidos do gado durante toda a noite; e ouvi também os gritos das aves marinhas, que não cessaram até a manhã.²⁸ (tradução nossa)

Apesar de abatida pela condição do terremoto, Graham informa que não há tempo para ficar com esse sentimento de aflição por conta da situação infortuna, pois há quem precisava da sua atenção e cuidado. Existe uma necessidade em se colocar como útil, de estar à disposição e ser a pessoa a ser procurada para soluções e apoio, como se existisse uma constante necessidade de se provar, e também de se fazer e demonstrar sua importância.

O que podemos nos questionar aqui é que Maria Graham apresenta uma característica comum na literatura de viagem produzida por mulheres que é a apresentação da característica dos instintos maternos, da ideia da maternidade. Sendo essas mulheres mães ou não, a preocupação e o cuidado eram características que deviam estar presentes no comportamento padrão e elas são, portanto, apresentadas aos leitores através dos seus escritos. A maternidade e a caridade foram exploradas no discurso oitocentista feminino como termos correlatos com vistas a reproduzir a ideia de que a renúncia dos interesses individuais em prol dos mais necessitados era para a mulher algo natural e quase genético, visto que era passado de “mãe para filha”²⁹. Tanto que não é apenas para os seus conhecidos próximos que a viajante vai direcionar esse cuidado, mas também para desfavorecidos, escravos, indígenas, realizando visitas em igrejas e em hospitais como uma forma de doar o seu tempo àqueles em necessidade. Fazer esses tipos de atividades e a necessidade de relatá-las pode nos apresentar que a viajante tinha consciência que era preciso apresentar certas características para ser aceita dentro de uma concepção de comportamento de gênero, assim localizamos uma persona voltada à maternidade.

Esse comportamento materno acaba por gerar outra forma de característica designada a mulheres: não se fazer presente, não ser vista, a não ser que seja necessária, ser presente no âmbito privado para não ser foco ou estar em ambientes públicos. Tirando quando sua presença é designada como necessária ou simbólica. Mulheres que se respeitavam e respeitavam seus familiares tinham de se manter reservadas, mas existe uma dificuldade intrínseca de se manter reservada quando se é uma viajante e escritora. O exercício de se pensar nessa dificuldade

²⁸ GRAHAM, Chile, 1824, p. 305-306. Original: “*Never shall I forget the horrible sensation of that night. In all other convulsions of nature we feel or fancy that some exertion may be made to avert or mitigate danger; but from an earthquake there is neither shelter nor escape: the "mad disquietude" that agitates every heart, and looks out in every eye, seems to me as awful as the last judgment can be ; and I regret that my anxiety for my patient overcoming other feelings, I had not my due portion of that sublime terror : but I looked round and I saw it. Amid the noise of the destruction before and around us, I heard the lowings of the cattle all the night through; and I heard too the screaming of the seafowl, which ceased not till morning.*” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 305-306).

²⁹ FRANCO, 2017, p. 13.

também se faz presente nos relatos de Maria Graham, a forma que ela encontra de aludir uma forma de introspecção ou de contentamento com o espaço delimitado para mulheres, utilizando uma retórica de humildade ou de autodesqualificação.

Eu juntei algumas Flor de Soldado, (Scarlet celsia), e a Barba de Viejo, um arbusto com uma pequena flor agregada crescendo em cachos, que tinha cheiro da rainha da campina, andromeda e a fúscia: de modo que, considerando que ainda não é a temporada de flores, estou sendo muito bem-sucedida. Me desculpe, eu saber tão pouco de botânica [e falar sobre elas], eu gosto muito de plantas. Mas adoro ver seus hábitos, e conhecer de que países são, e os seus usos; e parece-me que a nomenclatura da botânica é concebida para manter as pessoas à distância de qualquer conhecimento real de uma das mais belas classes de objetos da natureza. Por que dar um nome tão longo e frio para coisas tão adoráveis como rosas, jasmims e violetas?³⁰ (tradução nossa)

A viajante tem um grande interesse por questões botânicas, e por diversas vezes em seus relatos de viagem ela apresenta informações sobre as plantas que encontra tanto no Brasil quanto no Chile, se a mesma não tem conhecimento sobre a planta em questão, ela busca quem pode lhe dar a informação. O interesse de Graham sobre essa questão vai além do nível de curiosidade, é principalmente científico, pois não apenas acha essas flores bonitas, mas tem o desejo de saber suas utilidades, além de cataloga-las desenhando com a maior proximidade possível para análise posterior.

O tamanho do seu interesse é encoberto diversas vezes como no caso acima ao pedir desculpas por não deter tanto conhecimento, ou por passar uma informação que tem chance de estar errada. Mesmo quando dá avisos sobre as possíveis incoerências, a viajante segue trazendo o quesito da humildade ao conjunto dos seus relatos.

O que ousei escrever é, confio, correto quanto aos fatos e datas. Destina-se a ser mera introdução, sem a qual o diário daquilo por que passei durante a estada no Brasil seria dificilmente inteligível.³¹

Logo na introdução do seu diário de viagem ao Brasil essa preocupação se manifesta, o trecho acima é a continuação da citação que abre esse capítulo. A tendência de pedir licença e

³⁰ GRAHAM, Chile, 1824, p. 155. Original: “*I had gathered the Flor de Soldado, (scarlet celsia) the Barba de Viejo, a shrub with a small aggregate flower growing in clusters, and smelling like queen of the meadow, andromeda, and the lesser fúscia: so that, considering that it is not yet the season of flowers, I had been pretty successful. I am sorry I know so little of botany, because I am really fond of plants. But I love to see their habits, and to know their countries and their uses; and it appears to me that the nomenclature of botany is contrived to keep people at a distance from any real acquaintance with one of the most beautiful classes of objects in nature. What have harsh hundred syllabled names to do with such lovely things as roses, jasmims, and violets?*” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 155).

³¹ Graham, Brasil, 1990, p. 101. Original: “*What I have ventured to write is, I trust, correct as to facts and dates; it is merely intended as an introduction, without which, the journal of what passed while I was in Brazil would be scarcely intelligible*” (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 76)

se justificar faz parte da abertura dos diários e segue aparecendo conforme a informação que a viajante disponibiliza. É como se ela colocasse um alerta para que não se reclamasse sobre a veracidade das informações, uma forma de segurança não apenas para si, mas para os seus leitores. Esse tipo de retórica não aparece em relatos produzidos por homens que, mesmo não tendo informações ou conhecimentos aprofundados sobre questões políticas, ou datas, ou sobre o uso de plantas e ervas, apenas apresentam as informações, pois alimentam seus relatos.

A retórica de humildade ou de depreciação que podemos verificar em diversos relatos femininos, não se faz presente nos masculinos em geral, pois a persona ou a representação que esses homens buscam passar se diferem das que as viajantes mulheres deveriam apresentar. Identificamos assim uma forma estratégica de relatar, uma busca de balancear o interesse de expor e compartilhar com seus leitores os conhecimentos e informações que coletou, com a ideia de respeito e cuidado ao transmitir essas informações para um público que poderia não gostar da sua escrita, baseado na falta de humildade que ela pudesse transparecer.

Foi uma bela noite e a pequena viagem de barco para Botafogo parece que fez bem a Glennie; mas tivemos o desgosto de verificar que nem as provisões que eu comprara haviam chegado, nem o empregado, que um de meus amigos prometera enviar-me. De modo que ficamos sós e sem jantar, mas, Deus louvado, não sem socorro. Nas minhas excursões já aprendi o bastante para não ser dependente; e assim, após algum tempo, consegui da venda próxima um chá aceitável para dar ao doente, e mandei-o deitar-se de ânimo bem levantado. Não tive tempo para sentir-me bastante abatida.³²

A construção do trecho acima está de acordo com a maneira que a viajante dispõe aos seus leitores as situações mudadas que passou durante a experiência de viagem. Ao discorrer sobre elas busca mostrar apontamentos específicos, como o cuidado com outros, a expressão de humildade, a solução de problemas e a experiência para lidar com as situações. O discurso de Graham parece buscar cuidado na escolha das histórias a serem contadas no decorrer do diário, por isso a presença do cuidado com seu primo Glennie e as necessidades a serem providas para o lugar de sua estadia, além de sua ida a hospitais ou inquietações com o comportamento de mulheres, entre outras formas de orientações presentes no decorrer da sua narrativa.

³² Graham, Brasil, 1990, p. 265. Original: “*It was a fine evening, and the little voyage in the boat to Botafogo seemed to do Glennie good ; but we had the mortification to find that neither the provisions I had bought in the town had arrived, nor the servant one of my friends had promised to procure me. So we were alone and supperless, - but, thank God, not helpless. I have learned so much in my wanderings as not to be dependent; and so, after a time, I had from the huckster's shop in the neighbourhood a tolerable tea to give my invalid, and sent him to bed in pretty good spirits, and took time afterwards to be pretty miserable myself.*” (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 220)

Ao buscar o caminho da ajuda, Graham faz parte de um lugar destinado a mulheres: o do cuidado. A presença dessa característica é explorada pela viajante de maneira que ela não negue a característica de afirmar sua importância e sua habilidade de soluções de problemas, mas sempre atrelada àquela do cuidado destinado à maternidade, considerado feminino e parte do “papel” da “*Lady*”, a persona que ela constituiu para esse lugar.

Não há como a viajante não praticar o mesmo discurso ou ter resíduos desse discurso construído a partir da base estrutural de sua sociedade presente na sua subjetividade. Por mais que por vezes suas escolhas e ações se apresentem como pensadas e estratégicas, podem fazer parte da leitura de mundo por onde ela parte como uma mulher de classe média, branca, britânica que se expressa de acordo com a sua percepção social. O que questionamos é qual seria o ponto em que essa socialização, ou sua estratégia de discurso presente tanto na forma presencial para angariar informações quanto na escrita para angariar leitores, foram constituídas através dos atos de performatividade provindos da mulher viajante e de suas personas.

1.2. Independente Graham — Comportamentos disruptivos

Durante o desenvolvimento da viagem e a construção de sua narrativa podemos observar a ênfase que a viajante faz ao se afirmar como uma escritora mulher, principalmente a partir do Diário do Chile, momento no qual a viajante ganha uma nova perspectiva através de uma perda: o falecimento do seu marido.

Com o fim da tutela direta do marido, Maria Graham se identifica como viúva e solitária, suas ações, opiniões e decisões partem diretamente de sua decisão de onde ir, onde permanecer e que lado apoiar. Não há como estipular como seria a narrativa da viagem se o seu marido não tivesse adoecido e continuado sua missão pela América do Sul, mas podemos observar que até mesmo a decisão de permanecer no Chile após a morte do seu marido, mesmo com a possibilidade de retornar à Inglaterra são indicativos que uma certa independência se faz presente na trajetória da sua viagem, por isso a persona aqui foi nomeada como *Independente Graham*.

Apontamos que, por conta do falecimento do seu marido, a viajante ganha controle dos seus destinos na América do Sul, mas isso não quer dizer que afirmamos que a viajante não tinha liberdade ou era totalmente submissa enquanto estava casada — algo que seria comum no século XIX e parte da demanda de ser casada nesse período —, apontamos que tal fator fez com que a viajante pudesse escolher de onde e quanto vivenciar essas experiências e espaços, não

estando diretamente mais ligada ou pré-determinada pelo trajeto que a fragata *Doris* realizava, ou o trajeto que seria realizado pelo seu marido, ex-capitão.

A utilização do termo disruptivo é aplicada em nossa análise para compreender comportamentos que fogem da ideia da padronizada de como mulheres oitocentistas deveriam reagir, responder ou se comunicar segundo as normativas sociais esperadas delas, sejam nas maneiras comportamentais ou na sua forma de narrativa. Apontamos que nem sempre o disruptivo tem um significado ou impacto dramático, tão somente um ato que se desloca do que esperado, já pode ser considerado uma perturbação da ordem social estipulada para o gênero, mesmo que não cause nenhum outro comportamento disruptivo ou um grande distúrbio em relação a estruturas. Ao utilizar essa terminologia buscamos pontuar situações e trechos dentro da narrativa de Maria Graham, na qual as atitudes ou os relatos evidenciam desacordos ou comportamentos que não condizem com aqueles determinados como parte do “papal” ou das afirmativas do comportamento feminino. Também podemos localizar através das escolhas, modelos e tipos de discursos produzidos pela viajante que emancipam ou estabelecem negociações e desafios, aqueles que podem ser lidos como disruptivos frente à realidade do século XIX.

Identificamos na narrativa de Graham essas situações que causam ou demonstram o comportamento de quebra com o padrão através do relato de quando ela recebeu notícias de que a cidade de Recife passava por uma situação de sítio, ou seja, de conflito e incerteza. Seu primeiro desejo é ir conhecer a cidade, sem hesitação alguma, seu desejo de conhecer e relatar essa experiência é maior do que a percepção de segurança, e ela faz questão de ressaltar o ocorrido aos seus leitores. Assim como também relata um dos primeiros encontros do Capitão Graham e sua comitiva com lideranças locais e como essas lideranças a chamaram para participar da reunião política e estratégica que ocorria.

Dentro de breves minutos um homenzinho simpático, falando razoavelmente o francês, chegou e disse-me que o governo desejava a minha companhia. Suspeitei um erro no emprego da palavra governo por governador e tentei declinar a honra, mas nenhuma recusa foi aceita; o homenzinho informou-me ser ele o secretário do governo; em consequência ajudou-me a apear e mostrou-me o caminho do palácio. O saguão estava cheio de homens e cavalos, como uma estrebaria de acampamento, exceto um canto que servia de hospital para os feridos nas últimas escaramuças. Os gemidos dos últimos misturavam-se estranhamente às bulhentas e alegres vozes dos soldados. As escadas estavam tão apinhadas que subimos com dificuldade. Vi então que iria defrontar com a plena força do governo provisório[...]. Informaram-me amavelmente que não leriam a carta enquanto eu estivesse esperando fora, mas logo que se sentaram o secretário leu-a alto. Em vez de tomar qualquer conhecimento do conteúdo, o secretário começou um longo discurso, expondo a injustiça do governador português e do governo em relação ao Brasil em geral e aos pernambucanos em particular; para resistir a essa injustiça, haviam eles formado o presente e respeitável governo, em face da junta, sem intenção de provocar o menor detrimento dos direitos

do rei; certamente não poderiam ser chamados de rebeldes, já que marchavam sob a bandeira real de Portugal, mas Luís do Rêgo poderia com razão ser acusado como tal, pois que havia atirado contra aquela bandeira. [...] Mas como eu entendia pouco a língua, perdi muitas coisas, tanto quanto meus companheiros. Mas não tenho dúvidas que se destinavam a impressionar a respeitável junta com uma alta ideia acerca da capacidade e eloquência do seu secretário.³³

A primeira reação da viajante é relatar aos seus leitores que ela se recusou a participar da reunião, mas o desejo dos membros por sua presença era tanto que não teve como escapar dessa situação, e ela se nutre das informações passadas pelos membros da Junta. O distúrbio aqui se localiza tanto naqueles que a chamam para a reunião, fato no qual ela se apoia para participar, quanto na persistência da viajante em não apenas relatar o ambiente que a cercava, mas a temática política que a envolvia, buscando se desculpar por qualquer falha que venha a cometer por conta do não conhecimento da língua.

Esse relato apresentado na primeira parte do diário de viagem ao Brasil é apenas o começo de uma narrativa que foca cada vez mais nesses processos políticos, mais do que em qualquer outra temática, assim a própria autora modifica seu formato de discurso. Regina Akel (2007) diz que a voz da viajante e seu comportamento se modificam de acordo com a localidade em que ela se encontra, e que a viajante adquire uma voz autoritária de um membro de uma sociedade civilizada, observando uma sociedade mais primitiva com o objetivo de relatar suas conclusões a seus conterrâneos.

A análise de Akel (2007) condiz com a forma que a viajante configura o seu texto, utilizando-se de uma forma de discurso que se mistura entre criar um imaginário de humildade e, quando existe uma leitura ambiciosa em relação às informações e dados compartilhados, ela adquire uma voz afirmativa e confiante que condiz mais a uma narrativa derivada de um ator masculino. A concepção dessa adoção de um posicionamento masculino vem da necessidade que a viajante sente para afirmar sua presença e voz de autoridade, voz que não é dada para escritoras mulheres, mas que costumam ser a causa de muitas decidirem fazer parte da literatura

³³ GRAHAM, Brasil, 1990 p. 148-149. Original: “*This, however, was not permitted. In a few minutes, a smart little man, speaking tolerable French, came and told me the government desired my company. I suspected a mistake of the word government for governor, and endeavoured to decline the honour; but no denial could be taken, and the little man, who told me he was secretary to government, accordingly assisted me to dismount, and showed me the way to the palace. The hall was filled with men and horses, like a barrack stable, excepting a corner which served as an hospital for those wounded in the late skirmishes, the groans of the latter mingling uncouthly with the soldiery's cheerful noisy voices. The stairs well so crowded, that we got up with difficulty, and there I found that I was indeed to be confronted with the whole strength of the provisional government. [...] They politely told me they would not read the letter while I was waiting below, but as soon as we were seated, the secretary read it aloud. Instead of taking any notice of its contents, the secretary began a long discourse, setting forth the injustice of the Portuguese governor and government towards Brazil in general, and the Pernambucans in particular; that in order to resist that injustice, they had formed the present respectable government, pointing to the junta, without intending the least detriment to the rights of the king*” (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 118-119).

de viagem nesse período, que garantiria algum espaço ou importância por conta da popularidade e natureza do gênero literário.

O Chile é obviamente um país marítimo, assim como é ligado com a terra pelos Andes das províncias do Leste, e o deserto de Atacama daqueles ao norte, que eu, se eu fosse seu legislador, enviaria toda ambição de conquista em direção ao mar. O dia de São Pedro deveria ser um espetáculo nacional e naval: eu distribuiria prêmios a pescadores e barqueiros; eu concederia recompensas honorárias aos oficiais; Eu receberia e responderia a petições e representações de todos os que estivessem ligados ao mar; em suma, nesse dia eu sentiria que a proteção do governo andaria de mãos dadas com a classe mais útil e importante que deveria ser mais favorecida entre os cidadãos chilenos.³⁴ (tradução nossa)

O posicionamento nessa passagem é extremamente assertivo e carrega uma leitura de alguém que está ligada diretamente com o governo, e não de alguém que está observando de fora, o que deveria ser o caso da viajante.

O que é estipulado por Akel (2007) durante sua análise é que, durante sua narrativa, Maria Graham empresta o seu diário para que a voz de Lorde Cochrane sobre as questões do Chile seja ouvida, já que o mesmo não tem mais força política dentro do contexto britânico, e foi descartado pelas forças políticas chilenas. Tendo ou não a viajante emprestado o seu espaço no diário ao Lorde Cochrane, sua interpretação e seus entendimentos em relação às questões políticas do Chile são diretamente ligadas aos posicionamentos do capitão. Dessa forma ela não se sente prejudicada ao utilizar das palavras do mesmo para reforçar que o governo chileno poderia fazer mais e melhor para seu objetivo se focassem em questões que levassem o Chile a conquistar a Independência da sua região de maneira mais efetiva. E que essa efetividade fosse expressada aos leitores do diário como força representativa de quem buscava a liberdade e o caminho da civilidade para essa sociedade. Aqui temos uma inversão de lugares, no sentido de que não é um homem que abre espaço para uma mulher falar, e sim uma mulher que cede espaço para um homem se pronunciar, pois concorda com sua posição e enxerga uma dedicação à causa.

Por conta do seu gênero e por ser uma mulher viúva, Maria Graham não tem um lugar na sociedade chilena na década de 1820, portanto a viajante acaba construindo um lugar para si dentro dessa sociedade, e o lugar que ela escolhe é o cercado pela intelectualidade e o uso da

³⁴ GRAHAM, Chile, 1824, p. 163. Original: “Chile is so obviously a maritime country, shut up as she is to landward, by the Andes from the eastern provinces, and the desert of Atacama from those to the north, that I would, were I its legislator, turn every feeling and passion towards the sea. St. Peter's day should be a national and naval spectacle: I would distribute prizes to fishermen and boatmen; I would bestow honorary rewards on officers; I would receive and answer petitions and representations from all connected with the sea; in short, I would, on that day, let them feel that the protection of government went hand in hand with that of religion over the most useful, and therefore the most favoured class of Chileno citizens” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 163).

escrita do seu diário para continuar presente. Sua ligação com Lorde Cochrane e seu interesse pela política regional podem também ser justificados dessa maneira, assim como seu retorno ao Brasil. O aumento da cobertura das situações da política local fica evidente com a quantidade de relatos voltados às discussões na Assembleia de governos e transcrições de atos e passagens de jornais seguidos pela exposição de suas posições políticas.

1 agosto de 1823 — [...] Já se estão concentrando para esse fim. Vi a artilharia marchando para ali hoje quando estava na cidade, aonde fui para comprar alguns jornais, particularmente o Diário da Assembleia. Acho muito aborrecido que as senhoras não possam assistir às reuniões da Assembleia. Sei que não há qualquer proibição formal, mas a coisa é considerada tão inadmissível que não posso ir. Há uma galeria, para os estranhos, pouco maior em proporção que a da Câmara dos Comuns na Inglaterra, e os debates são publicados. Os deputados falam das próprias bancadas; são um pouco mais cerimoniais no vestuário do que os comuns na Inglaterra, mas não têm nenhum uniforme particular. O presidente muda mensalmente.³⁵

O interesse pelas decisões políticas tomadas sobre a nova situação política luso-brasileira faz com que Maria Graham tenha o desejo de ter uma relação mais próxima com a coleta desses dados, e com o contato direto com essas movimentações políticas, porém ela sofre com bloqueios que perpassam diversas vezes a questão de gênero, muitas vezes sem explicações efetivas do porquê dessas limitações.

Tal como narrado acima, ao ter conhecimento da existência da possibilidade de assistir à assembleia em galerias, a viajante se informa sobre como poderia acessar esses espaços, e recebe como resposta que o fato de ser mulher a impedia sua presença nesse ambiente. O que desencadeia a descoberta de que não existe uma proibição em formato de lei, mas sim uma convenção que a presença de uma mulher em um espaço político não era bem-vinda, ou pelo menos não de interesse de mulheres para que tal medida fosse aceita. É interessante que a viajante deseje que essa entrada do diário permaneça na narrativa, pois enfoca uma questão importante sobre como o acesso a certos espaços por certos tipos de pessoas eram proibidos não em formato de leis, mas em formato de convenções, as quais começam a perturbar a viajante, talvez não no contexto de ação, mas de constatação do fato que vê necessário ser transmitido para quem a lê.

³⁵ GRAHAM, Brasil, 1990, p. 320. Original: “and I saw the artillery marching that way to-day while I was in town, whither I went to purchase some newspapers, particularly the *Diario da Assembleia*. I take it very ill that ladies may not attend the sittings of the assembly: not that I know there is any formal prohibition; but the thing is considered as so impossible, that I cannot go. It is provided with a gallery, scarcely larger in proportion than that of the English House of Commons, for strangers; and the proceedings are published. The members speak standing in their places: they are something more dressed than the Commons in England; but they have no peculiar costume. The President or Speaker is changed monthly.” (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 266).

30 [de Abril] — [...] Ouvi grande número de anedotas hoje, de muitas pessoas de todas as categorias, pelas quais o Sr. Dutens daria qualquer preço para enriquecer os *Souvenirs do Voyageur qui se repose*(*), mas que não escreverei, porque não acho honesto, nem feminino, aceitar a proteção das leis e as boas graças de um país estrangeiro e, em seguida, registrar as fraquezas de seus habitantes para dar a outros a oportunidade de rir deles. Bem, conhecemos os pontos fracos da natureza humana; se forem tratados com delicadeza podem-se emendar. O vício realmente exige o chicote, mas a fraqueza e a doudice devem encontrar indulgência. Numa sociedade em formação como está, estou convencida de que os homens podem ser estimulados à virtude. Se um general chama de bravos os seus soldados antes da batalha, torna-se um ponto de honra comprova-lo. Estivesse em meu poder, e eu antes persuadiria os brasileiros de que possuem todas as virtudes debaixo do céu. É isto melhor do que fazê-los habituados com a última de suas fraquezas, a ponto de perder o horror dela.³⁶

Observamos que Maria Graham condena a ação do seu conterrâneo frente a sua “desonestidade” perante sua fala em relação aos brasileiros, considerando que estes o recebem com respeito e passavam por um processo de modificação de poder delicado que devia ser respeitado por aqueles que em teoria eram mais civilizados e estudados, pois o objetivo final seria que essa nação pudesse se afirmar e avançar em seu processo de formação de estado e civilidade. Ao declarar a sua feminilidade, dá credibilidade a sua fala em um tom de não agressividade para poder discordar do conterrâneo, e afirmar qual seria seu posicionamento, apresentando a possibilidade de ter o “poder” em suas mãos. A forma mais próxima de poder a que tem acesso é a sua narrativa de viagem, pela qual busca também influenciar opiniões através de como escolhe transmitir seus relatos. Ao ter o conhecimento do poder de discurso, e o utilizar na sua escrita para que seus leitores a interpretem de maneira agradável para si, e possam olhar para essa sociedade como um modelo parecido ou igual que a mesma observa, já que em diversos momentos defende projetos de independência com um objetivo claro de progresso civilizatório, a zombaria apresentada pelo homem inglês não fazia parte desse objetivo.

Outra característica presente da persona independente de Maria Graham é a posição opinativa e discursiva em relação à situação social e política tanto do Brasil quanto do Chile, ao trazer informações sobre os acontecimentos e desenvolvimentos desses locais, sua opinião e visão eram embutidos no contexto da informação.

Parece, contudo, mais que impossível que as coisas fiquem como estão. A extrema inconveniência de ter tribunais superiores de justiça a uma distância como Lisboa tornar-se cada vez mais sensível, à medida que o país cresce em população e em

³⁶ GRAHAM, Brasil, 1990, p. 273-274. Original: “I heard a great many anecdotes to-day of a great many persons of all degrees, for which M. Dutens would have given any price to enrich the souvenirs of the voyageur qui se repose withal, but which I will not write, because I think it neither honest nor womanly to take the protection of the laws and the feelings of a foreign country, and record the foibles of its inhabitants so as to give others the opportunity of laughing at them. We know well enough the weak parts of human nature: if they are treated tenderly, they may mend. Vice indeed may require the lash, but weakness and folly should meet with indulgence. In a society rising like this, I am persuaded that men may be flattered into virtue. If a general calls his soldiers brave before the battle, it becomes a point of honour to prove so” (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 226-227).

riqueza. Os deputados às Cortes estão muito distantes de seus constituintes para serem orientados em suas deliberações por eles, e o estabelecimento de tantas juntas de governos, cada qual responsável somente perante as Cortes, poderá ser a causa de desordem interna, se não de guerra civil em tempo distante.³⁷

A estrutura do trecho acima demonstra um formato em que Maria Graham buscava trazer informações e expressar sua posição em relação à situação por ela exposta. O caso em questão se apresenta frente ao descaso causado pela má administração e pelo processo colonizador que a Corte lusa realiza sobre os problemas enfrentados no Brasil pelos governos das juntas. Esse processo não era apenas lento por conta da distância, segundo Maria Graham, mas também como o causador dos problemas do território luso-brasileiro que poderiam chegar a uma guerra civil, na leitura feita pela viajante. O trecho nos expõe as questões do aumento de governo de juntas, a disputa de poder entre as Cortes e de como esses processos eram danosos ao povo e à situação luso-brasileira.

Através dessas estruturas Maria Graham cria mecanismos em que procura não apenas informar o seu leitor dos acontecimentos, mas implementar qual sua posição perante eles, e como poderia ser melhor resolvido ou pensado. A informação no seu texto tem peso, e é construída por um caminho de veracidade no formato da narrativa e da visão da viajante. Que é combinada de maneira intrínseca ao posicionamento sobre a situação social ou política relatada.

Foi a forma que encontrou de garantir a informação aos seus leitores e de se posicionar perante a criação dos seus relatos. Utilizando essas ferramentas de discursos a escritora sente mais liberdade para poder expressar suas visões. É possível confirmar uma consciência sobre sua subjetividade — inglesa, *middle class*, branca — e seu uso para melhor desenvolvimento da sua narrativa, utilizando o recurso de personas e dos atos performáticos em busca de transcender ou cruzar os limites impostos ao seu gênero.

Ao entendermos a formação de identidade como um mecanismo performático, essa articulação constitui o seu próprio processo de autoformação, o desenvolvimento do eu/*self*³⁸. Conforme Smith analisava autobiografias — nas quais muitas vezes os relatos de viagem de mulheres, e a própria literatura de viagem está inserida — ela concluiu que autobiografar as narrativas do eu permite que seja possível o fazer e desfazer de identidades, ou seja, de acordo

³⁷ GRAHAM, Brasil, 1990, p. 185-186. Original: “*It appears, however, next to impossible that things should remain as they are. The extreme inconvenience of having the supreme courts of justice so far distant as Lisbon must be more and more felt as the country increases in population and riches. The deputies to the cortes are too far removed from their constituents to be guided in their deliberations or votes by them ; and the establishment of so many juntas of government, each only accountable to the cortes, must be a cause of internal disorder, if not of civil war, at no distant time.*” (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 150-151).

³⁸ SIMON-MARTIN, 2013, p. 234.

com o posicionamento que se coloca como necessário ou que deseja-se transmitir, o formato da autonarrativa se configura ou se adapta. Esses formatos foram apresentados aqui como parte das personas de Maria Graham, que se configuram e se transformam em mais de uma de acordo com a necessidade que a narrativa impõe e nem sempre são claras, podem ser mescladas, o que é o caso em diversos momentos.

Assim, podemos pensar como essa forma discursiva pode ter sido aplicada por Maria Graham em seus Diários de Viagem no Brasil e no Chile, que acabaram tomando forma de uma literatura de viagem carregada da narrativa política local conflituosa e desafiadora, e com a presença da ênfase da sua identificação como mulher que parte de si para fazer a leitura e escrever sobre esses países e essas sociedades que, assim como ela, estão em movimento de descoberta e afirmação. Isso é possibilitado pois as experiências pessoais, nesse caso femininas, são vocalizadas através da sua incorporação dos contextos culturais e sociais, no caso Brasil e Chile dos 1820, que ajudam a constituir o eu, que no caso é a viajante Maria Graham.

2. GALERIA DE ARTE DA DIPLOMATA GRAHAM: PERCEPÇÃO SOCIAL E CULTURAL SOBRE A AMÉRICA DO SUL

No trabalho realizado por Regina Akel (2007) no qual estuda os quatro diários de viagem produzidos por Maria Graham, ela chega conclusões sobre como os personagens que a viajante apresenta entram em alguns planos específicos como de heróis e heroínas ou são demonizados utilizando de certas terminologias para tornar os acontecimentos mais interessantes do que a realidade, selecionando os fatos de acordo com os seus interesses. Afirma também que com o tempo os formatos de discurso da viajante se modificaram porque a experiência da viajante se firmou como autora e editora. Algo que fica evidente é a utilização da sua nacionalidade para compor seus diários, existe uma convicção no discurso de Maria Graham da superioridade derivada da Inglaterra sobre todos, sejam eles seus vizinhos europeus, suas colônias ou os países com os quais realizam comercialização.

A viajante se coloca como uma representante dos valores europeus no novo continente, essa convicção possibilita a enxergar uma forma de superioridade transformada em poder, que ela utiliza para conciliar situações ou para afirmar conceitos morais sobre o quê e quem observa. Em diversas passagens, tanto no diário do Brasil quanto do Chile, ela se vê como uma pessoa pública e como um tipo de diplomata: uma diplomata neutra, o que, segundo a autora, caberia mais a um narrador do que a uma narradora.

As análises de Akel (2007) evidenciam, porém, que essa diplomacia se passava através do discurso de Graham que buscava sempre uma forma de confirmar sua superioridade e autoridade em busca de validar seus relatos e seus discursos. Uma busca também de conciliar os pensamentos atrasados que essas sociedades na América do Sul tinham que eram fornecidas pelos seus colonos com as novas ideias derivadas do seu lugar de origem. A relação entre a narradora e o objeto de escrita sofre impactos por conta dessa linha de discurso e projeção, e a maneira pela qual essa viajante escolhe dar ênfases a certas temáticas mais do que outras também faz parte dessa linha de diplomacia presente em seu discurso.

Em *Os Olhos do Império* de Mary Pratt (1999), no qual a autora não apenas estuda o relato de Graham na América do Sul, mas também o grupo de mulheres e homens viajantes que vieram à América, buscando estudar os comportamentos e os objetivos desses grupos nessas localidades, Pratt apresenta o conceito de Zona de Contato bastante utilizado em diversos trabalhos de literatura de viagem.

A “Zona de Contato” é uma zona composta por pessoas geográfica e historicamente separadas que ao se encontrarem estabelecem situações de coerção, o que é perceptível no

processo colonial e de distinção que os viajantes europeus sentem ao entrarem na América, um espaço novo e de diferenças culturais marcantes.

Existe uma “fronteira colonial” localizada nesses encontros, formando esses “espaços coloniais”, formados quando pessoas de sociedades diferentes, formadas em situações culturais e físicas distintas, entram em contato uns com os outros e estabelecem relações contínuas³⁹ entre si. Ao estabelecer essa relação entre viajantes e nativos dos países visitados, seja marcada por solidariedades ou por relações de força, define-se muitos desses viajantes como batedores avançados do capital⁴⁰. Ou seja, representando os seus lugares de origem, talvez nem sempre diretamente, mas com certeza de forma indireta impondo a esses novos espaços à presença desse poder externo, o que pode causar tensão. Mary Pratt (1999) estabelece que as zonas de contato de Graham residem na identidade no seu sentido de independência pessoal, propriedade e autoridade social mais do que em erudição científica, sobrevivência ou aventurismo⁴¹. Assim, a construção dos diários é mais sobre a composição de *si/self* do que sobre a composição do lugar de poder que representam.

Afirmando que tanto homens quanto mulheres viajantes ocupam um espaço de privilégios de classe e raça que são pressupostos, podemos assumir que são oferecidos aos viajantes um lugar de privilégio e relevância maior diante espaços e grupos de pessoas sobre quem compunham relatos. Dentro dessa concepção, localizamos que a viajante Maria Graham, tal como a viajante Flora Tristan, fazia parte do que foi chamado de *exploratrices sociales*⁴², que consiste em um reformismo social, outro ramo da missão civilizatória, que constitui uma forma de intervenção imperial feminina dentro da zona de contato⁴³. Essas *exploratrices sociales* evitariam linguagens estatísticas especializadas baseadas em autoridades técnicas, mas utilizavam a prática novelística para expressar suas descobertas.

Porém, alguns estudiosos afirmam que essas viajantes não confiam no uso do sentimento como formato de relato. Existe um balanço deliberado pela viajante como observadora e o observado, ou seja, as sociedades por ela visitadas. Tanto Flora Tristan quanto Maria Graham foram os primeiros exemplos de mulheres viajantes que vieram à América luso-hispânica e adquiriram certa notoriedade na segunda metade do século XIX.

³⁹ PRATT, 1999.

⁴⁰ Ibidem, p. 32.

⁴¹ Ibidem, p. 273.

⁴² O termo utilizado por Pratt foi utilizado pela crítica alemã Marie-Claire Hoock-Demarle para discutir o trabalho de Flora Tristan e da germânica Bettina von Armin. A autora justifica o uso do termo porque ela também realiza explorações sociais realizadas pelas viajantes acima ao visitar prisões, portos, mercados e espaços religiosos.

⁴³ Pratt, 1999, p. 276.

Para Akel (2007) os diários da América Latina compartilham poucas semelhanças, mas a estrutura desigual, ou suas diferenças é o que fazem deles notáveis. Acreditamos, porém, que eles contêm múltiplas semelhanças no quesito de engajamento político, interesse na situação social e cultural que estavam sendo compostos, e seus relacionamentos sociais que garantiram à viajante um lugar social mais elevado do que seria alcançado por ela, por exemplo no seu lugar de nascimento, a Inglaterra. Claro que localizamos divergências na escrita dos diários, na realidade, podemos perceber um crescente desenvolvimento da narrativa e das personas de Graham, que tomam forma e ganham espaço no decorrer da sua narrativa. E essa narrativa é composta de uma quantidade significativa de temáticas que a viajante até mesmo chama em seu diário de galeria de arte.

Eu estive olhando para o meu diário das últimas seis semanas, e ficou na minha cabeça enquanto eu lia, que é algo como uma galeria de arte; onde você tem pedaços históricos, retratos, paisagens, natureza morta e flores lado a lado. Cada outra coisa escrita finge ser um todo em si mesma, e ser também história, paisagem ou retrato; e geralmente o autor termina em forma de um quadro de gabinete. Mas meu pobre diário, escrito em um novo país e em um momento de agitação, para dizer o mínimo, pode fingir que não há unidade de design; pois como poderia prever o que acontecerá amanhã? E, como os meus heróis e heroínas (que eu não tenho senão uma proporção escassa do último) são personagens independentes, não posso, como uma escritora de um romance, obrigá-los a figurar em minhas páginas para me agradar, mas eles se governam; e que escrever um Diário é apenas uma espécie de substituto para ler os livros novos do momento, o que certamente eu faria em casa, talvez seja também: a incerteza do fim mantém o interesse.⁴⁴ (tradução nossa)

A leitura que a viajante faz de sua escrita comparando-a com uma galeria de arte condiz com a percepção de que seu diário é um conjunto de acontecimentos e conhecimentos múltiplos, que explora em mais diversas formas o local onde se encontra e busca demonstrar a quantidade de interesses que podem ser localizados na experiência da viajante através da escrita. Ao suscitar que pela natureza da sua escrita ser de experiência e seus personagens serem pessoas reais, ela não tem a liberdade de manipular ou escolher os participantes da história que relata, assim sendo, o diário difere de um escrito de romance. Graham parece querer demonstrar dois pontos nesse trecho: a capacidade dela de coletar diversas informações em seu diário e que nele

⁴⁴ GRAHAM, Chile, 1824, p. 299. Original: “*I have been looking back at my journal of the last six weeks, and it struck me as I read it that it is something like a picture gallery; where you have historical pieces, and portraits, and landscapes, and still life, and flowers, side by side. Every other thing written pretends to be a whole in itself, and to be either history, or landscape, or portrait; and generally the author finishes it for a cabinet picture. But my poor journal, written in a new country and in a time of agitation, to say the least of it, can pretend to no unity of design; for can I foresee what will happen to-morrow? And, as my heroes and heroines (by-the-bye, I have but a scanty proportion of the latter,) are all independent personages, I cannot, like a novel-writer, compel them to figure in my pages to please me, but they govern themselves; and that, where to write a journal is only a kind of substitute for reading the new books of the day, which I should assuredly do at home, is perhaps as well: the uncertainty of the end keeps up the interest.*” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 299).

não é possível conter distorções, pois não está construindo esses personagens, eles são reais, a história que narra está acontecendo e não há como prever ou escolher o caminho que ela irá tomar. Por mais que esse possa ser o desejo da escritora, seus relatos nos demonstram que o que foi escolhido para ser exposto nessa galeria de quadros está de acordo com as preferências e objetivos da escritora.

Entre cada um dos quadros expostos na galeria, os relatos de viagem de Maria Graham, algumas temáticas se destacam mais que outras e entre elas está o grande interesse que a viagem acaba tendo em relação a costumes e comportamentos dos membros da sociedade do Brasil e do Chile, mas principalmente em como essas sociedades eram compostas por pessoas de diferentes etnicidades que constituíam a estrutura social da sua base até ao seu topo. A percepção dessas distinções e de quem eram essas pessoas e onde elas se localizavam demonstra uma leitura ampla sobre a sociedade com qual a viajante Maria Graham se deparou e o desejo de compreender como essas camadas funcionam e coexistiam. Para ela não parece bastar conhecer ou relatar apenas uma parte das sociedades, mas sim os seus diversos grupos, utilizando-se assim do espaço que mulheres adquirem tanto no público quanto privado. As temáticas expostas fazem parte da grande galeria de assuntos presentes em seus diários que ajudaram a pensar, compreender e se utilizar das estruturas sociais no Brasil e do Chile.

2.1. Escravidão: Mercado de vidas negras

A viagem de Maria Graham ao novo continente acontece em um momento de grande discussão política na Grã-Bretanha sobre o discurso de abolição da escravidão e impactos dela na sociedade frente aos novos desafios presentes no novo modelo econômico que começava a se estabelecer. Ao sair da Inglaterra e entrar em contato com a estrutura de sociedade e econômica dos países da América do Sul, a viajante tem de encarar de perto uma realidade escravocrata mais vívida e presente do que aquela que vista pelas ruas de Londres, e com uma consciência ou com um nível de discussão diferente daquele que ela encontraria nos espaços europeus, pois a realidade e as práticas dessas duas regiões se distanciavam por interesse econômicos e sociais divergentes.

A viajante, assim como uma grande parcela de seus conterrâneos, apresentava discordâncias e desgosto com as práticas escravocratas que encaravam ao andar nas ruas, visitar casas e ir a jantares nos mais diferentes espaços da sociedade luso-brasileira, onde os relatos sobre escravidão se apresentam de forma mais presente e persistente. A comercialização de pessoas negras vindas da África é algo que incomoda a viajante ao ponto que durante um dos

seus primeiros contatos com a sociedade luso-brasileira o relato apresentado é referente à escravidão desses corpos negros.

Não tínhamos dado cinquenta passos no Recife quando ficamos inteiramente perturbados com a primeira impressão de um mercado de escravos. Era a primeira vez que tanto os rapazes quanto eu estávamos num país de escravidão, e por mais que os sentimentos sejam penosos e fortes quando em nossa terra imaginamos a servidão, não são nada em comparação com a visão tremenda de um mercado de escravos. Estava pobremente abastecido, devido às circunstâncias da cidade, que faziam com que a maior parte dos possuidores de novos escravos os conservassem bem fechados nos depósitos. Contudo cerca de cinquenta jovens criaturas, rapazes e moças, com todas as aparências da moléstia e da penúria, consequência da alimentação escassa e do longo isolamento em lugares doentios, estavam sentados e deitados na rua, no meio dos mais imundos animais. O espetáculo nos fez voltar ao navio com o coração pesado e com a resolução “ruidosa, mas profunda” de que tudo o que pudéssemos fazer no sentido da abolição ou da atenuação da escravatura seria considerado pouco.⁴⁵

A visão do mercado de escravos é o local que choca a viajante e aqueles que a acompanhavam, pois era a primeira vez que se encontravam em um país de escravidão. A clara desconsideração com esses corpos escravizados é algo que impacta a todos, e, mesmo com a cidade de Recife em estado de sítio, ainda era possível encarar o cenário perturbador que esses mercados tinham ao persistirem com o seu funcionamento, mesmo com a situação política e com o mercado estando em baixa, um pensamento que a assusta. Nesse momento a viajante parece também confirmar algo que estava no plano do imaginário, que era o fato de que para atos e mentalidade civilizada chegar nesse lugar, no Brasil, muito teria que ser feito, muito mais do que simplesmente a abolição da escravidão, pois o tamanho do dano e do atraso dessa sociedade eram maiores do que poderiam ser imaginados. Quando a mesma está na Bahia, se depara com o desembarque de africanos tratados como mercadoria, e a mesma nos fornece a informação da ilegalidade de certos processos.

[...] durante o último ano setenta e seis navios partiram deste porto para a costa d’África, e é sabido que muitos deles tomarão os escravos ao norte da linha, a despeito dos tratos em contrário. Mas o sistema de documentos falsos está tão hábil e tão geralmente organizado que a apreensão está longe de ser fácil e são tais as dificuldades

⁴⁵ GRAHAM, Brasil, 1990, p. 134. Original: “*We had hardly gone fifty paces in to Recife, when we were absolutely sickened by the first sight of a slave-market. It was the first time either the boys or I had been in a slave-country ; and, however strong and poignant the feelings may be at home, when imagination pictures slavery, they are nothing compared to the staggering sight of a slave-market. It was thinly stocked, owing to the circumstances of the town ; which cause most of the owners of new slaves to keep_ them closely shut up in the depôts. Yet about fifty young creatures, boys and girls, with all the appearance of disease and famine consequent upon scanty food and long confinement in unwholesome places, were sitting and lying about among the filthiest animals in the streets. The sight sent us home to the ship with the heart-ache : and resolution, "not loud but deep," that nothing in our power should be considered too little, or too great, that can tend to abolish or to alleviate slavery*” (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 105).

que surgem para se obter a condenação de qualquer navio negreiro, que só por acaso é possível detê-los.⁴⁶

Portanto, Graham não apenas desprezava o mercado de escravos, como também tinha informações sobre leis e tratados criados frente ao processo de abolição da escravidão e demandas que a Inglaterra começava a ter em relação a esse tipo de comércio. A inflação que Graham narra é referente à proibição de embarque de africanos nos navios negreiros ao norte do Equador, imposto pela Inglaterra após abolir o tráfico em suas colônias em 1807, como uma das formas de combate à escravidão. A viajante fica ultrajada não apenas em relação ao mercado de escravos, mas por conta das ilegalidades que ele realizava para continuar exercendo o trânsito de pessoas sem se preocupar com a ilegitimidade para continuar as negociações de vidas. Em todas as cidades luso-brasileiras nas quais Graham ficou, entrou em contato com mercado de escravos, o maior e de mais impacto na sua narrativa é o da cidade do Rio de Janeiro.

Há na cidade um ar de pressa e atividade bem agradável aos nossos olhos europeus. No entanto todos os portugueses fazem a sesta após o jantar. Os negros, tanto livres quanto escravos parecem alegres e felizes no trabalho. Há tanta procura deles que se encontram em pleno emprego e têm, naturalmente, boa paga. Lembram aos outros aqui o menos possível a condição servil, a não ser quando se passa pela rua do Vallongo. Então todo o tráfico de escravos surge com todos os seus horrores perante nossos olhos. De ambos os lados estão armazéns de escravos novos, chamados aqui peças, e aqui as desgraçadas criaturas ficam sujeitas a tôdas as misérias da vida de um negro novo, escassa dieta, exame brutal e açoite.⁴⁷

O mercado de Vallongo é citado na primeira e na segunda parte dos relatos de viagem ao Brasil, e sua extensão é algo que comove a viajante. O trecho acima se refere ao período de 1821, primeiro ano de Maria Graham no Brasil. Seus relatos sobre o mercado buscavam a simpatia dos seus leitores clamando que até mesmo o ar pesado, e que olhos feito os dela, os olhos europeus não poderiam lidar com tanta incivilidade, nem mesmo o sorriso desses homens condenados à servidão diminuiriam o impacto da miséria humana que estava encarando.

⁴⁶ GRAHAM, Brasil, 1990, p. 191. Original: “*Within the last year, seventy-six ships have sailed from this port for the coast of Africa; and it is well known that many of them will slave to the northward of the line, in spite of all treaties to the contrary : but the system of false papers is so cunningly and generally carried on, that detection is far from easy and the difficulties that lie in the way of condemning any slave ship, render it a matter of hazard to detain them.*” (GRAHAM, Brazil, p.156).

⁴⁷ Graham, Brasil, 1990, p. 208. Original: “*There is in the city an air of bustle and activity quite agreeable to our European eyes ; yet the Portuguese all take their siesta after dinner. The Negroes, whether free blacks or slaves, look cheerful and happy at their labour. There is such a demand for them, that they find full employment, and of course good pay, and remind one here as little as possible of their sad condition, unless, indeed, one passes the street of the Vallongo ; then the slave-trade comes in all its horrors before one's eyes. On either hand are magazines of new slaves, called here peices; and there the wretched creatures are subject to all the miseries of a new negro's life, scanty diet, brutal examination, and the las*” (GRAHAM, Brazil. 1824, p. 170).

No diário de viagem podemos localizar uma iconografia que retrata o mercado de escravos, podemos julgar que não apenas a viajante via potencial em retratar o que acontecia nesses mercados, mas sua editora também. A utilização de iconografias tinha o intuito de atrair público e atizar a curiosidade dos leitores. Transmitir em formato visual o que Maria Graham retratava em palavras potencializa o que o mercado representava ao seu público. Em 1823, mesmo sob o comando do agora então Imperador do Brasil, o mercado segue existindo e sua existência segue sendo motivo de desagrado e símbolo de atraso para a viajante.

Vi hoje o Val Longo [Vallongo]. É o mercado de escravos do Rio. Quase todas as casas desta longuíssima rua são um depósito de escravos. Passando pelas suas portas à noite, vi na maior parte delas bancos colocados rente às paredes, nos quais filas de jovens criaturas estavam sentadas, com as cabeças raspadas, os corpos macilentos, tendo na pele sinais de sarna recente. Em alguns lugares as pobres criaturas jazem sobre tapetes, evidentemente muito fracos para sentarem-se. Em uma casa as portas estavam fechadas até meia altura e um grupo de rapazes e moças, que não pareciam ter mais de quinze anos, e alguns muito menos, debruçavam-se sobre meia porta e olhavam a rua com faces curiosas. Eram evidentemente negros bem novos. Ao aproximar-me deles, parece que alguma coisa a meu respeito lhes atraiu a atenção; tocavam se uns nos outros para certificarem-se que todos me estavam vendo e depois conversaram no dialeto africano próprio com muita vivacidade. Dirigi-me a eles e olhei-os de perto, e ainda que mais disposta a chorar. Fiz um esforço para lhes sorrir com alegria e beijei minha mão para eles; com tudo isso pareceram êles encantados; pularam e dançaram, como que retribuindo as minhas cortesias. Pobres criaturas! Mesmo que pudesse eu não diminuiria seus momentos de alegria, despertando neles a compreensão das coisas tristes da escravidão; mas, apelaria para os seus senhores, para os que compram e para os que vendem, e lhes imploraria que pensassem nos males que traz a escravidão, não somente para os negros, mas para êles próprios e, não somente para êles, mas para suas famílias e para suas descendências.⁴⁸

Existe um exercício da viajante ao relatar as condições que as pessoas negras escravizadas passavam, principalmente nesses mercados que deixam claro o tratamento delas como produtos, como se fossem gado ao serem por exemplo, chamados de “peças”. Além de trazer o elemento sentimental de comoção e desprezo pela situação em que essas pessoas

⁴⁸ GRAHAM, Brasil, 1990, p. 274-275. Original: “*May 1st. - I have this day seen the Val Longo ; it is the slave market of Rio. Almost every house in this very long street is a depot for slaves. On passing by the doors this evening, I saw in most of them long benches placed near the walls, on which rows of young creatures were sitting, their heads shaved, their bodies emaciated, and the marks of recent itch upon their skins. In some places the poor creatures were lying on mats, evidently too sick to sit up. At one house the half-doors were shut, and a group of boys and girls, apparently not above fifteen years old, and some much under, were leaning over the hatches, and gazing into the street with wondering faces. They were evidently quite new negroes. As I approached them, it appears that something ,about me attracted their attention ; they touched one another, to be sure that all saw me, and then chattered in their own African dialect with great eagerness. I went and stood near them, and though certainly more disposed to weep, I forced myself to smile to them, and look cheerfully, and kissed my hand to them, with all which they seemed delighted, and jumped about and danced, as if returning my civilities. Poor things! I would not, if I could, shorten their moments of glee, by awakening them to a sense of the sad things of slavery ; but, if I could, I would appeal to their masters, to those who buy, and to those who sell, and implore them to thin k of the evils slavery brings, not only to the negroes but to themselves, not only to themselves but to their families and their posterity.*” (GRAHAM, Brasil, 1824, p. 227-226).

estavam, podemos ver um trabalho para demonstrar o quanto a abolição da escravidão se fazia necessária e como a continuidade desses atos fazia com que a sociedade fosse atrasada e dificultaria o seu progresso. Pelo olhar da viajante, não há como progredir em um espaço de escravidão, pois ela não somente impacta de maneira negativa os negros, mas também os brancos que os detêm, a desgraça que a escravidão causava era uma via dupla de atraso.

O exercício de Graham de sentimentalizar e de argumentar a necessidade do fim da escravidão deixa explícita uma posição política sobre esse mal do século XIX. O caminho civilizatório não chegaria ao Brasil do Império de D. Pedro I enquanto essa relação se mantivesse. Por conta dessa posição clara, uma das temáticas mais exploradas no Diário do Brasil da viajante é voltada à escravidão. A historiadora Maíra Guimarães Duarte Porto (2017) considera o diário um documento antiescravidão, o que condiz com o debate do país de origem da viajante, a Grã-Bretanha. Para a historiadora, o diário tinha uma proposta de propaganda tanto no sentido de tonificar a importância da independência do Brasil e o fortalecimento de D. Pedro I como um liberal, quanto como propaganda abolicionista mesmo que o próprio imperador não fizesse parte dessa mesma ideia.

Ao analisar os relatos de Maria Graham foi percebido por Duarte Porto o uso e a variação da palavra liberdade para tratar de duas temáticas específicas — em inglês *liberty*, *freedom* e/ou *free* —: escravidão e Independência. Ela especula que para a escritora viajante o Brasil está subjugado à Portugal da mesma forma que os escravos estão aos seus mestres. Ela trata essas duas situações com a mesma paixão em seus diários, defendendo a abolição da escravidão por ser um modelo econômico-social pouco lucrativo e cruel, e reconhece que a Independência é o melhor caminho para o Brasil, pois como colônia oferece mais riquezas em recursos naturais e mão de obra que a metrópole.⁴⁹

Logo, a escravidão era um dos empecilhos para que o Brasil pudesse alcançar sua liberdade completa das amarras estabelecidas por Portugal, e, mesmo após o processo de declaração de Independência pelo Imperador D. Pedro I, ainda deixava fragmentos que tinham de ser destruídos para que se alcançasse a real liberdade do povo e governo do Império luso-brasileiro.

⁴⁹ PORTO, 2017, p. 81.

2.2. Caciques: Encontro com as populações originárias

Se a questão da escravidão e a sua abolição é uma temática que aparece com frequência no Diário do Brasil, a questão que se apresenta com frequência no Diário do Chile é direcionada para as situações das populações indígenas com uma leitura de maior alcance, buscando conhecer sobre os seus costumes, comportamentos e relacionamentos pessoais, tanto como as relações desses povos com as lutas, políticas e lideranças políticas que os cercavam.

A presença desses povos em sua narrativa é algo marcante dentro da literatura de viagem, principalmente em questão das populações originais do Chile. E é a diferença que, segundo Ángela Pérez-Mejía (2004), destaca o trabalho de Maria Graham frente a outros viajantes, a maneira como ela observa e descreve em seus relatos essa presença que não teria como ser apagada nas relações históricas do Chile.

As relações coloniais aparecem nos relatos da viajante tanto nas formas de agressões que o processo colonizador da Espanha causou a essas populações, na maneira que esses povos passaram a ser percebidos, ou da nova dinâmica de poder estabelecida entre as diferentes formas de poder desejadas pelas elites hispano-chilenas e da própria Casa Real da Espanha. A viajante por muitas vezes enfatiza as relações a favor aos processos de Independência.

As proclamações mais conciliatórias dirigiam-se aos índios, que eram convidados como irmãos a se unirem à causa da independência, e esperavam que se unissem aos patriotas contra os espanhóis. O governo doméstico parecia também estar se acomodando em tranquilidade.⁵⁰ (tradução nossa)

A presença significativa dos relatos sobre as populações indígenas é localizada desde a introdução do Diário que trata dos processos históricos do Chile até o momento da chegada da viajante britânica na região. Dentro de sua concepção de compartilhar informações sobre as comunidades indígenas e sobre o governo local, configurava introduzir os aspectos dessa relação buscando enfatizar a necessidade das alianças entre todas essas comunidades indígenas que não estavam de acordo e sofriam repressões do governo Espanhol.

Em seu entendimento existia uma necessidade de diálogo entre os dois grupos para que conseguissem o avanço ou mudança para o Chile. Alianças se fazem importantes, por mais complicadas que elas possam ser, e se essas alianças não fossem formadas ou se esses diálogos

⁵⁰ GRAHAM, Chile, 1824, p. 51. Original: “*The most conciliatory proclamations were addressed to the Indians, who were invited as brothers to join the cause of independence, and hopes were entertained of their uniting with the patriots against the Spaniards. The domestic government seemed also to be settling into tranquillity*” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 51)

não fossem possíveis, geravam conflitos e dificuldades que causariam atraso e perdas para o caminho da sustentação da Independência do Chile.

Os índios que foram convidados por Rodriguez para se juntarem à guerra contra nós tinham um ódio incontestável aos Portenhos; e no período em que esperávamos que todos os dias caíssem sobre nós, umas delegações de catorze Capitães chegaram a Rosário, enviada pelo Cacique-chefe para tratar com Carrera. Contaram-lhe, em nome de seus respectivos chefes, as grandes recompensas que Rodriguez lhes ofereceram por seus serviços; mas declararam que nunca poderiam tomar parte com seus inimigos insidiosos, os Portenhos; e quanto às recompensas oferecidas a eles, prefeririam lutar em companhia de bravos homens, independente de recompensas, do que a favor de tais covardes como eles sabiam que os Portenhos eram, não importava quaisquer que fossem os presentes que pudessem os oferecer. Eles deram a entender para Carrera que seus Caciques-chefes estavam extremamente ansiosos pela sua aliança e proteção; e que eles [Capitães] estavam autorizados a conceder-lhe qualquer quantidade de índios que ele [Carrera] precisava.⁵¹ (tradução nossa)

O trecho acima foi retirado do Apêndice do Diário de viagem do Chile, no qual ela comenta com mais profundidade as relações que a família Carrera, principalmente José Miguel Carrera, teve em relação aos processos de lutas da Independência do Chile e região. E as relações que o mesmo teve de fazer para conquistar espaço, proteção e elos. Para qualquer processo ou luta que acontecesse nos territórios do Chile, havia uma negociação com aliados de cada uma das regiões e esses se diferem tanto dentro do aspecto das elites hispânico-chilenas, os criollos e os europeus, tanto dentro do plano dos povos nativos que não tinham acordos entre si durante esses processos, cada um desses escolhiam lados a apoiar perante suas próprias divergências, ou divergências com quem eles se alinhavam.

Esses processos de alianças eram algo que fascinavam a viajante Graham, pois demonstravam a complexidade de processos políticos de todas as formas de acordos, que se faziam necessários para iniciar combates ou para lidar com processos de lutas e estabilização da Independência. No caso dessa região específica da América do Sul era necessário também manejar ou construir alianças com a população indígena, já que ela detinha certa forma de poder oriunda de sua quantidade e pelo seu conhecimento do espaço geográfico, que não poderia ser

⁵¹ GRAHAM, Chile, 1824, p. 416. Original: “*The Indians who were invited by Rodriguez to join in the war against us had an unconquerable hatred to the Portenos; and at the period in which we expected them every day to fall upon us, a deputation of fourteen captains arrived in Rosario, sent by the principal cacique to treat with Carrera. They told him, in the names of their respective chiefs, of the very great rewards which Rodriguez had offered them for their services; but declared they could never take part with their insidious enemies the Portenos; and as to the rewards offered them, that they would sooner fight in company with brave men, independent of emolument, than they would in favour of such cowards as they knew the Portenos to be, notwithstanding any gifts they might offer. They made known to Carrera that their chiefs would be extremely ambitious of his alliance and protection; and that they were authorised to grant him any number of Indians he would require*” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 416).

subjugado. Mas isso não quer dizer que as relações entre os povos originários e as elites, sejam elas europeias ou hispano-chilenas eram estáveis, ou realizadas de maneira não colonizadora.

Quando os franciscanos começaram a conversão dos índios nesta parte do Chile, eles fixaram seu convento em Talagante, a aldeia das palmeiras pela qual passamos outro dia sendo seus prosélitos os caciques de Talagante, Yupeo e Chenigue. Os bons padres descobriram que os índios podiam ser mais facilmente conduzidos para uma nova fé do que desmamados de certas práticas supersticiosas pertencentes à sua antiga idolatria [o nome da religião podia mudar, mas tirar certas práticas eram mais difíceis]; e a dança anual sob a sombra da árvore da canela permanecia, [eles] realizam em homenagem e preservação do Poder, [os franciscanos] achavam impossível fazê-los esquecer [dessa cerimônia]. Eles, portanto, permitiram que eles [os índios] continuassem; mas apenas podia ser realizado dentro dos muros do convento, e em honra de Nuestra Señora de la Merced, e cada cacique, por sua vez, tinham que dar suporte para a despesa da cerimônia.⁵² (tradução nossa)

As abordagens em relação aos nativos continuam do ponto de referência do colonialismo e de como esses povos eram entendidos e vistos naquele momento, ainda simbolizavam o atraso, e a necessidade de sua submissão à nova cultura e à nova sociedade fazia parte dos planos de todas as vias de poder na região do Chile. Maria Graham relata processos bem comuns para a colonização desses corpos, o papel do cristianismo estava presente e com força na região da América do Sul, e no Chile não seria diferente. Os formatos de intervenções seguiam certos padrões como no caso que a viajante refere acima, um ritual de dança que esse grupo realiza para agradecer um dos seus guias, mas é transformado pelos franciscanos como uma homenagem a *Nuestra Señora de la Merced*, uma forma de inserir a nova demanda cultural aos poucos. Tal estratégia é vista com certa normalidade por todos ao redor, e no discurso da viajante não existe nenhuma objeção à tática, mesmo sabendo que ela está sendo aplicada. Porém, a reação e a formulação do relato que Maria Graham expõe sobre a apresentação dos nativos se difere do que seria comum a estrangeiros.

Eu me considerei uma felizarda em ter me encontrado com esses dançarinos [indígenas que estavam realizando o ritual], e me agradou a ideia que eles eram descendentes dos Promaucianos, que tinham resistido aos Incas em seus esforços para subjugar o país, e que, depois de corajosamente disputar a posse das terras com os

⁵² GRAHAM, Chile, 1824, p. 264. Original: “When the Franciscans first began the conversion of the Indians in this part of Chile, they fixed their convent at Talagante, the village of the palms which we passed through the other day, their proselytes being the caciques of Talagante, Yupeo, and Chenigue. The good fathers found that the Indians were more easily brought over to a new faith, than weaned from certain superstitious practices belonging to their old idolatry; and the annual dance under the shade of the cinnamon, in honour of a preserving Power, they found it impossible to make them forget. They therefore permitted them to continue it; but it was to be performed within the convent walls, and in honour of Nuestra Señora de la Merced, and each cacique in turn was to take upon him the expense of the feast” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 264).

espanhóis e acabando sendo induzido a uma aliança [com eles] que até então não tinham desertado.⁵³ (tradução nossa)

A viajante tem um interesse real sobre essas populações nativas locais, em conhecer seus processos históricos, saber das diferenças entres povos e suas disputas. Existe uma beleza que a viajante parece querer compartilhar sobre essas comunidades, e que em vários momentos do diário são apresentadas ao seu público leitor com um olhar detalhado e delicado ou até mesmo cuidadoso sobre as diferenças comportamentais e culturais. Não podemos afirmar uma valorização dessas culturas pelas palavras de Graham, mas podemos identificar um apreço em relação ao que se compartilha sobre elas, o diferente ou não comum não parece assustar a viajante, e sim a instigar.

Uma diferença apresentada por Ángela Pérez-Mejía (2004) frente a outros viajantes como Graham é o quesito de como ela observa e descreve em seus relatos a população indígena do Chile, buscando até mesmo, com o cuidado do uso do termo, um tipo de humanização dessas pessoas. Apontando tanto o sofrimento passado por eles por conta dos processos dos colonizadores espanhóis quanto em relação ao que os confrontos com a elite crioula chilena, presentes nos novos processos de independência, muitas vezes no meio do fogo cruzado, outras vezes como participantes diretos e outras como sobreviventes de genocídios. O contato e as relações entre essas populações nativas e a elite hispano-chilena também não faltavam aos olhos e relatos da viajante.

Fiquei muito satisfeita [...] quando vi várias garotinhas de aparência selvagem entrarem na sala, correrem até ele [O'Higgins] e se agarrarem em seus joelhos. Descobri que eram pequenas órfãs índias resgatadas da matança no campo de batalha. Parece que os índios, quando fazem suas incursões nos terrenos recuperados, trazem consigo suas esposas e famílias; e se uma batalha acontecer e ficarem em desvantagem, as mulheres geralmente participam da batalha também. E se eles a perderem [a batalha], não é incomum que os homens acabem por matar suas esposas e filhos para evitar que caiam nas mãos do inimigo [...].⁵⁴ (tradução nossa)

As relações entre essas comunidades de etnias ou de referenciais culturais diferentes eram mais comuns do que os leitores de Maria Graham poderiam imaginar, ou até mesmo que

⁵³ GRAHAM, Chile, 1824, p. 265. Original: “I considered myself very fortunate in having met with these dancers, and pleased myself with the idea that they were the descendants of the Promaucians, who had resisted the Incas in their endeavours to subdue the country, and who, after bravely disputing its possession with the Spaniards, being once induced to make a league with them never deserted them” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 265).

⁵⁴ GRAHAM, Chile, 1824, p. 207. Original: “I was very much pleased... when I saw several wild looking little girls come into the room, and run up to him [O'higgins], and cling about his knees, and found they were little orphan Indians rescued from slaughter on the field of battle. It appears that the Indians, when they make their inroads on the reclaimed grounds, bring their wives and families with them; and should a battle take place and become desperate, the women usually take part in it. Should they lose it, it is not uncommon for the men to put death their wives and children to prevent them from falling into the hands of the enemy...” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 207).

a própria viajante poderia compreender. Nos detalhes dessas interações podemos encontrar indicativos dos processos coloniais e das explorações e balanços existentes nesse período que foram coletados e apresentados nos diários. Dentro da classificação e da concepção dos que seria considerado civilizados e daqueles que seriam considerados selvagens, aqueles que tinham ações civilizadas e aqueles que se considerava ter ações de barbárie. O ato que é estipulado e considerado bárbaro para a viajante, no caso dessas crianças “selvagens” seria a tradição de matar as esposas e filhos caso perdessem suas batalhas, aliado ao fato de O’Higgins acolhê-las, que mostrava o seu lado civilizado. Essas observações sobre a sociedade chilena e a sua diversidade na sua composição intrigavam e irritavam a viajante. Ángela Pérez-Mejía (2004) acredita que, ao analisar a sociedade chilena como diversa, a viajante tomava a consciência de ser uma mulher branca inglesa, reconhecendo-se como estrangeira e avaliando essa característica como superior em muitos momentos na narrativa.

E é por isso que Pérez-Mejía (2004) considera o Diário do Chile como um documento etnográfico⁵⁵. Graham reconhece onde estão as diferenças presentes entre ela e seu objeto de estudo e sabe qual é sua posição que deve ser referente a esse local, seja ao se reconhecer como estrangeira ou como superior e, portanto, a clareza de que suas observações e análises contribuiriam para o melhor entendimento de sua análise, e para o melhor caminho: o caminho do progresso da região do Chile.

Pela pesquisa realizada por Pérez-Mejía (2004), a escritora viajante Maria Graham, ao construir a imagem do Chile, construiu a imagem de si mesma e, ao fazê-lo, percebeu-se como uma estrangeira, como a diferente; portanto ao pintar-se como estrangeira dentro do Chile, ela se reafirmou como uma mulher inglesa “civilizada” e construiu a cultura inglesa como uma esperança de progresso de liberdade chileno. Pérez-Mejía argumenta que essa retórica europeia como “esperança econômica” da América Latina é mais um elo de uma cadeia de discursos presentes na literatura de viagem, determinando uma dependência econômica das colônias⁵⁶ que foi desenhada como motivação e afirmação de diversas ações contra as populações locais.

A pesquisadora alega, porém, que é injusto dizer que o diário de Graham tenha por trás um interesse plenamente comercial ou totalmente favorável à Inglaterra, embora muitos viajantes tivessem esse propósito. Maria Graham, entretanto, não era uma emissária ou pertencente a uma empresa com interesse comercial⁵⁷. Como era um fator presente no seu dia a dia, e no período em que vivia, faz-se presente em sua narrativa, seus relatos procurando

⁵⁵ PÉREZ-MEJÍA, 2004, p. 89.

⁵⁶ PÉREZ-MEJÍA, 2004, p. 86.

⁵⁷ Ibidem, p. 91-92.

demonstrar alguns problemas comerciais pelos quais o Chile passava, e junto a eles a representação dos diversos povos e costumes que cercavam essa população.

Graham também sabe escolher o grupo com quem se alia durante sua narrativa, aquele que geralmente fica com o papel de “salvador”, o papel que a viajante aparenta dar a si. O caminho do salvador ou do civilizado está nas mãos de Lorde Cochrane por diversas vezes, o qual retrata como um grande personagem nas dinâmicas políticas do Chile, tanto sua aliança com O’Higgins⁵⁸ quanto suas desavenças com San Martín⁵⁹. Soledad Caballero (2005) analisa que ao Maria Graham trabalhar a história do Chile, apresentando-a desde o Império espanhol, os libertadores da América e os povos indígenas, ela tenta criar uma dinâmica que é de anulação do passado e uma projeção de futuro em forma de cooperação entre esses diferentes povos.

Mais importante ainda, ao escrever sobre a história do Chile ao invés de apresentar de maneira ampla a história indígena e seus conflitos com o Império Espanhol, ela apresenta o Império Britânico como saída e romantiza a situação desses povos. Mas pensamos na necessidade de ressaltar que a maneira pela qual a viajante transmite a realidade desses povos era para ela uma forma nova, com o intuito de catalogar informações sobre essa comunidade que seguia em movimento, apesar dos diversos processos colonizadores que enfrentava. A narrativa da viajante se volta totalmente aos conflitos políticos e econômicos do Chile, aos quais ela tem acesso graças ao meio social em que vive — o único momento em que isso diverge e começa a criar uma inimizade com o país é quando acontece o terremoto⁶⁰, e este se torna o motivo para sua saída do Chile.

⁵⁸ Bernardo O’Higgins Riquelme (1778–1842), nasceu no Sul do Chile, filho de Ambrosio O’Higgins — um oficial da Espanha com origem irlandesa — e de Isabel Riquelme, uma mulher da sociedade chilena. O’Higgins foi um líder revolucionário e o primeiro chefe de Estado do Chile e tinha grande admiração pelo sistema constitucional britânico. Foi o Diretor Supremo de 1817 a 1823 e foi quem comandou as forças militares que ganharam a Independência do Chile. A partir de 1823, O’Higgins viveu exilado no Peru e lá morreu. Ele é clamado até hoje com um dos libertadores da América do Sul.

⁵⁹ José de San Martín (1778–1850) nasceu em Yapeyú na região do Rio de la Plata — onde hoje se localiza a Argentina — foi um soldado argentino, um estadista e um herói que fez parte das revoluções e projetos de Independência contra o Império espanhol na Argentina em 1812, no Chile em 1818 e no Peru em 1821. Ele é também considerado um dos libertadores da região da América do Sul.

⁶⁰ O terremoto que aconteceu em 19 de novembro de 1822 foi observado e relatado por Graham de perto e com uma precisão científica, os dias que o seguiram, com novos tremores, a destruição, e a restauração que foram realizadas pelas comunidades e as autoridades locais. Além da descrição realizada no *Journal of a Residence in Chile*, Graham também escreveu uma carta com mais detalhes para Henry Warburton — um dos fundadores da *Sociedade Geológica de Londres* — que os considerou de grande valor e publicou na revista *Transactions of the Geological Society of London* em 1824 nas páginas 413 a 415. A carta foi transcrita pela Nottingham Trent University, e pode ser localizada no link <http://www4.ntu.ac.uk/hum/document_uploads/75927.pdf>. O relato também foi utilizado por Charles Lyell em 1830 como referência em *The Principles of Geology* para dar suporte a uma de suas teorias. Porém, essa teoria foi rebatida em 1834 pelo então presidente da *Sociedade Geológica*, George Bellas Greenough. Podemos notar que o relato de Graham sobre o terremoto foi debatido entre especialistas da área e suas observações também foram desafiadas. Todavia, é um marco terem utilizado os relatos da viajante para se debater uma questão geológica de maneira científica.

2.3. Aliança: Viajante e elites locais

Na galeria dos relatos apresentados por Maria Graham em seus dois diários de viagem, diversas temáticas se apresentam e tem pesos diferentes no decorrer da narrativa. O relacionamento da viajante com a elite desses países é uma ligação que não pode ser ignorada e foi através de muitas delas que foi possível a coleta de informações e a presença da mesma em diversos espaços não acessíveis para quem não fazia parte desse círculo. Tais conexões começavam através do fato de ser integrante de uma fragata britânica e esposa do seu capitão, que garantiam essa abertura para esses círculos dentro das elites locais, e o modelo que elas foram apresentadas e acolhidas também faz parte da estrutura pela qual a viajante decidiu constituir o seu texto.

Ao voltarmos fomos interpelados em todos os postos, mas as palavras amigas inglesas [ingleses] eram o nosso passaporte, e voltamos ao Recife quando os negros e mulatos nas ruas cantavam áspera e pouco musicalmente, as ave-marias.⁶¹

Até mesmo a viajante consegue reconhecer que por ser inglesa tem um passaporte entre os grupos em disputa ou de espaços sociais diferentes, como na situação na qual o Capitão Graham e sua coletiva puderam transitar pela cidade do Recife, mesmo estando em estado de sítio e foram convidados por ambos os lados do confronto que ocorria (em relação às divergências sobre a Independência do Brasil). O que devemos contar nesse caso era o desejo dos luso-brasileiros e portugueses pela proteção, apoio e preocupação em relação à Inglaterra, dessa forma ter a visita de representantes desse país era um fator motivador e importante. Porém nem sempre esse passaporte era carimbado, durante sua estada em Salvador a viajante teve sua entrada barrada em prédios públicos, porque o governo da Bahia desconfiava de quaisquer estrangeiros.

Outro ponto que afirmava essas relações com as elites locais eram os encontros sociais como jantares, festas ou visitas a que Maria Graham era convidada a participar, e nesse contexto de relações, os espaços antes privados para uma gama de estrangeiros, principalmente homens em espaços políticos, e facilitados para o feminino quando se referiam a casas particulares, ambas essas portas eram abertas com certa facilidade para a viajante. Dessa forma a mesma

⁶¹ GRAHAM, Brasil, 1990, p. 136. Original: “As we carne back, we were challenged at every station; but the words, amigos inglesos were our passport, and we pot to Recife. just as the evening hymn was singing, harshly and urmusically enough, by the negroes and mulattoes in the streets; but yet every thing that unites men in one common sentiment is interesting” (GRAHAM, Brasil, 1956, p. 106-107)

poderia presenciar os comportamentos e modos das Senhoras longe dos olhos da maior parte da sociedade, como por exemplo, o abandono das vestimentas femininas ou o uso de roupas de baixo ao invés das roupas regulares por conta do calor que existia no Brasil, ou as relações das Senhoras com os seus escravos e como essa dinâmica influenciava em atos comportamentais como busca de alimentos ou mesmo locomoção de um lugar ao outro. Sem falar de longas descrições sobre as escolhas de prataria, tapeçaria e organização de ambientes. Nada escapava os olhos da viajante em relação aos lares dessa elite que se mistura entre portugueses, luso-brasileiros e estrangeiros de todos os lugares da Europa.

Sexta-Feira, 19 [de outubro]. – Acompanhei Miss Pennell numa série de visitas a seus amigos portugueses. Como não é costume deles visitar ou serem visitados na parte da manhã, não era lá muito elegante levar uma estrangeira a vê-los. Mas minha curiosidade, ao menos, foi bem paga. Em primeiro lugar, as casas, na maior parte, são repugnantemente sujas. O andar térreo consiste geralmente em celas para os escravos, cavalariças, etc., as escadas são estreitas e escuras e, em mais de uma casa, esperamos em uma passagem enquanto os criados corriam a abrir portas e janelas das salas de visitas e a chamar as patroas que gozavam os trajés caseiros em seus quartos. Quando apareciam, dificilmente poder-se-ia acreditar que a metade delas eram senhoras de sociedade.⁶²

O dia a dia dela muitas vezes consistia em visitar essas senhoras com as quais fazia amizade, sendo elas luso-brasileiras, inglesas ou estrangeiras, e durante suas caminhadas é que temos acesso a muitas informações sobre os cotidianos das ruas das cidades por ela visitadas, tais como os relatos sobre os mercados de escravos ou sobre manifestações em frente a igrejas. Mas são nos encontros em espaços como jantares que a dinâmica entre a viajante e essa elite se apresenta com maiores detalhes, como o desgosto da viajante em relação a alguns comportamentos considerados não femininos ou desajeitados que partiam das Senhoras, ou de como as discussões dos homens chegavam a ser vazias em relação aos problemas enfrentados pela população local. Mas também localizamos encontros em que a viajante costuma relatar seu dia a dia inserindo anedotas que se voltam ao real interesse da mesma: a situação política que esses países, no caso o Brasil, passavam. Não ignorando outras observações típicas de análises desses ambientes privados.

30 [Abril] - Fui cedo à cidade e vi que o paquete inglês havia chegado. Encontrou-se com o esquadrão de Lorde Cochrane perto na Bahia, de modo que o Lorde já deve

⁶² GRAHAM, Brasil, 1990, p. 168. Original: “*Friday, 19th - I accompanied Miss Pennell in a tour of visits to her Portuguese friends. As it is not their custom to visit or be visited in the forenoon, it was hardly fair to take a stranger to see them. However, my curiosity, at least, was gratified. In the first place, the houses, for the most part, are disgustingly dirty: the lower story usually consists of cells for the slaves, stabling &c. ; the staircases are narrow and dark ; and, at more than one house, we waited in a passage while the servants ran to open the doors and windows of the sitting-rooms, and to call their mistresses, who were enjoying their undress in their own apartments. When they appeared, I could scarcely believe that one half were gentlewomen*” (GRAHAM, Brazil, 1824, p.135).

estar lá desde muito tempo. Traz notícias de que o partido monarquista está ficando forte demais em face das Cortes de Lisboa. Passei o dia com a Sra. Rio Seco. Sua casa é realmente magnífica. Tem salão de baile, salão de música, uma gruta e fontes, além de aposentos extremamente belos de várias espécies, tanto para uso da família como das visitas, com louças da China e relógios franceses em número bem maior do que pensaríamos em exibir, mas que não combinam mal com as cortinas de seda e as molduras douradas. O jantar foi pequeno, já que só havia três pessoas, mas servido excelentemente.⁶³

As relações com os membros ou mais especificamente com as mulheres da sociedade iam de acordo com o temperamento ou percepção de Maria Graham. Em diversos momentos há indicativos de um formato de desprezo pela dinâmica e comportamento dessas senhoras, em outro corre em defesa das mesmas, e em outro comunica as intercalações dessas relações. Mas as presenças nesses meios são de importância para a construção do seu Diário, pois seria mais um espaço para angariar suas informações e divulgar os acontecimentos e relações, por isso muitas vezes suas análises ou interjeições são mais assertivas para construir uma relação com seu público leitor.

A relação mais importante com a elite que a viajante tem é com a Família Real, mais precisamente com a Imperatriz Maria Leopoldina. O relacionamento está documentado através dos relatos dos encontros com a Imperatriz e através da visão pública e política que a sociedade tinha sobre Maria Leopoldina; essas informações eram encontradas por Graham nos jornais ou na esfera social que a viajante frequentava. O relacionamento das duas estrangeiras em terras brasileiras e as suas comunicações internacionais podem ser localizados nos fragmentos das cartas que trocadas entre a Imperatriz e a viajante.

Carta de Maria Graham à Imperatriz Leopoldina, 13 de outubro de 1823 – no Rio de Janeiro.

Senhora,

Ainda que vivamente interessada em falar com a Vossa Majestade Imperial com referência ao importante negócio iniciado ontem pela Viscondessa do Rio-Seco, por sugestão, segundo ela me informa, do meu conterrâneo Sir Thomas Hardy, não sei se terei coragem de propor-me para uma tão árdua e importante posição.

Desde que se tratou disso, peço licença para assegurar a Vossa Majestade Imperial que é minha maior ambição tornar-me governante das Imperiais Crianças do Brasil. Que me seja perdoado agora falar de mim. Minha mais cara, direi mesmo, minha única ligação terrena se partiu quando perdi meu excelente e amado esposo na passagem entre o Rio de Janeiro e a costa do Chile. Gosto imensamente de crianças e dedicaria todos os meus pensamentos e sentimentos ao meu encargo, se ele me fosse confiado,

⁶³ GRAHAM, Brasil, 1990, p. 273 Original: “30th. - I went early to town, and found that the English packet had arrived. She fell in with Lord Cochrane's squadron near Bahia, so that His Lordship must be there long ere this time; she brings reports that the royalist party are becoming too strong for the Cortes at Lisbon. I spent the day with Madame do Rio Seco. Her house is a magnificent one; it has its ball-room, and its music-room, its grotto and fountains, besides extremely handsome apartments of every kind, both for family and public use, with rather more china and French clocks than we should think of displaying, put which do not assort ill with the silken hangings and gilt mouldings of the rooms. The dinner was small, as we were only three persons, but excellently dressed” (GRAHAM, Brazil, 1824, p.226).

com o maior ardor, porque não tenho agora nem mesmo os apelos do dever para dividir meu coração ou pensamento.

Ofereço-me a Vossa Majestade Imperial, certa de que uma princesa tão perfeita deve ser a verdadeira diretora dos pontos principais da educação de suas filhas: mas posso prometer ser uma zelosa e fiel assistente. Vossa Majestade Imperial tem o direito de fazer as mais minuciosas investigações a meu respeito, de minha família, relações e caráter, e envaideço-me de que, na Inglaterra, onde sou realmente conhecida, tais investigações darão resultado satisfatório. Nada direi das aptidões e conhecimentos que deve possuir a pessoa tão altamente honrada em ser colocada tão perto das pessoas jovens princesas; Vossa Majestade Imperial é um juiz competente e eu, de bom grado, confio na opinião de Vossa Majestade Imperial, e se houver algum ponto em que eu seja deficiente, ousou crer que o compensarei com o estudo, a que me levam os meus hábitos.

Caso o grande desejo de meu coração se realize, de ficar com as princesinhas, talvez seja vantajoso que eu vá para Europa escolher os livros e outras cousas essenciais para o desempenho da minha interessante missão, satisfazendo, assim, não só aos Augustos Pais de minhas discípulas, mas às esperanças desta nação, que olha para a Família Imperial como o Palácio do Estado, e que há de considerar como um encargo da maior responsabilidade a direção, em qualquer grau de seus filhos.⁶⁴

A carta⁶⁵ que foi trocada entre a Imperatriz e a viajante tem como temática o reconhecimento dela frente a importância de Maria Leopoldina para o cenário da sociedade luso-brasileira e seu interesse em ser protegida pela família imperial luso-brasileira, além de fazer parte da corte através do papel de tutora das filhas dos imperadores. Ao escrever a carta, a viajante exalta seu intelecto, sua experiência e o que poderia oferecer às filhas da Imperatriz, que ninguém além dela poderia fazer, além de também exaltar a Imperatriz como uma pessoa que detém todo potencial de julgar e perceber o potencial de tutora que Maria Graham poderia oferecer.

O que podemos tirar dessa balança de elogios realizada por Graham pode partir da ideia de que tanto ela quanto a Imperatriz compartilhavam uma posição de superioridade ou de competências baseadas em suas histórias, qualidades e conhecimentos. Suas origens e seu local atual seriam, portanto, semelhantes de algum modo ou até mesmo iguais aos olhos da viajante. Ao compartilhar essa relação entre a Casa Imperial e ela, um enfoque que podemos localizar é a preocupação sobre o desenvolvimento que seria disponibilizado e oferecido para o avanço do intelecto e da civilidade das princesas, pois elas foram influenciadas não apenas pela corte que era preenchida por portugueses, e que na visão de Graham continha diversas falhas morais, mas adquiririam uma melhor educação e formação através da postura e conhecimento que a viajante carregava por conta do seu lugar de origem, a Inglaterra, tanto quanto do seu intelecto.

⁶⁴ GRAHAM, 1997, p. 32.

⁶⁵ A entrega da carta para a Imperatriz é relatada no Diário do Brasil. Ela a entregou em uma audiência marcada com o Imperador e a entrega foi realizada nas mãos da Imperatriz, que prometeu respondê-la em dois dias. Localizar em: GRAHAM, Brazil, 1824, p. 320-321.

Devemos considerar a partir desse interesse e desse relato que através da proposta da viajante existe a presença de um desejo de permanência prolongada em terras brasileiras, e não apenas uma passagem. Através de sua postura, a viajante faz entender que tem interesse em uma estadia de longa duração desse lado da terra. A ideia de permanecer em terras brasileiras com o cargo de tutora das filhas do Imperador D. Pedro I parecia agradar e satisfazer a viajante, ao ponto de propor voltar por um curto período para Inglaterra apenas para acrescentar e melhorar os conhecimentos que seriam passados para suas “alunas” e se tornar parte integrante da nova corte e da construção desse novo Brasil, como ilustra a carta abaixo:

São Cristovão, 15 de outubro de 1823.

Senhora Graham,

Recebi vossa carta de ontem, à qual tenho o prazer de responder que Eu e o Imperador estamos ambos muito satisfeitos em aceitar o vosso oferecimento para ser governante de minha Filha; e como expusestes que desejais ir a Inglaterra antes de começar a servi-la, o Imperador não pôs dúvida em permitir-vos esta ida e diz que sereis nomeada governante de minha filha; e como expusestes que desejais ir à Inglaterra para agradecer-vos e mostrar-vos minha grande estima.

Vossa afeiçãoada,
Maria Leopoldina.⁶⁶

Maria Graham chega ao Brasil pela segunda vez em março de 1823, a troca de cartas a que temos acesso em outubro desse mesmo ano. O retorno da Imperatriz Maria Leopoldina para Maria Graham não demorou muito e o oferecimento de tutoria das princesas imperiais foi aceito⁶⁷. Até mesmo o pedido da viajante de retornar para a Inglaterra para angariar livros e métodos para a educação da filha dos Imperadores foi concedido, e o interesse sobre a situação da família imperial e seus compromissos políticos se fazem presentes nos relatos desde então. Portanto, ao analisar o Diário do Brasil temos que ter em mente as ligações, e os espaços que Maria Graham frequentava, e que estes alimentavam sua narrativa na forma de lhe dar informações e apoio, principalmente considerando o acordo e amizade que a viajante passa a ter com a Imperatriz Maria Leopoldina e os impactos dessa relação sobre o diário de viagem ao Brasil.

Os relacionamentos com a elite política também estão presentes na narrativa do Diário do Chile, os contatos que a viajante coleciona também derivam da mesma fonte que os contatos no Brasil: são parte dos relacionamentos do seu marido e das ligações entre as elites locais, etc.

⁶⁶ GRAHAM, 1997, p. 33.

⁶⁷ O recebimento da carta é relatado por Graham no Diário do Brasil na data de 16 de outubro. Cf. GRAHAM, 1956, p. 381.

Os formatos dos eventos sociais também se repetem, por cada cidade do Chile que a viajante passa ela encontra com conhecidos ou com amigos de conhecidos, fazendo parte de uma rede.

A três quilômetros depois de Pudaguel, encontramos Dom José Antonio de Cotapos, cuja família gentilmente me convidou para ficar em casa enquanto eu estivesse em Santiago; e, embora tivesse recusado, imaginando que eu seria mais livre em uma pousada inglesa, minhas intenções foram anuladas, quando encontrei a alguns quilômetros mais adiante o sr. Prevost, que me disse que as senhoras ficariam feridas se eu não aceitasse. Foi resolvido a situação, eu vi duas carruagens com Madame de Cotapos e as suas três filhas incrivelmente bonitas, que tinham vindo me encontrar e me levar para a cidade. Este último recusei, não gostando, empoeirada como me encontrava, de entrar na carruagem deles. Eu, portanto, segui em frente e fui recebida com muita bondade por Dona Mercedita, a quarta filha, cuja graça e gentileza equivalem a sua beleza. Depois de um pouco de descanso e de ter me refrescado ao me vestir, fui chamada para jantar; onde encontrei toda a família reunida, e vários outros senhores, que foram convidados a me conhecer e honrar a festa da recepção. O jantar era maior do que deveria ser, mas consistente e com bom gosto; mas tudo estava bem feito, embora com bastante óleo e alho.⁶⁸ (tradução nossa)

A importância dessas relações, além do que foi citado anteriormente, acaba sendo uma forma de sobrevivência, e criando um novo lugar dentro da sociedade para Maria Graham, pois a sua estada no Chile é marcada pelo início da sua viuvez, mais do que antes ela precisa de conexões para poder permanecer no Chile.

Este é claramente um dia triste. O Doris partiu hoje cedo, e eu me sinto novamente sozinha no mundo; nela (Fragata Doris) foram todas as minhas relações, todos os meus conhecidos que tinha neste vasto país [...] Eu não posso esquecer que sou uma viúva, desprotegida, em uma terra estrangeira, separada dos meus amigos naturais por distancias perigosas, seja pela via do amor ou da terra!⁶⁹ (tradução nossa)

A passagem acima acontece em 20 de maio de 1822 quando o navio que era do comando de seu marido Capitão Graham segue em missão e a viajante permanece em terras chilenas. Graham tinha conhecidos pela região, graças aos relacionamentos de seu marido que a fizeram

⁶⁸ GRAHAM, Chile, 1824. p. 198. Original: “Three miles beyond Pudaguel, we met Don Jose Antonio de Cotapos, whose family had kindly invited me to stay in their house while I was at Santiago; and though I had declined it, fancying I should be more at liberty in an English inn, my intentions were overruled, when I was met a few miles farther on by M. Prevost, who told me the ladies would be hurt if I did not go to their house, at any rate in the first instance. This was hardly settled, before I saw two carriages with Madame de Cotapos and three of her remarkably pretty daughters, who had come to meet me and carry me into the city. The latter I declined, not liking, dusty as I was, to enter their carriage. I therefore rode on, and was received most kindly by Dona Mercedita, a fourth daughter, whose grace and politeness equals her beauty. After a little rest, and having refreshed myself by dressing, I was called to dinner ; where I found all the family assembled, and several other gentlemen, who were invited to meet me, and do honour to the feast of reception. The dinner was larger than would be thought consistent with good taste but everything was well dressed, though with a good deal of oil and garlic” (GRAHAM, Chile, 1824. p. 198).

⁶⁹ GRAHAM, Chile, 1824, p. 128-129. Original: “This is but a sad day. The Doris sailed early, and I feel again alone in the world; in her are gone the only relations, the only acquaintances I have in this wide country. [...] I cannot forget that I am a widow, unprotected, and in a foreign land, separated from all my natural friends by distant and dangerous ways, whether I return by sea or land!”

ter contato com a elite crioula⁷⁰, próxima até mesmo de O'Higgins e San Martín, considerados como libertadores da América e de suas famílias.

Logo depois que chegamos em casa, recebi um magnífico presente de frutas e flores de Dona Rosa O'Higgins. A fruta era melancias, lúcumas, laranjas e limões doces, nenhum outro sendo ainda na estação; e as flores, de todos os melhores e mais raros.⁷¹
(tradução nossa)

Além dos conhecidos dos navios que se encontravam no porto de Valparaíso, navios franceses e norte-americanos — os quais até mesmo a convidaram a seguir viagem de volta à Inglaterra com eles — que, aliás, são citados no mesmo trecho em que se lamenta de não ter mais conhecidos ao seu redor. A escolha da permanência de Graham no Chile, com a duração de sua estada por 10 meses, não é exatamente conhecida, mas sabemos que já existia a encomenda do livro e o interesse presente da viajante em se aventurar por essas regiões. Não podemos afirmar, no entanto, o sentido real da sua escolha de permanência em um país estrangeiro sem uma tutela, pelo falecimento de seu marido e sem uma ligação imediata com o Chile divulgada pela mesma. O que é analisado por Soledad Caballero (2005) é que Graham cria uma aliança direta com o poder da Marinha britânica, primeiro como esposa do capitão Graham, e depois da morte repentina dele, voltando seu suporte a Lorde Cochrane. Suas relações e suas conexões de referências, certezas e segurança são sempre voltadas ao contexto e ao peso inglês.

Apontar essas relações sociais ajudavam Maria Graham não apenas a ter suporte de meios de viver no Chile, mas também de formas para agrupar informações e fazer parte de espaços nos quais não teria acesso se não tivesse essas relações sociais que se tornavam uma cadeia de contatos que alimentavam a produção do seu diário e seu conhecimento histórico e geográfico da região do Chile.

Passei a noite no meu quarto, algumas senhoritas apareceram ocasionalmente para me ver; e o Senhor De Roos, Dom José Antonio e Dom Domingo Reyes passaram a tarde por aqui. Dom Domingo é uma pessoa séria, bem informada e gentil, a quem sou grata e adquiri muito do conhecimento que sei sobre o país através dele, tanto histórico quanto geográfico. Seu pai era secretário de Don Ambrose O'Higgins e de vários outros capitães; ele chegou a ir a Osório, e no intervalo entre as batalhas de Rancagua e a de Chacabuco, depois da qual ele emigrou. Mas sua conduta sempre foi muito

⁷⁰ PÉREZ-MEJÍA, 2004, p. 87.

⁷¹ GRAHAM, Chile, p. 216. Original: “*Soon after we reached home, I received a magnificent present of fruit and flowers from Doña Rosa O'Higgins. The fruit was watermelons, lucumas, oranges, and sweet limes, no others being as yet in season; and the flowers, of all the finest and rarest*” (GRAHAM, Chile, p. 216).

honeste e honrada que todas essas pessoas confiavam nele, e ninguém o detestava.⁷²
(tradução nossa)

Ao ficar próxima da elite crioula chilena, o conhecimento da viajante sobre esses países vai se acumulando, e como estudiosa que era, esses conhecimentos faziam com que a viajante fosse acumulando e construindo ego frente a aquisição de tanta informação sobre um espaço que ainda era desconhecido pela grande parte da população europeia. Ela aparenta adquirir o reconhecimento sobre a importância da sua coleta de informações, que está virando um extenso arquivo. E além de suas observações, parte do que compõe esse arquivo são suas conexões, e essa percepção faz com que a manutenção desses contatos prossigam.

Quando volta ao Brasil, seus contatos, incluindo principalmente a conexão com Lorde Cochrane fazem com que ela tenha proximidade com a corte luso-brasileira, aproximando-se da família Bonifácio e também criando laços de proximidade com a Imperatriz Maria Leopoldina, além de ser a governanta da filha dos Imperadores do Brasil, Princesa Maria da Glória. Essa mudança no círculo social e a presente relação com o cenário político chileno fez com que a segunda parte do Diário do Brasil tivesse um teor mais voltado à política local do que aos relatos sobre os ambientes privados frequentados por Graham, além, é claro, do apoio agora explícito ao mais novo Imperador do Brasil, Dom Pedro I.

Para Regina Akel (2007), os diários do Brasil comprovam que as obras de Graham são mais ficcionais do que crônicas de viagem e, pelo fato da narradora ser intrigante, ela se destaca mais do que a história que conta. Acreditamos, porém, que a viajante escritora Maria Graham é com certeza uma narradora instigante por saber como organizar as informações que recebe, saber se posicionar frente às experiências por ela vividas, além de construir uma forma de discurso próprio através de suas personas para incluir e afirmar suas posições e visões. Mas é através do auxílio e da existência das histórias que conta e das adversidades que elas apresentam que foi possível que ela melhorasse ou angariasse formas de discursos e perspectivas em relação às políticas e diversidades que se encontraram no caminho de seus diários, alimentando e constituído suas personas.

A discussão sobre como Maria Graham tratou a questão do Império brasileiro e o discurso imperialista tanto no Brasil quanto no Chile estão analisados no capítulo 3. Podemos

⁷² GRAHAM, Chile, 1824, p. 231. Original: “*I spent the evening in my room, where the young ladies came occasionally to me; and Mr. De Roos, Don Jose Antonio, and Don Domingo Reyes, spent the evening. Don Domingo is a grave, well-informed, kindly person, to whom I am obliged for much of the knowledge I have of the country, both historical and physical. His father was secretary to Don Ambrose O'Higgins, and to several other captains-general; he was even so to Osorio, in the interval between the battle of Rancagua and that of Chacabuco, after which he emigrated. But his conduct had always been so honest and honourable that all parties trusted him, and none disliked him*” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 231).

localizar discordâncias em relação a como Mary Pratt estabelece essas relações. E que a partir delas pode ter escolhido os assuntos que ganhariam mais focos dentro de sua narrativa de forma planejada ou de forma subjetiva, mesmo que estes estivessem mesclados com outras temáticas que poderiam ser também analisadas aqui, como a relação direta com a religião ou a importância dada principalmente à flora da região e como essa deveria ser mais estudada.

A narrativa de Graham se apresenta como plural, a viajante recorre a diversas temáticas para relatar e complementar o seu discurso, quer buscando o que estava ao alcance de suas mãos, quer explorando assuntos que estivessem além da esfera privada, utilizando sempre das personas que constituiu ao decorrer dos seus relatos. Porém, são esses assuntos da esfera pública que parecem ser o grande interesse de Graham em suas viagens pela América do Sul, os assuntos voltados à situação social e política são abordados a partir da percepção das condições dos escravos e indígenas ou na organização política voltada à conquista da independência econômica ou de mudança de governo.

Desse modo, a percepção imperialista ou civilizatória de Graham pode ser notada em diversos momentos dos diários, assim como os discursos ou atos performáticos que utiliza para poder recolher informações, ou afirmar posições. É na pluralidade de informações e temáticas que a literatura de viagem produzida por Maria Graham se apresenta, aparentando sempre ter um objetivo final, seja na forma da representação da força do Império inglês para a busca da civilidade dessas regiões, ou através da representação de si mesma como transmissora dessa história. História essa que tem seu peso historiográfico afirmado por conta da situação de mudança política e as relações com pessoas em posição de poder, mas também tem sua composição possível pela constituição do sujeito mulher frente a adversidades e oportunidades, tornada possível através da constituição dos relatos de viagem.

3. A VIAJANTE E AS INDEPENDÊNCIAS: O CAMINHO ATRÁVES DA VIA IMPERIALISTA AO PROGRESSO CIVILIZATÓRIO E INDIVIDUAL

Ao pensar na composição dos seus diários de viagem desde o processo de escrita à sua editoração, a viajante Maria Graham estruturou o texto com o objetivo de facilitar o entendimento dos leitores: abrindo com uma introdução histórica sobre os países por ela visitados, além de explorar a exposição de outras obras sobre a história desses locais, ou ciência, além de se referir a fontes como jornais ou documentos oficiais. Inseriu seus contatos e relações no decorrer da narrativa para demonstrar maior discernimento.

Maria Graham encontrou uma maneira de desenvolver seus textos através de seus conhecimentos, das suas estratégias de discursos que partem tanto da sua habilidade de escrita quanto das suas personas desenvolvidas pelos atos de performatividades. Assim, a construção da narrativa tomou forma e transmitiu suas posições e pensamentos em relação aos relatos por ela compartilhados.

Por uma daquelas coincidências singulares que não poderiam ter sido previstas para o benefício do Chile, os agentes do governo daquele país, que haviam sido instruídos, se possível, a obter a assistência de algum comandante capacitado (O nome de Sir H. Popham foi citado) teve a sorte de encontrar Lorde Cochrane em liberdade para se dedicar inteiramente à causa da independência da América do Sul — uma causa à qual ele poderia honestamente doar seus talentos e seu tempo, sem violar esses princípios da regulamentação da liberdade, de onde ele nunca tinha saído.⁷³ (tradução nossa)

O trecho acima foi retirado da Introdução do Diário do Chile, no qual temos indicativos de algumas temáticas presentes não apenas nesse diário, mas também no do Brasil, entre elas Lorde Cochrane, que é um dos principais personagens de Maria Graham em suas narrativas de viagens na América. Sua proximidade deriva das relações com a Marinha Real britânica, com as elites locais e com suas similaridades. Localizamos também o interesse pelo processo de Independências na América do Sul. Independência é a razão pela qual os diários de Maria Graham carregam parte do interesse do público leitor, da sua importância historiográfica, além de estar presente em um momento de grande movimentação política. Outro ponto presente é a busca pela aquisição da liberdade, e a ideia de liberdade provinda da ideia de progresso e de civilidade. A identificação com os processos de independência e a busca por uma civilidade

⁷³ GRAHAM, Chile, 1824, p. 39. Original: “By one of those singular coincidences which not the fondest calculation for the benefit of Chile could have anticipated, the agents of the government of that country, who had been instructed, if possible, to procure the assistance of some able commander, (Sir H. Popham, was once named,) were fortunate enough to find Lord Cochrane at liberty to devote himself entirely to the cause of South American independence— A cause to which he could honestly give his talents and his time, without violating those principles of regulated freedom, from which he had never departed.” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 39).

libertadora são temáticas que acabam por estar interligadas com as perspectivas geradas por visões imperialistas em relação à região da América do Sul.

Essas perspectivas intrigam ao estarem fortemente presentes na narrativa escrita por uma viajante mulher, o que nos abre uma perspectiva sobre a visão e participação de mulheres nas leituras e nas conjunturas dos aspectos imperialistas nos relatos de viagem. Por conta dessa forma de discurso manifestar-se nos escritos de Maria Graham é preciso considerar qual seria o impacto que essa leitura teria sobre eles, como o aspecto do imperialismo faria parte do seu discurso assim como faz parte dos discursos das narrativas de relatos masculinas, as quais acabam por ter uma maior quantidade de estudos sobre suas ligações com o discurso imperialista, mais do que as narrativas escritas por mulheres. Sendo assim, entender como Maria Graham trabalhou seus diários de viagem produzidos no Brasil e no Chile com a presença desse olhar imperialista e de que maneira isso perpassa a sua condição de gênero faz parte do estudo desse trabalho.

3.1. Personagens centrais

A voz de Lorde Cochrane se faz presente no Diário do Chile e na segunda parte do Diário do Brasil e, como colocado por Regina Akel (2007), Maria Graham não apenas empresta o espaço para defender a reputação e a representação de Lorde Cochrane, mas também para que ele mesmo expresse a aversão que tem ao colonialismo espanhol e como as formas de governo se constituem.

Estruturalmente, os dois diários de viagem estão ligados pela presença dominante do almirante Cochrane em seu duplo papel de protetor e ídolo masculino⁷⁴ e também como um representante de como Maria Graham via a si mesma e o Império britânico: influências nas situações políticas da região. Considerando que a viajante não tinha lugar na sociedade chilena nos anos de 1820, por conta do seu gênero e sua situação de viúva, ao decidir permanecer no Chile, mesmo afirmando estar sozinha, com a saúde abalada e sofrendo de melancolia⁷⁵, ela teve de construir e apontar um lugar para si, e esse espaço encontrado foi o intelectual e o textual, que justificou sua presença e permanência na região. Ao relatar os acontecimentos políticos de forma tão enfática em relação ao Chile, ela precisa criar suportes para sua estadia no país, e entre eles está o então almirante Lorde Cochrane.

⁷⁴ RODENAS, 2014, p. 3.

⁷⁵ Cf. GRAHAM, 1824, p. 114.

Os O'Higgins e Valdivia tinham chegado durante a noite, e todos os habitantes do porto e dos subúrbios haviam se apressado em mostrar suas bandeiras e sua alegria pelo retorno seguro de Lorde Cochrane. Estou encantada com a sua chegada, não só porque quero vê-lo, a quem admiro como meu amigo natural aqui, mas porque acho que ele tem alguma influência para consertar algumas coisas e evitar outras; que, sem essa influência, temo que provará ser altamente prejudicial ao crescente estado do Chile, se não à causa geral da independência da América do Sul.⁷⁶ (tradução nossa)

Os personagens centrais da narrativa do diário do Chile são figuras e representações do poder político da região da América Latina, entre elas estão Bernardo O'Higgins, José de San Martín e Lorde Thomas Cochrane. Ao relatar a chegada dos libertadores do Chile em Valparaíso, o enfoque não é nos líderes locais, mas sim no estrangeiro Cochrane. Maria Graham justifica sua felicidade ao vê-lo pela relevância que ele teria para influenciar o melhor caminho naquele período conturbado pelo qual o Chile passava, com a instabilidade política e por conta do processo de independência que acontecia no país vizinho, Peru. Além de que ele viria não apenas a influenciar, mas a realizar as conquistas e comandar os processos ao lado dos líderes da independência ou até mesmo ficar a liderar acima deles.

A dinâmica entre esses personagens é de importância, pois ela guia como o comportamento da viajante se constitui e que lado ela apoia. Por exemplo, enquanto O'Higgins é tratado como representante do Chile por ser o Diretor Geral que busca melhoras e tem o seu título preservado e citado por Graham nos relatos, San Martín é desclassificado por sua falta de civilidade e por sua grande ambição egoísta frente às dificuldades do seu próprio povo. Nesse caso temos considerar o conflito entre ele e Lorde Cochrane, acusado por San Martín de má administração no pagamento da armada chilena. Essa acusação leva ao afastamento de Cochrane da luta da independência do Chile e Peru. Para a viajante, ambos não têm condições de guiarem sozinhos o melhor caminho para o avanço do Chile, um por não ter experiência suficiente e o outro por querer mais o próprio sucesso do que a independência da América Latina e, portanto, eles precisam da presença do britânico para guiá-los e ajustá-los moralmente. Outro ponto a ser destacado é o reconhecimento e validação que os habitantes do porto possuem sobre a grandeza do almirante, reconhecendo nele um símbolo do avanço da independência

⁷⁶ GRAHAM, Chile, 1824, p. 146. Original: "*The O'Higgins and Valdivia had arrived during the night, and all the inhabitants of the port and suburbs had made haste to display their flags and their joy on Lord Cochrane's safe return. I am delighted at his arrival, not only because I want to see him, whom I look up to as my natural friend here*, but because I think he ought to have influence to mend some things, and to prevent others; which, without such influence, will, I fear, prove highly detrimental to the rising state of Chile, if not to the general cause of South American independence. My mind, for a time after I arrived, was not sufficiently free to attend, with any degree of interest, to the political state of the country: yet a measure of vital importance is now pending.*" (GRAHAM, Chile, 1824, p. 146).

local. Soledad Caballero (2005) argumenta que Graham cria um herói em Lorde Cochrane e um vilão em José de San Martín.

Neste porto existe agora um navio, o Milagro, cheio de prisioneiros espanhóis, a quem San Martín prometera segurança e proteção para essas pessoas e suas propriedades. No entanto, depois de pagar metade de suas propriedades por cartas de naturalização, e dar permissão para reter o restante, e com isso deixar Lima, eles foram apreendidos e despidos na estrada para Callao, amontoados a bordo do navio-prisão, e agora estão na baía a ser enviados com o resto dos prisioneiros para Santiago, cujo o seu cativo é muito provavelmente para a vida toda, pois eles só serão libertados quando a antiga Espanha reconhecer a independência de suas colônias. Essas pobres pessoas chegaram sem as necessidades básicas comuns para conseguir viver, e se foi recusado suprir algumas dessas necessidades mais urgentes; — mas Lorde Cochrane tem cedido sem pedir licença. Gostaria que ele pudesse inspirar essas pessoas com algumas das humanidades de guerra, como praticadas na Europa!⁷⁷ (tradução nossa)

No trecho acima temos o relato de qual era a forma de tratamento que o líder representante da Independência da América Latina, San Martín, dava aos seus inimigos de guerra segundo o relato da viajante: desrespeito a promessas realizadas e destrato humanitário aos prisioneiros. Graham não questiona a condição de prisão, afinal eles representam o poder colonial espanhol, o que ela questiona é o tratamento considerado primitivo e bárbaro. Quem poderia ensinar não apenas o líder da independência, mas os habitantes da região, a lidar com os prisioneiros de forma humanizada, seria o representante da modernidade e do progresso, nesse caso o representante britânico.

Na narrativa de Graham, nem a “velha Espanha” nem os líderes e governos locais eram opções viáveis para a América Latina em comparação ao Lorde Cochrane⁷⁸. O que torna o almirante honrado não é exatamente seu comportamento, mas sim suas ações ligadas ao fator de ser britânico, fator que também é compartilhado por Graham. Por isso, podemos considerar o que Regina Akel (2007) evidencia em seu capítulo dedicado à análise do Diário do Chile, que, em alguns momentos, a escrita ou a fala de Lorde Cochrane aparenta estar presente nos relatos no diário de Graham como se ela abrisse espaço para que ele se comunicasse diretamente com os leitores⁷⁹.

⁷⁷ GRAHAM, Chile, 1824, p. 151. Original: “*There is now in this port a vessel, the Milagro, full of Spanish prisoners, to whom San Martín had promised security and protection for their persons and property. However, after paying half their property for letters of naturalisation, and for permission to retain the rest, and with it to leave Lima, they were seized and stripped on the road to Callao, huddled on board the prison-ship, and are now in the bay to be sent to the rest of the prisoners at Santiago, whose captivity is too probably for life, as they are only to be liberated when Old Spain acknowledges the independence of her colonies. These poor people have arrived without the common necessaries of life, and leave has been refused to supply some of their most pressing wants; — but Lord Cochrane has done it without leave. Would that he could inspire these people with some of the humanities of war as practised in Europe.*” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 151).

⁷⁸ CABALLERO, 2005, p. 124.

⁷⁹ Discussão pode ser analisada na tese de Akel (2007, p. 113-117).

Há outro caso de alucinação discursiva em que Graham acrescenta seu amigo pessoal Cochrane ao quadro dos libertadores [da Independência da América Latina] e, num gesto igualmente romântico, levanta-o sobre um pedestal histórico que ele nunca chegou a alcançar. Ao fazê-lo, ela não está apenas acrescentando importância histórica às forças militares ingleses que intervieram no Chile, mas também acrescentando importância ao seu próprio caráter.⁸⁰ (tradução nossa)

Um laço é formado entre eles, que se mantém através das semelhanças de suas representações e na confiança compartilhada entre ambos. A escritora viajante se coloca, portanto, tanto como protetora do almirante quanto da honra inglesa. Isso é demonstrado no controle de sua escrita e seu posicionamento como figura de autoridade, o que, segundo Regina Akel (2007) gera um comportamento parecido com o esperado da escrita masculina de narração. A análise de Rodenas (2014) indica que, pelo fato de Graham ser uma espectadora mulher, ela se utiliza dos três atores masculinos no conflito — Lorde Cochrane, San Martín e O’Higgins — para ilustrar seus próprios pontos de vista, tanto no processo concreto que leva à independência chilena quanto em relação a outras influências sociais e históricas⁸¹. O laço existente com o capitão Cochrane não é apenas por sua nacionalidade ou amizade, mas por ambos ocuparem o lugar de “outsiders” que compartilhavam o desejo da libertação da América Latina de seus colonizadores. Ao valorizar o papel e a função do seu colega, a viajante está valorizando o seu papel como transmissora da história gerada na região.

A personalidade pública de Graham gozava de poder sobre seu texto e, entre seus poderes de narradora, estava a visão de retrospectiva, de previsão e de onisciência. Esses poderes davam a liberdade de intercalar os seus relatos para se adequarem à sua linha de raciocínio, mitificando situações ou personagens de modo a tornar a sua narração mais marcante⁸². Podemos perceber o constante uso de táticas para incrementar e alavancar seus textos e seus posicionamentos.

A cruel política da Espanha em relação a esses países sempre reprimiu qualquer tentativa de estabelecer um comércio costeiro, embora as praias do Chile sejam abundantes, com os portos mais cômodos para o propósito [comercial]. Logo, esses portos ou não foram pesquisados ou foram erroneamente colocados nos mapas publicados para impedir que navios de todas as nações, espanhóis e outros, o alcançassem, e por isso todo o tráfego é feito em algumas das estradas mais difíceis no mundo por mulas.⁸³ (tradução nossa)

⁸⁰ PÉREZ-MEJÍA, 2004, p. 97.

⁸¹ RODENAS, 2014, p. 97.

⁸² AKEL, 2007, p. 76.

⁸³ GRAHAM, Chile, 1824, p. 173. Original: “*The cruel policy of Spain with regard to these countries always repressed any attempt at establishing a coasting trade, although the shores of Chile abound with harbours most commodious for the purpose. Hence, these harbours were either not surveyed or so erroneously set down in the published maps as to deter ships of all nations, Spanish as well as others, from attempting them, and the whole*

O legado deixado pelas políticas da Espanha impactou a vida da sociedade chilena. A crueldade dos colonos, como colocado pela viajante, não estava apenas em menosprezar aquela população, mas em sua inatividade para a melhora econômica da região, não permitindo que essa tivesse sucesso em translações exatamente para se submeter ao controle do seu colonizador. Graham não é emissária de nenhuma organização comercial ou do próprio governo britânico, mas as suas posições podem se misturar aos desejos do Império britânico, pois, apesar de não ser parte de nenhuma organização, ela acredita carregar um elevado nível de civilidade frente essas sociedades e um conhecimento em questões comerciais, por isso, ela tem o direito de avaliar as más decisões tomadas pelos espanhóis ou pelos nativos, a sua socialização pesa na maneira como a viajante lê a América do Sul.

Nas avaliações realizadas por Maria Graham, a quantidade de impostos exigidos é considerada alarmante e paralisante, eram heranças dos colonos ainda presentes no Chile e nos países vizinhos, que mesmo buscando se livrar de seus colonizadores, ainda gozavam de suas formas de organização. A falta de modernização também é algo que a incomoda e se faz presente dentro da narrativa, a dificuldade de acessos para as cidades e portos parece ser proposital, dificultando a relação desses lugares entre si. A necessidade de mudança se assegura novamente, porque apenas assim seria possível obter avanços que facilitariam a vida da população e, principalmente, o comércio, vital para sobrevivência do país.

Apesar dos desencantos com a desorganização e o atraso do Chile com a elite política crioula, Maria Graham se encanta com a beleza natural da região. Além de demonstrar o interesse pela população indígena, ela constata as diversas etnias que compunham aquele território, comprovando o olhar amplo da viajante. Essa percepção do outro e da abordagem deles em relatos demonstra uma consciência sobre o diferente. Ao tratar dos modos de vidas desses povos originários, não há uma evidente identificação, mas há uma curiosidade e o reconhecimento de sua existência que difere de outras obras da literatura de viagem.

Ao visualizar as diversas etnias, as populações indígenas e os descendentes dos europeus na região, Maria Graham acaba por se visualizar como o outro também, identificando-se com o ser estrangeira naquela terra, como colocado por Pérez-Mejía (2004), ela se torna a filha branca do Leste quase automaticamente por estar em terras latino-americanas e se identificar como o outro na equação, não pertencente ao local, a essa cultura.

Quando o terremoto abate Valparaíso, o encanto que a viajante construiu durante a narrativa sobre o Chile se transforma em desolação. Ao ver a cidade destruída, a viajante já

traffic is carried on over some of the most difficult roads in the world by mules." (GRAHAM, Chile, 1824, p.173).

imagina as dificuldades que serão enfrentadas para a reconstrução. Apesar de relatar o envolvimento da comunidade local, o desastre abate a sua perspectiva de melhora sobre a região, pois ela acredita que o ajuste dessas cidades demoraria. Isso se junta aos prospectos das disputas civis, as quais eram intensas por conta dos desacordos em relação à administração ou pelo caminho de governo a ser tomado entre os líderes da Independência da região do Chile, Peru e Argentina. Além disso, há a desavença de Lorde Cochrane com San Martín, causando o fim do contrato do almirante britânico nas lutas do Chile e do Peru, o que sugere que a permanência de Maria Graham no país não fazia mais sentido, já que sua principal referência e apoio de permanência não existia mais. Porém, seu apreço pelo país que a acolheu após a morte do seu marido permaneceria.

Eu lamento pelo Chile. No estado em que o país se encontrava, cada dia de tranquilidade era um ganho, apesar do mau governo. Há elementos bons por aqui, que só precisam de tempo e tranquilidade para se desenvolver; e é cruel, que as contravenções dos ministros despertem disputas civis, a pior das pragas, e assim retardem o progresso de tudo pelo que a nação tem lutado.⁸⁴ (tradução nossa)

A preocupação e o desejo de avanço do Chile diante das dificuldades enfrentadas por sua população pela disputa de poder que acontecia eram genuínos, ao ponto de se tornarem um lamento em seus relatos ao ter de deixar a cidade de Valparaíso. A natureza andina e a pátria chilena, ambas danificadas por guerras civis e no limiar da floração comercial, serviram de palco para que Maria Graham pintasse seu autorretrato e experimentasse uma transformação como escritora. A viajante se identifica como uma estrangeira que é superior e tem uma missão redentora a oferecer, realizada através da composição de sua escrita⁸⁵. Portanto, ao lamentar a falta de sucesso para o caminho do progresso e ao criticar a elite política com a qual teve contato, Maria Graham se posiciona acima dos personagens centrais da sua narrativa, pois acredita que estes não tiveram a capacidade de tomar as rédeas da política latina por conta de suas disputas de ego, sem priorizar a situação do Chile.

Lorde Cochrane adotou o Chile como seu país: e o governo local o usou mal; e agora, no momento em que, se ele tivesse dado importância, a vingança contra os autores dos maus-tratos que sofreu teria sido fácil, mas ele se retirou. Eu sei que se julgou certo que, em cenários civis, todo homem honesto deveria tomar parte, em ordem para que o mais sábio pudesse levar os assuntos/acusações para um acordo. Isso é bom para os nativos de um país, mas não é o melhor para um estrangeiro, especialmente para um homem de alta reputação e posição social, que poderia ter a inclinação e o poder

⁸⁴ GRAHAM, Chile, 1824, p. 328. Original: “*I do grive for Chile. In the state to which the country had advanced, every day of tranquillity was a gain, in spite of bad government. There are elements of good here, which only want time and tranquillity to grow; and it is cruel, that the misdemeanours of the ministers should stir up civil strife, that worst of plagues, and so retard the progress of all that the nation has been struggling for.*” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 328).

⁸⁵ PÉREZ-MEJÍA, 2004, p. 101.

de estabelecer sua própria autoridade. Neste caso, tendo feito tudo para libertar o país de um inimigo estrangeiro, e para assegurar sua independência nacional, isto é sensato, é generoso, em ficar indiferente e deixar que a semente do solo seja o árbitro das preocupações do solo. A lei e a justiça, por si só, podem proteger os cidadãos de males externos, mas podem não se intrometer em seus assuntos familiares.⁸⁶ (tradução nossa)

Parte dessa incapacidade de tomar as rédeas da política aconteceu, na leitura da viajante, no momento em que o governo chileno se desfaz de suas relações com Lorde Cochrane. Apesar do seu trabalho duro e esforço no processo das lutas de independência, quando os rumores das indisciplinas e acusações contra o almirante frente ao mau uso das provisões e do soldo dos soldados surgiram, o governo chileno, que estava em conflito interno sobre a direção a ser tomada diante os conflitos da região e da cadeira de comando, acaba por dispensar os serviços do almirante britânico. Apesar de ter ao seu lado o Diretor O'Higgins, ele também veio a ser afastado do seu posto, assim, para a viajante, ao se desfazer do herói e acreditar nesses rumores, o caminho do Chile para o sucesso de sua independência e da região se romperia, pois, aquele que tinha como objetivo a sua liberdade sem nenhum interesse além dela própria, já não se encontraria mais para apoiar ou instruir os líderes locais.

A viajante vê esse tratamento disponibilizado ao seu amigo e representante como uma forma de traição. Apesar de não sofrer o mesmo, uma forma de traição que a viajante aparentemente sentiu da parte do Chile foi em relação ao terremoto que destruiu seu modo de vida no local e sua casa, que foi tomada por outros estrangeiros devido aos estragos causados em diversas moradias da região. A casa em que Graham estava hospedada foi uma das poucas que se manteve de pé após o terremoto. Outro fator de contribuição para sua retirada foi a escassez de produtos, além da falta comum que acontecia frente aos conflitos que tomavam o local, e o desconforto com um espaço que antes a viajante tinha visto com olhos de acolhimento, mas que agora afastaria seu amigo mais próximo, Lorde Cochrane. Assim como o almirante, podemos dizer que Maria Graham também mostra ter adotado o Chile como o seu país de coração. Ela possuía interesse não apenas pela história local, mas também pela natureza que a cercava, tendo feito descobertas científicas nesse âmbito.

⁸⁶ GRAHAM, Chile, 1824, p. 347. Original: “*Lord Cochrane had adopted Chile as his country: its government has used him ill; and now at a time when, if he had been so minded, revenge on the authors of the ill-usage he has suffered would have been easy, he withdraws. I know that it has been thought right that in civil commotions every honest man should take part, in order that the wiser might bring matters to an accommodation. This is good for the natives of a country, but is no ways to be desired from a stranger, especially a martial man of high reputation and rank, who might be supposed to have the inclination as well as the power to set up his own authority. In this case, having done everything to deliver the country from a foreign enemy, and to secure its national independence, it is wisdom, it is generosity, to stand aloof and let the seed of the soil be the arbiters of the concerns of the soil. Law and justice themselves can but guard the citizens from external evils, but may not meddle in their family affairs.*” (GRAHAM, Chile, 1824, p. 347).

Diante disso, o discurso presente no final do diário do Chile carrega um tom de melancolia, pois o país não teria mais o apoio derivado do conhecimento promovido pelos aliados britânicos, os estrangeiros “adotados”, Lorde Cochrane e Maria Graham não estariam mais construindo a história desse país em conjunto com sua população.

A dinâmica dos dois diários de viagem de Maria Graham se modifica no decorrer das experiências vividas pela viajante, assim, na primeira parte do Diário do Brasil, seu maior contato é com comerciantes ingleses e membros da elite de governo locais e essas relações se dão através de seu marido, o Capitão Graham, e da sua missão em terras brasileiras. Já no Chile sua conexão direta é através de Lorde Cochrane, o qual possibilita que ela contate a elite local de Valparaíso e as lideranças políticas. Na segunda parte do Diário do Brasil, seus contatos no país são estendidos graças a sua relação com o almirante, sua aproximação com a coroa luso-brasileira e com a elite do Rio de Janeiro por conta do aumento de confiança e do círculo social que Graham tem à sua volta.

A segunda parte da narrativa do diário do Brasil difere por conta da experiência vivida no Chile: com a morte de seu marido, sua aproximação com a corte crioula e a proximidade com os acontecimentos políticos da América Latina, o diário se torna mais íntimo e mais aprazível em relação à sociedade luso-brasileira, principalmente como a imagem do Imperador foi tratada, além dos relatos se tornarem majoritariamente sobre as questões políticas do que qualquer outra temática anteriormente abordada no começo da viagem ao Brasil. O contato com a corte imperial luso-brasileira é o destaque dessa parte da narrativa pelas modificações nos entendimentos do discurso produzido por Maria Graham.

17 de maio [1823] — Logo depois que cheguei aqui, em março, ou, antes, logo que meu parente Glennie me deixou, senti que, na qualidade de estrangeira, e na posição em que me encontro, estava extremamente desamparada; por conseguinte, falei ao ministro José Bonifácio, narrando-lhe meus sentimentos, e mostrando o desejo, dado o temperamento sensível da Imperatriz, de ter permissão para contar com o apoio dela e considerá-la minha protetora enquanto permanecesse no Império. Em consequência, ela me prometeu marcar um dia para receber-me, mas uma severa indisposição desde aí a prendeu ao quarto. Agora, porém, como Lady Amherst requereu uma audiência a Sua Majestade Imperial, marcou-se para isso o dia de depois amanhã, e eu recebi uma comunicação de que seria recebida no mesmo dia, já que a Imperatriz não deseja receber nenhuma estrangeira antes de mim. Isto é polido, ou antes, é mais: é delicado.

87

⁸⁷ GRAHAM, Brasil, 1990, p. 300. Original: “*May 17th. - Soon after I arrived here, in March, or rather as soon as my patient Glennie left me, I felt that, as a stranger here, and situated as I am, I was peculiarly unprotected, and therefore I spoke to the minister José Bonifacio, telling him my feelings; and saying, that from the amiable character of the Empress, I should wish to be allowed to wait on her, and to consider her as protecting me while I remain in the empire. She accordingly promised to fix a day for me to see her ; but a severe indisposition has hit her to confined her to her Iroom. Now, Lady Amherst having requested to see Her Imperial Majesty, the day after to-morrow is fixed on for the purpose; and I have an intimation that I shall be received on the same day,*

Ao chegar ao Brasil, uma das preocupação da viajante era de não ter um protetor ou um tutor na região, seu marido e seu primo Glennie — de quem cuidou da saúde instável desde sua estada no Chile — haviam falecido e, como Lorde Cochrane estava cumprindo sua missão com o Império de Dom Pedro I e envolvidos nos conflitos dos processos de independência, a viajante novamente se identificará e se afirmará como estrangeira e desamparada, utilizando da sua persona de *Lady* para se colocar em estado de fragilidade. Porém, mesmo estando frágil, a solução se apresenta não através de sua volta para sua terra natal, mas como auxílio daqueles que fazem parte da dinâmica da região, isto é, através dos contatos locais ou da grande figura política de José Bonifácio, e principalmente através de sua relação com a Imperatriz Maria Leopoldina.

O encontro com os Imperadores acontece pela primeira vez em um encontro público com outros membros da corte e da elite estrangeira que se encontravam no Rio de Janeiro. A conexão entre a viajante e a Imperatriz começa a ser construída e reconhecida a partir desse momento pela escritora. O interesse de Maria Graham sobre a Imperatriz Maria Leopoldina acontece não apenas por ela representar a Independência do Brasil, pela qual a viajante torceu para que se concretizasse, mas também por ambas serem mulheres estrangeiras vivendo em terras estrangeiras com pessoas com comportamentos diferentes do que seria de seus costumes e do seu patamar.

As trocas de cartas versam sobre acontecimentos locais, preocupação com a saúde de uma com a outra ou trocas sobre questões intelectuais, também é presente a utilização de diversas línguas, como o português, o francês e o inglês; esse costume nas cartas parece se referenciar a um reconhecimento de semelhanças entre ambas. O apreço por essa relação se destaca por se tornar um tópico presente na narrativa da viajante, e pela documentação que traça sua relação amigável.

Como analisado por Pérez-Mejía (2004), o reconhecimento que Maria Graham tem ao se enxergar como estrangeira permite que ela se entenda como diferente daquele que observa e que está em encontro com um outro, um novo, o qual não tem controle ou total compreensão. Sua observação passa a ser mais ampla dos seus arredores e da sua posição. Localizamos mais uma razão da importância que a viajante percebe ou enfatiza em suas narrativas, que é reconhecer o encontro com mulheres e homens de diferentes etnias e lugares. De tal modo, essa é uma nova experiência que merece espaço por ser extraordinária dentro da construção de relatos de viagem. E, além disso, essa nova sociedade em formação se construía como múltipla

as the Empress wishes not to receive any other foreigner before me. This is polite, or rather it is more; it is really kind" (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 249).

e, portanto, era mais difícil de ser relatada e compreendida pelos olhares de estrangeiros europeus. Ao se reconhecer na Imperatriz do Brasil e ao reconhecer a existência do outro, a viajante se reconhece como estrangeira, o que a auxilia a se validar.

É importante reconhecer o relacionamento de Maria Graham com a Imperatriz Maria Leopoldina para entender a que ponto a viajante exalta e se comove pelas decisões tomadas pelo imperador do Brasil frente a sua nova missão de afirmar o Brasil como um país independente da colônia portuguesa e tomar o controle sobre todas as partes desse vasto território.

A existência desse relacionamento pode ter influenciado os discursos da escritora viajante, suas posições políticas se tornam mais assertivas e favoráveis e isso é desenvolvido e demonstrado no decorrer de sua narrativa. Também poderia ser justificado não apenas pelo desejo do progresso e civilidade que o projeto de independência tinha como função para viajante, igualmente em relação aos seus contatos sociais com as figuras políticas que representavam o poder no Brasil. Além da percepção de que a população brasileira agora se encontrava no caminho certo, liderada por quem tinha como objetivo o melhor para aquela região, incluindo também a questão do seu interesse como uma forma de justificativa de qual era a sua função nesse espaço.

O Imperador parece sincero demais no seu desejo de ver prosperar o mais possível o Brasil para encorajar qualquer procedimento violento no sentido de esmagar a Assembleia Constituinte; ao mesmo tempo ele tem muito caráter para sujeitar-se a termos, de qualquer origem, derogatórios de sua dignidade e de seus direitos. Acabo de receber sua proclamação sobre o caso que, não duvido, produzirá bom efeito. Estas proclamações são agradáveis para o gosto do povo, e são de fato o único canal através do qual ele pode saber qualquer coisa das disposições do Imperador no presente estado do país.⁸⁸

A tomada de poder por Dom Pedro I como imperador do Brasil não foi aceita de forma igualitária ou sem resistências ao longo do território brasileiro, o receio frente aos opositores é algo narrado pela viajante com pesar. Parte das suas preocupações pode ter sido alimentada pelos conflitos que tinha acabado de assistir no Chile, fazendo com que, na segunda parte do diário, a preocupação com qualquer forma de agitação ou de oposição carregue um forte peso, pois esses conflitos causavam instabilidade de poder, e essa instabilidade ocorria em uma região

⁸⁸ GRAHAM, 1990, p. 332. Original: *“The Emperor appears too sincere in his desire to see the greatest possible prosperity in Brazil, to encourage any violent proceedings to overawe the Constituent Assembly; and at the same time he has too much spirit to submit to terms, from any quarter, derogatory to his dignity and rights. I have just received his proclamation on the occasion, which I doubt not will produce a good effect. These proclamations are agreeable to the taste of the people; and in fact are the only channels through which they can learn anything of the disposition of the Emperor in the present state of the country.”* (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 268).

já instável devido seu tamanho territorial. Além disso, a preocupação do Império de D. Pedro I era evitar perdas e manter o território do Brasil do tamanho e da relevância que estava enquanto nas mãos do Império português.

Entre os opositores localizados por Graham, encontramos aqueles que tinham o desejo de permanecer ligados à coroa portuguesa, aqueles que falavam sobre democracia e aqueles que desejavam a independência de suas regiões. Esses conflitos foram a razão pela qual Lorde Cochrane foi contratado, isto é, para evitar que essas rebeliões se estendessem ou alcançassem seus objetivos, além, é claro, de proteger os interesses do novo Império do Brasil. As notícias sobre os confrontos chegavam para Graham via jornais ou informantes que participavam dos conflitos. Maria Graham estava no Rio de Janeiro, sede do novo Império e local onde estavam sendo tomadas decisões frente ao novo modelo de governo, através do Imperador e dos deputados da Assembleia que se encontravam no momento da escrita da constituição que viria guiar a nova nação.

Maria Graham relata o debate frente ao poder de veto que o imperador desejava possuir, o que criou um desconforto entre agentes políticos e militares tanto em juntas espalhadas pelo país, mas principalmente referente aos agentes posicionados no Rio de Janeiro, os quais não aceitavam as condições propostas. A discordância causava desconforto na elite e na sociedade civil e poderia gerar mais um conflito, porém Graham acreditava que os membros da Assembleia tomariam consciência e apoiariam as decisões do imperador, pois mais uma forma de instabilidade não agregaria no progresso que o país procurava alcançar.

No relato acima, Maria Graham introduzia uma transcrição⁸⁹ que colocou em seu diário, a respeito da proclamação realizada pelo imperador D. Pedro I em 19 de Julho de 1823, na qual este afirma sua indignação com a ideia de democracia no Brasil ou com a objeção à sua extensão e formato de poder, além de afirmar o apoio dos seus súditos e que os brasileiros teriam confiança sobre seu governo, pois estavam sendo guiados por ele para o caminho da união, tranquilidade e força, que alcançaria a “grande obra da liberdade e independência”.

Ao transcrever o canal de comunicação do imperador do Brasil aos seus leitores, ela parece querer afirmar a competência e a necessidade da presença e da importância da transição para o novo modelo de governo do Brasil, além de expor a razão da necessidade da independência do Brasil de Portugal. Também que, apesar de existir uma oposição, o Imperador tinha a força imperativa para intervir quando necessário, o caminho do Brasil estava sendo segurado por essa nova força Imperial. A transição do modelo de governo no Brasil e o seu

⁸⁹ GRAHAM, Brazil, 1824, p. 267-268.

processo de estabilização da independência estava garantido não apenas pelos esforços e competência dos planos de governança do Imperador D. Pedro I e da Imperatriz Maria Leopoldina, mas também pela boa condução dos conflitos que aconteciam na região do Norte e Nordeste do Brasil por Lorde Cochrane.

Há uma carta de Lorde Cochrane às autoridades de Pernambuco publicada na gazeta. O Lorde, após mencionar seu bom êxito, e mencionar sua falta de tripulantes, diz: “Precisamos de marinheiros para terminar a guerra. Se Vossas Excelências pagarem 24 mil réis de prêmio, como no Rio de Janeiro, animando o governo a fazer o mesmo, prestarão um grande serviço ao país. Não falo em marinheiros portugueses, que são inimigos, mas marinheiros de qualquer outra nação”. O Lorde explica adiante, em suas cartas para Pernambuco, as suas razões para perseguir, antes dos navios de guerra, os transportes, que constituíram os objetivos que tinha mais peito; era o temor de que as tropas desembarcassem, como haviam ameaçado, em qualquer outro porto do Brasil, e cometessem novas hostilidades no Império. E conclui anunciando que envia diversas bandeiras tomadas do inimigo.⁹⁰

Para enfatizar a importância e a extensão do trabalho de condução nos conflitos políticos administrados por Lorde Cochrane, o comentário da transcrição da carta do Lorde, publicada no Jornal de Pernambuco, é apresentado. O trecho selecionado foca na descrição da missão que busca terminar a guerra na região e a necessidade de marinheiros.

Para reforçar e provar os esforços realizados por Lorde Cochrane sejam perdas ou conquistas, a viajante enfoca o desejo que o capitão teria de ajudar a concretizar ou conquistar a união e a tranquilidade, almejadas pelos líderes do governo. Mesmo com todas as adversidades, esse objetivo não se desfaz, exatamente porque os princípios de Lorde Cochrane caminham para além de qualquer dificuldade e em prol do Império brasileiro segundo a perspectiva da viajante Graham.

A razão para esse fragmento ter sido exposto por ela pode derivar do enfoque necessário a uma mão de obra e que ela não poderia vir dos portugueses, pois esses são considerados por ela e por diversos brasileiros como os inimigos e significariam o atraso, a ajuda teria de vir de brasileiros — ainda inexperientes em relação à Marinha — ou de outros estrangeiros.

A distinção entre os portugueses e brasileiros que aparece nos relatos da viajante Graham se torna uma forma política de distinguir aqueles que estavam ao lado da Coroa Real

⁹⁰ GRAHAM, Brasil, 1990, p. 348-349. Original: “*There is a letter from Lord Cochrane to the magistrates of Pernambuco published in the gazette. His Lordship, after mentioning his success, and stating his want of seamen, says, "We must have sailors to end the war. If Your Excellencies will give 24 milrees bounty, as at Rio Je Janeiro, drawing on government for the same, you will do a great service to the country. I do not say "Portuguese sailors, who are enemies; but sailors of any other nation." His Lordship mentions farther in his letters to Pernambuco, that his reasons for rather following up the transports at first, instead of the ships of war, which were the objects he had most at heart, were, lest the troops should land, as they had threatened, in some other port of Brazil, and commit new hostilities in the empire. And he concludes with announcing that he sends several flags taken from the enemy.*” (GRAHAM, Brazil 1824, p. 291-292).

portuguesa e aqueles que apoiavam a independência⁹¹. O Brasil não poderia mais ser tratado como “uma colônia na costa da África Selvagem” por Portugal, como descrito por Graham. Esse tratamento de segundo escalão afetou a potência que o Brasil poderia ter sido. E as influências ainda presentes dentro das juntas de governo seriam as responsáveis pelos conflitos, por isso a desconfiança diante de qualquer presença de portugueses se tornava uma ameaça ao futuro brasileiro. A posição defensiva, e até mesmo patriótica, é demonstrada na narrativa de Graham.

Dentro de sua perspectiva, a sociedade — seja ela civil ou militar — teria orgulho de fazer parte desse processo de independência, pois já estava desgastada pelos maus tratos de seus colonizadores, e, apesar de todas as insurgências contra o imperador, a maioria se comovia com as medidas tomadas por ele, como ela relata: “pode ser imaginação minha, mas deram-me a ideia de homens resolutos em seus propósitos e determinados a defender seus direitos e seus lares”⁹², isto é, os cidadãos estariam dispostos a lutar até as últimas consequências para que o sucesso do imperador fosse concretizado. A moral do povo brasileiro desenhada pela narrativa da viajante alcança um estado mais próximo à civilidade e ao patriotismo ao se ver frente à defesa do movimento de Independência; e eles não estão sós, estão acompanhados dos representantes da modernidade que seriam os personagens centrais dos diários de viagem à América do Sul, Lorde Cochrane e especialmente a própria viajante.

A leitura de que os brasileiros estavam se constituindo como uma sociedade unificada, uma nova nação fazia parte das escritas de outros viajantes que passaram pelo Brasil e esse discurso acabou por influenciar a percepção desse período perante o comportamento da sociedade brasileira frente as suas questões políticas e à construção de identidade como brasileiros.

No período, a ideia do que seria o Brasil ou de quem seriam os brasileiros estava em processo de formulação, isto é, o reconhecimento dessa nação ou dessa nacionalidade ainda não estava nem perto da sua conclusão ou significação. Contudo as formas narrativas acabaram por influenciar essa percepção do outro que, no caso, seriam os brasileiros. A relação de identidade e alteridade mostrou-se um campo fecundo de análise empírica, conforme a criação de juízos e conceitos realizada pelos viajantes teve algum poder prático no processo de formação nacional no Brasil⁹³.

⁹¹ SILVA, 2015, p. 113.

⁹² GRAHAM, Brasil, 1990, p. 225. Original: “*It might be fancy, but they gave me the idea of men resolute in their purpose, and determined to guard their rights and their homes*”. (GRAHAM, Brazil, 1824, p. 184)

⁹³ SILVA, 2015, p. 134.

Soledad Caballero (2005) acredita que ao criar um herói como faz com Lorde Cochrane, ela cria um ponto culminante da sua narrativa e sintetiza o que a pesquisadora chama de modelo imperial benigno que oferece ao público um modelo alternativo de exploração imperialista em torno da ideia de benevolência do herói. As personagens centrais da narrativa de Maria Graham na América do Sul são voltadas a representantes políticos dessas nações em formação, pois são as pessoas com força para mudar e guiar o caminho a ser seguido pela população local para a melhora dos seus países. O que no caso era o caminho para a independência e sua estabilidade, portanto o cuidado e a frequência da menção deles nos diários são para que a mensagem fosse passada e que o público compreendesse a necessidade da mudança e o apoio político considerados pela viajante como o caminho certo a ser seguido.

3.2. Escritas de mulheres na conjuntura imperialista

O governo britânico tinha grande interesse político e econômico na América Latina, pelo potencial de um novo mercado e o desejo de influenciar a região⁹⁴. Diversos viajantes europeus vieram a explorar essa região com interesses de colaborar com as descobertas do novo mundo e financeiro. Dentro das parcelas das viajantes mulheres que, segundo Rodenas (2014), tinham propósitos que se diferem dos masculinos, isto é, essas mulheres europeias teriam desejos mais amplos ou mais ambiciosos do que dos seus colegas homens, pois não tinham somente o objetivo de ganho material ou curiosidade científica, mas também o desejo de se legitimar como escritoras através dessas viagens.

Elas buscam legitimidade para realizar um *self-in-the-making*, para investigar as sociedades do Novo Mundo e para deleitar-se com uma paisagem de contrastes; seus olhares, portanto, junta-se às observações científicas sociais, uma característica da escrita de viagens desde o Iluminismo, mas que elas exibem com uma assinatura própria.⁹⁵ (tradução nossa)

Em seus relatos, essas mulheres expressavam diversos interesses sobre os lugares visitados e em que moraram e, por fazerem parte de uma demanda da literatura de viagem, tinham características em comum com os escritos de seus colegas viajantes. O ponto em questão, no entanto, é como essas mesmas mulheres, apesar de sofrerem certas limitações que se davam muito pela questão de gênero, conseguiram produzir diversos materiais sobre esses locais, pois fizeram uma literatura de viagem própria, além do que foi pré-determinado ou

⁹⁴ CABALLERO, 2005, p. 114.

⁹⁵ RODENAS, 2014, p. 1-2.

concebido — a escrita da literatura de viagem feminina por muito tempo foi considerada apenas uma produção autobiográfica e não um meio de conhecimento científico ou social como seriam lidos os textos de autores masculinos. Ou seja, apesar de carregarem uma carga que se difere da escrita masculina, muitas das produções tinham os mesmos pontos, a diferença sendo a experiência de cada um dos viajantes e suas subjetividades.

O que difere na contribuição ou aceitação dos textos de mulheres e homens frente ao que seria reproduzido como científico poderia se dar através da maneira pela qual esses viajantes escreviam, isto é, utilizando notas de rodapé ou expressando sua falta de experiência e, claro, o círculo social do qual faziam parte⁹⁶. A literatura de viagem, em seu aspecto diverso, foi de grande contribuição para o conhecimento sobre essas nações em formação e também na construção do conhecimento sobre questões geográficas e botânicas, por exemplo. Vale ressaltar que durante o período de expressão da literatura de viagem, a concepção do que seria especialista ou do que é científico ainda estava em formação e, portanto, os relatos de viajantes tinham como possibilidade ajudar a ilustrar e acrescentar nas novas descobertas, fazendo parte de discussões dessas temáticas ou de aparecendo em revistas e jornais que buscavam compreender essas novas informações, como explica Carl Thompson:

para ambos viajantes masculinos e femininos, o estilo conversacional e a abordagem generalista da escrita de muitas viagens refletiam o *ethos* inclusivo da cultura intelectual dessa época; isso não significa necessariamente falta de conhecimento em disciplinas específicas, nem impede que a escrita de viagens seja apreciada como uma contribuição útil para o conhecimento.⁹⁷ (tradução nossa)

A produção dos relatos de viagem, sejam produzidos por homens ou mulheres, poderia carregar um peso científico, dado que de acordo com o período, o conhecimento levantado não teria de advir do que seria hoje lido como um especialista na área, vindo de qualquer um que tivesse como explorar e mostrar seus dados e suas viagens.

Os relatos de Maria Graham alcançaram espaço tanto no sentido de aceitação do seu trabalho quanto com relação à descrença sobre eles. Podemos levantar quais seriam as diferenças possíveis que fizeram a viajante ter uma margem maior de alcance com os seus relatos de viagens em relação a outros trabalhos produzidos por mulheres viajantes. Entre eles estava a sua relação pessoal com John Murray e outros editores, o que abriu espaço para sua presença e relevância, fazendo com que a mesma não publicasse apenas um, mas quatro diários de viagem com pouco distanciamento entre a escrita e sua publicação.

⁹⁶ THOMPSON, 2017, p. 15.

⁹⁷ THOMPSON, 2017, p. 15-16.

Maria Graham deve ser considerada a primeira mulher a construir toda uma carreira especificamente no papel de escritora de viagens⁹⁸. Para entender seu alcance, podemos pensar que a viajante tratou bastante sobre questões no ramo científico e questões sociais e políticas, não apenas na forma de observação, mas com a presença opinativa da viajante frente aos dilemas do Brasil e do Chile — algo que seria mais presente e mais aceito na escrita masculina britânica, mas teve bom alcance na escrita de uma mulher como Graham.

O discurso do colonizador e imperialista é uma questão recorrente em estudos da literatura de viagem, os textos produzidos pelos viajantes carregam a conjuntura do seu período em suas produções e em suas crenças. Porém, a leitura de quais textos teriam a autoridade do discurso colonizador têm a tendência de recair apenas nos escritos masculinos, os femininos acabavam por cair dentro das convenções sociais vitorianas a que as mulheres eram submetidas. Esquecendo, por vezes, que por mais que essas mulheres sofressem pressões sociais, os discursos estruturais do contexto colonial também afetariam a maneira como elas relatavam.

Essa perspectiva é estudada no trabalho realizado por Sara Mills e a razão que a pesquisadora nos oferece para esse tipo de leitura ter permanecido por tanto tempo é por conta da maneira pela qual esse discurso imperialista se coloca presente, que difere do contexto masculino, pois a perspectiva e pressão na composição dos textos produzidos por mulheres são outras. Segundo a autora:

no contexto colonial, as mulheres britânicas só podiam ser retratadas como símbolos do lar e de pureza; as mulheres como participações ativas não eram concebidas como possíveis. Isso ocorre por causa das convenções sociais para a conceptualização do imperialismo, que parecem ser tanto sobre a construção da identidade masculina britânica quanto a construção de uma identidade nacional por si. Por esta razão, as mulheres como indivíduos e como escritoras são sempre vistas como marginais ao processo de colonialismo.⁹⁹ (tradução nossa)

As escritas das viajantes mulheres ficariam em um espaço marginal e esse espaço seria causado pela dificuldade presente para que essas mulheres fossem símbolos de donas de casas e de pureza. Na realidade, encontravam-se realizando duas situações não comuns para mulheres: viajar e escrever.

Portanto, o conflito entre o que seria o feminino e o discurso imperialista e autoritário não seriam combinações consideradas comuns ou praticáveis por serem consideradas divergentes. O que Sara Mills (1993) considera é que a escrita de mulheres acaba por carregar essa problemática, essa duplicidade, dificultando a identificação da problemática colonialista

⁹⁸ THOMPSON, 2017, p. 12.

⁹⁹ MILLS, 1993, p. 3

em suas narrativas, o que causa diversas interpretações sobre seus textos, que acabam caindo em leituras que os consideram apenas como autobiografias, escritos pessoais. O elemento autobiográfico é decerto presente, mas ele não é o único e nem mesmo o propósito da escrita de várias autoras. A pressão que as viajantes carregavam ao escrever se transformava em uma negociação entre o que compartilhar e o que equilibrar, e essa negociação é dificultada por vezes por conta do modelo utilizado para a identificação da posição imperialista nas escritas dessas mulheres, já que não eram vistas como parte do empreendimento colonial.

Assim, podemos dizer que a escrita dessas mulheres viajantes parte de uma estrutura do pensamento colonizador e tem um papel importante como parte do empreendimento colonial — ou seja, fazem parte da simbologia do ideal colonizador — mas não são consideradas por vezes como produtoras de significado¹⁰⁰. Isso resulta que suas produções não sejam consideradas com o mesmo peso dos trabalhos masculinos que fazem parte desse mesmo processo, sua importância, então, fica mais restrita à representação da pureza e da simbologia do lar, por exemplo, e não como produtoras de simbologias coloniais ou de seus discursos.

Sara Mills coloca que as mulheres podem não ter aderido à ideologia imperialista como os viajantes homens, pois elas não negam a dominação imperial, mas a abordam de maneira diferentes por conta dos espaços que têm acesso, das convenções do discurso feminino, como ideia de fragilidade, de ações filantrópicas. Todavia, o olhar sobre essa sociedade é civilizatório e seu discurso nos relatos também os são. Podemos observar essa perspectiva ao analisar o diário de Maria Graham. A análise nos aponta que os textos de viagem das mulheres são construídos no processo de interação das restrições textuais coloniais e restrições de gênero¹⁰¹.

Assim como Sara Mills (1993) enxerga negociação ou um embate entre o feminino e o discurso imperialista como um obstáculo para a leitura da literatura de viagem produzida por mulheres, a pesquisadora Rodenas (2014) observa outra forma de negociação presente. Ela diz que é possível observar restrições de gênero nas narrativas das viajantes, porém também é possível identificar que as mulheres que viajaram para a América Latina no século XIX negociavam ou engendravam com os discursos hegemônicos para criar suas retóricas em suas viagens, fosse ecoando esses discursos ou os superando¹⁰². Sua variação dependeria do contexto que encaravam, pois não é apenas o discurso imperialista que se faz presente, mas o contato com o Novo Mundo que as modifica e transforma.

¹⁰⁰ MILLS, 1993, p. 58.

¹⁰¹ Ibidem, p. 39.

¹⁰² RODENAS, 2014, p. 33.

Na encruzilhada entre gênero e gênero literário, a escrita de viagens facilitou as mulheres a inscrever suas visões da natureza, documentar sua experiência histórica e narrar uma série de encontros transnacionais. O tom da peregrinação me levará a mostrar como a viagem molda um diálogo transatlântico que modifica tanto o senso de identidade do viajante individual quanto as comunidades com as quais eles entraram em contato, uma interação com profunda influência para os discursos da construção da nação na América Latina.¹⁰³ (tradução nossa)

As mulheres acabam por encontrar um meio por onde expressar suas percepções de mundo ao escreverem dentro do gênero da literatura de viagem. Isto é, suas escolhas e descobertas e como preferem se comunicar. Através do gênero da literatura de viagem elas conseguiam encontrar um meio de expressar a sua persona, o seu gênero e essa forma de narrativa transforma o encontro dos dois polos: a viajante e seu objeto de estudo. Ambos passam por um processo de mudança e essa mudança afeta o modo de estruturar e construir a escrita e narrativa dessas viajantes. Com isso podem construir uma história da América Latina com percepções ou preferências diferentes do que seria comum em escritas providenciadas por relatos masculinos, pois o seu lugar de origem se difere.

Ao se tornarem viajantes e deixarem a vida de confinamento doméstica, essas mulheres adquirem uma oportunidade única de serem sujeitos históricos¹⁰⁴. Enquanto os escritos de Mary Pratt e Sara Mills abordam como essas mulheres viajantes podem servir como agentes informais e não “apreciadas” pelo Império Britânico, Rodenas (2014) acredita que essa forma de interpretação pode limitar ou generalizar as viagens realizadas, já que acabam por diminuir a importância da persona da viajante que se desenvolve e tem características próprias em cada uma de suas experiências. Visto que para Rodenas (2014) o ato de escrever é uma maneira que as viajantes têm de explorarem o *self*, a si mesmas, ao mesmo tempo que serve para registrar e documentar os eventos que presenciam como um poderoso meio de se enraizar na história.

Embora Maria Graham tenha sido classificada como uma das “*exploratrices sociales*” (exploradoras sociais) que participam da retórica da escrita europeia de viagens, seus livros não se ajustam estritamente ao modelo dos “olhos imperiais”. Em vez de uma dicotomia entre o eu / outro (*self/other*), os *Journals of Voyage* da América do Sul de Maria Graham exibem, antes, um olhar recíproco, um reconhecimento e uma identidade mútua, ainda que instável.¹⁰⁵ (tradução nossa)

Deste modo, o progresso do eu tem maior significância aos “olhos do Império” e acaba por criar uma ligação do eu com o outro. A partir dos estudos realizados por Mary Pratt (1999), Mills (1993) e Rodenas (2014), podemos refletir sobre de que maneira o contexto e o discurso

¹⁰³ RODENAS, 2014, p. 19.

¹⁰⁴ RODENAS, 2014, p. 83.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 43.

colonizador se fez presente e qual a sua influência nos relatos produzidos pelas viajantes mulheres, observando as diferentes formas de autoridade que podem invocar e as hostilidades presentes por conta do contexto imperialista voltado aos olhares e discursos masculinos. O ponto em comum e de partida para análise da função ou do significado do imperialismo nos diários da América do Sul de Maria Graham é o ponto de “negociação”, que pode ser gerado pela pressão entre o feminino e o imperialismo, ou entre o eu/*self* e outro.

Ao analisarmos os diários de viagem de Maria Graham, podemos localizar a presença do colonialismo e do imperialismo, fator comum no gênero do texto, com o adendo de ser explorado e estudado pela narrativa política dentro de um diário produzido por uma mulher. Essa diferenciação não se torna mais importante, mas nos apresenta uma nova forma da presença imperialista pela via de discurso partindo de outro ponto de origem além do mais comum que seria o masculino. Nos deparamos, portanto, com uma nova forma de coletar informações de fontes que partem da perspectiva de mulheres sobre fatos sociais e políticos.

Dentro dos relatos de viagem produzidos por Maria Graham na América do Sul podemos localizar a representação do colonialismo por uma leitura contrária aos seus representantes através dos apontamentos em relação às Coroas portuguesas e espanholas que, segundo sua percepção, estavam ultrapassadas e fazem parte de uma estrutura de barbárie. O imperialismo, por sua vez, é representado tanto pelo Império britânico e Lorde Cochrane, quanto pelos novos imperadores do Brasil como via do moderno e do civilizado. As diferenciações partem no sentido de separar formas de poder que em si são interligadas, mas no discurso transmitido pela viajante, se apresentam como distintas.

Devemos considerar que dentro dessa perspectiva frente ao colonialismo atrasado e ao imperialismo civilizatório está o desejo da viajante, expresso em seus relatos, de ver nas sociedades da América do Sul uma melhora, um progresso que retirasse essas novas nações do passado desequilibrado de seus colonizadores e se construísse uma sociedade em busca da estabilidade e do progresso civilizado que seria proporcionada por essas vias. Apesar da relutância de Rodenas (2014) em relação à leitura de que as viajantes se posicionassem como superiores em relação aos seus objetos de estudos, não podemos descartar que, de acordo com o contexto imperialista e com as dificuldades de perceber o outro e suas subjetividades, essa percepção de superioridade, pelo menos nos diários de Graham, se faz presente.

A composição do Diário do Brasil e do Diário do Chile se complementam não apenas por terem sido escritos de forma cronológica e intercaladamente, mas porque a construção dos modelos de cada uma dessas narrativas só foi possível por conta do desenvolvimento da escritora durante o processo de sua experiência e da publicação de ambos os diários. Ao atracar

pela primeira vez em território da América do Sul, a viajante se encontra diante de um cenário muito diferente de sua realidade. Apesar de ser uma mulher com experiência em viagens e na composição de diários de viagem, a complexidade e o momento político com os quais se deparou na sua passagem na América do Sul é de origem e de experiência única.

A particularidade da escrita da viajante foi composta por meio de suas escolhas de narração e de relatos utilizados que formataram o seu discurso. Esse discurso poderia ser constituído tanto nos moldes da editoração, visando os seus leitores, quanto no molde para ampliação e valorização da sua voz. Dessa forma, através do suporte das pesquisas realizadas por Mary Pratt, Sara Mills, Ángela Pérez-Mejía, Adriana Méndez Rodenas, as quais analisaram a questão do discurso imperialista e sua presença dentro das narrativas de literatura de viagem produzidas por mulheres, foi possível compreender as proporções, estruturas e formatos que atravessam os relatos de Maria Graham na forma de seu discurso, personas e visão. Dentro dessa perspectiva de pesquisa foi possível localizar maneiras diferentes de analisar como esse discurso foi constituído e o seu impacto e propósito dentro da narrativa dessas mulheres.

A base do discurso imperialista vem com a promoção e exaltação do Império Britânico como o exemplo direto da modernidade e da civilidade a ser seguido, é a partir desse modelo que esses países, agora independentes, poderiam se desenvolver. Existem evidências dessas concepções. Por fazerem parte dessas estruturas sociais, suas narrativas tinham que conter o contexto de sua realidade. Nenhuma dessas mulheres viajantes seriam o que coloquialmente se expressa como “à frente do seu tempo”, assim como Maria Graham não era. Na realidade, a escritora e viajante Graham pertencia ao tempo e à sua realidade e foram elas que a permitiam construir suas narrativas, utilizando-se do gênero da literatura de viagem com sua base estrutural de origem imperialista, mas visando o reconhecimento como uma mulher escritora.

Ao colocar a escrita de mulheres como Maria Graham a partir de expectativas da autobiográficas ou classificar como falsos os conteúdos presentes nelas tão somente, se diminuía o potencial do que poderia ser entendido de seus relatos. As mulheres viajantes oitocentistas tinham tanto potencial quanto os homens de serem agentes do Império, as diferenças se encontram no momento em que a credibilidade masculina acontece através da sua validação por ser escrita e narrada por um homem, enquanto os textos compostos por mulheres sofriam pressões para se afirmarem como verdadeiros, apenas por serem escritos e narrados por mulheres. Isto é, para serem validadas, e por vezes para existir o reconhecimento de suas experiências como agentes do Império, não bastava ter sua origem nele, era preciso trabalhar como esse discurso seria apresentado e, mesmo assim, passar por um crivo de veracidade.

O posicionamento de “agente do Império” britânico também contribui para a desclassificar o modelo do colonialismo português e espanhol, que simboliza o atraso para o desenvolvimento da América do Sul. A representação do poder imperialista nos relatos não existe apenas para dar suporte ao discurso hegemônico, mas para ser utilizado por Maria Graham como ferramenta de ascensão social e lhe trazer relevância e validação como escritora e viajante. Ao afirmar a elevação moral e social de quem representava, a viajante cunha uma representação imperialista dentro do seu modelo de escrita nos diários.

Mas além da questão de “agente do Império”, a literatura de viagem escrita por mulheres acaba por estar em uma condição de interseção entre gênero literário e gênero feminino que produz uma forma de documentação instigadora. Forma essa que promoveu o entendimento e a descoberta da impressão ou da linha de pensamento pertencentes a mulheres — em geral europeias, de classe média e brancas —, principalmente durante o século XIX e começo do século XX, que tiveram como contribuir documentalmente suas experiências históricas e narrar encontros entre sociedades e mulheres de lugares diferentes do mundo através do seu próprio filtro de subjetividade. Impactando não apenas sua história, mas a história de todos com quem entraram em contato como agente do Império ou como uma descobridora do eu/*self*.

As mulheres viajantes misturam ciência e arte e, no caso de Maria Graham, a política principalmente. Ao produzir seus diários de viagem na América do Sul ela criou um mapa sensorial e científico de formas alternativas de conhecimento sobre a região que visitou, e isso foi possível, pois sua leitura e construção foi através de sua singularidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisamos os diários de viagem de Maria Graham escritos sobre a América do Sul tivemos de examinar os discursos que moldam a identidade da viajante como escritora de literatura de viagem no início do século XIX, perpassando desde a sua identidade nacional, sua classe social, seu gênero e as convenções da escrita que são precisas do seu tempo e local de onde partiu a construção de sua narrativa.

A riqueza de conteúdo já faz parte da natureza da literatura de viagem que costuma nos apresentar textos que abordam desde a natureza selvagem, geografia e história, costumes de sociedades diferentes, descobertas científicas, etc., mas os diários de Maria Graham nos proporcionam uma narradora que está em constante movimento sobre sua própria identidade, transformando-se no decorrer da sua jornada, narrada dentro da sua subjetividade e que tem o intuito de não apenas relatar sobre o que vê e escuta, mas o que pensa e disputa, levando em consideração o processo de editoração que os diários sofreram para serem publicados, mas tendo em perspectiva que essas alterações — algumas possíveis de serem localizadas nos apêndices dos diários — foram supervisionadas pela própria escritora.

A pesquisa buscou contribuir com os estudos sobre os relatos de viagem de Maria Graham, averiguando os relatos da viajante que foram compostos com fatos relevantes, como descrições e descobertas geográficas e botânicas da região, perpassando as situações culturais e sociais que identificam comportamentos dessas sociedades, localizamos um ponto de referência e foco da narrativa de Maria Graham que se refere ao grande espaço, se não todo o espaço, dos seus diários: as questões políticas voltadas aos processos de Independência que cerceavam o Brasil e o Chile no século XIX.

Desta forma, voltamos para os diários de viagem buscando compreender como as questões políticas do Brasil e do Chile afetaram a estrutura dos mesmos, e de que forma conduziram a sua composição. Entre essas formas de condução estão as relações com membros das elites políticas como O'Higgins e San Martín — no Chile — e Imperatriz Maria Leopoldina e José Bonifácio — no Brasil —, e a ligação principal em ambos os diários, Lorde Cochrane. Que acaba sendo interpretado como o agente principal das narrativas de Graham, pois se torna a ligação dela com os espaços políticos e sociais, além de se tornar o ponto de referência e representação das intenções e objetivos aspirados pela escritora.

As intenções e objetivos eram voltados ao propósito de mudanças políticas e estruturais dessas sociedades que se encontravam em um momento de transformação histórica. Entre elas se localizou o intuito de introduzir o caminho do progresso e da civilidade a essas sociedades.

Seja ao ajudar a conceber e enxergar a escravidão como lugar de atraso e de barbárie, ou ao tentar instigar conciliações entre comunidades distintas — como as comunidades dos povos originários do Chile e a elite crioula — para que esse bem maior fosse alcançado. E esse bem maior era a concretização das Independências e a aquisição da estabilidade política para que houvesse crescimento social e avanço comercial para as populações dessas regiões alcançado assim o lugar da liberdade da civilidade.

Os relatos realizados por Maria Graham voltados as situações políticas e seus desenvolvimentos em relação aos processos de Independência eram baseados em suas próprias análises políticas em relação aos conflitos e divergências da região. Os diários se tornaram um espaço onde a viajante encontrou oportunidades mediante as suas estruturas de discurso e dos atos de performatividades presentes. Atos que se possibilitaram através de suas personas para conseguir expressar suas aflições e posicionamentos de uma maneira mais específica do que faria frente a outros elementos e personagens presentes na sua narrativa. Contudo, a viajante não se elimina da equação ou se silencia frente às adversidades por ela sentidas em relação ao seu gênero, pelo contrário, ela localiza formas para expressar suas discordâncias, criar situações disruptivas, apontar suas capacidades e indicar sua posição e seu lugar nos espaços e na narrativa.

Identificamos que, por intermédio dessas personas que localizamos analisando os seus diários de viagem na América do Sul — *Lady* e *Independente* —, foi possível que a viajante escritora Maria Graham criasse ferramentas para desenvolver os seus textos e suas experiências de uma maneira mais satisfatória aos seus objetivos. Seja correspondendo à imagem que era esperada de mulheres inglesas oitocentistas — símbolos da pureza, da excelência e do cuidado — ou seja correspondendo às ambições de participação dos movimentos políticos ou de respeito pelas suas produções e experiências de viagem.

As personas se intercalam e estão intrínsecas na estrutura e nos discursos dos diários, perpassando como Maria Graham se posiciona em relação aos objetivos e impressões imperialistas que nos levaram a abordar seus impactos sobre sua descrição e visão dos processos de formação e identificação desses países, seus líderes, costumes e culturas e se esses se diferenciavam do que o analisado e mostrado na literatura de viagem produzida por homens no mesmo período.

Apontamos que existem diferenças inerentes entre as concepções de gênero, nesse caso feminino e masculino — por conta dos espaços e credibilidades oferecidas aos viajantes homens — porém isso não diminuiu o impacto da estrutura da sociedade em correlação aos fatores e elementos do imperialismo nas narrativas de viagem de Maria Graham.

Ao escrever, relatar e construir a História dos processos de Independência do Brasil e do Chile, Maria Graham está construindo a sua própria história, buscando enfrentar as dificuldades apresentadas em relação ao seu gênero, como a falta de acesso a informações e espaços, e a falta de credibilidade da sua narrativa, conseguindo angariar informações e conhecimento, assumindo para si um lugar de autoridade.

Ela se utilizou das personas constituindo os atos de performatividades como método de se ajustar, influenciar e se manter relevante nas conversas, situações e processos sociais e políticos que se encontravam em sua frente. Os atos de performatividades não significam formas de poder ou de influência implícita, mas sim fissuras ou distúrbios que a viajante escritora encontrou para transmitir os angariamentos de informações e posicionamentos políticos. É pelo viés de análises políticas e sociais dos processos de Independência do Brasil e do Chile que foi possível localizar essas personas, e essas personas se fazem aparentes por conta deles.

Podemos dizer que o objetivo primeiro dos Diários do Brasil e do Chile da viajante e escritora Maria Graham era de relatar os aspectos dessa sociedade ainda desconhecida para o público leitor inglês. Os diários, porém, tornaram-se também fontes científicas para geografia e botânica, e, claro, uma referência historiográfica.

Por meio das análises realizadas durante essa pesquisa nos deparamos que com o encontro dos conflitos políticos e a questão de gênero, gerou-se uma estrutura de discurso que proporcionou à Maria Graham um lugar na literatura de viagem para transmitir seus conhecimentos e posicionamentos como viajante, mulher, e principalmente como escritora.

FONTES PRIMÁRIAS

CALLCOTT, Maria. *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823* / Printed for Longman, Hurst, Ress, Orme, Broen, and Green, and John Murray, Albermarle-street by Maria Graham, 1824.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil* / Maria Graham. Tradução: Américo Jacobina Lacombe, 1956, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990. (Coleção reconquista do Brasil. 2. série; v. 157.)

GRAHAM, Maria. *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e cartas anexas*. / Maria Graham. Tradução: Américo Jacobina Lacombe. – Belo Horizonte: Editora Itatiaia limitada, 1997. (Coleção reconquista do Brasil. 2. série. V. 166.)

GRAHAM, Maria. *Journal of a residence in Chile, during the year 1822; and a Voyage from Chile to Brasil in 1823–1824* / Printed for Longman, Hurst, Ress, Orme, Broen, and Green, and John Murray, Albermarle-street by Maria Graham, 1824.

REFERENCIAL TEÓRICO

AGUIAR, Flávio; MEIHY, José C.S.B.; VASCONCELOS; GUARDINI, Sandra T. (Orgs.) *Gêneros da fronteira: Cruzamento entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

AGUIRRE, Robert D. Latin America. In: FELLUGA, Dino Franco, GILBERT, Pamela K.; HUGHES, Linda K. (Orgs.). *The Encyclopedia of Victorian Literature*. Blackwell Publishing, 2015. Blackwell Reference Online. Disponível em http://www.literatureencyclopedia.com/subscriber/tocnode.html?id=g9781118405383_chunk_g978111840538314_ss1-3 . Acesso em 10 out. 2018.

AKEL, Regina. *The Journals of Maria Graham (1785–1842)*. A thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for degree of Doctor of Philosophy in English Literature, The University of Warwick, 2007. Disponível em: <<http://go.warwick.ac.uk/wrap/2585>> Acesso em jul. 2015.

ALEGRE, Maria Sylvia Porto. A intrépida Maria Graham e as lutas da independência. GT – Pensamentos Social no Brasil. In.: *35º Encontro Anual da ANPOCS*, Outubro, 2011.

ARAÚJO, Maria de Fátima. *Diferença e Igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate*. Psc. Cun., Rio de Janeiro, vol.17, B.2, p. 41-52, 2005.

ARAÚJO, Nara. La autobiografía femenina, un género diferente? In.: *Revista Unión (La Habana)*. v. 9, n. 26, p. 35-39, 1997.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARCLAY, Katie; RICHARDSON, Sarah. Introduction: Performing the Self: women’s lives in historical perspective. In: *Women’s History Review*. p. 177-181, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/09612025.2012.726108>> Acesso em dez. 2018.

BASSNETT, Susan. Travel writing and gender. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (Orgs.). *The Cambridge companion to travel writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 225-241.

BEATTIE-SMITH, Gillian. Writing the Self: the journal of Sarah Stoddart Hazlitt, 1774-1843, In: *Women’s History Review*, p. 1-14, 2013. DOI: 10.1080/09612025.2012.726110

BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d’o Brasil dos viajantes. In: *Revista USP* (30), p. 6-9, 1996.

BETHEL, Leslie (org.). *História da América Latina: A América Latina Colonial I*. São Paulo: EDUSP, 2012.

BETHEL, Leslie (org.). *História da América Latina: A América Latina Colonial II* . São Paulo: EDUSP, 2012.

BIRD, Dúnlaith. *Travelling in different Skins: Gender, Identity in European Women's Oriental Travelogues, 1850–1950*. Oxford, UK. Oxford University Press, 2012.

BLUNT, Alison Mary. 'Only a woman' *Women travel writers and imperialism*. Retrospective Theses and Dissertations, 1919-2007, 1992. Disponível em: <<https://open.library.ubc.ca/collections/ubctheses/831/items/1.0058318>> Acesso em 11 ago. 2018.

BRIDGES, Roy. Exploration and travel outside Europe (1720-1914). In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (Orgs.). *The Cambridge companion to travel writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 53-69.

BRINTRUP. Lilianet. Maria Graham: El almendral, urbanidade-sociabilidade egañosa. In: *Anales de Literatura Chilena*, v. 15, nº 21, 2014, p. 61-80.

BRINTRUP. Lilianet. Maria Graham: una mirada romántica e imperial al paisaje natural de Chile. Siglo XIX. In: GUARDIA, Sara B. (ed.). *Viajares entre dos mundos*. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo*. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*. Nova York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Nova York: Routledge, Chapman & Hall, Inc. 1990.

BURMAN, Laura. A Natureza como experiência de “ser”. In.: *Proj. História*, São Paulo, 1992, p. 53-73.

BURMAN, Laura. *Os Cadernos de viagem de Maria Graham: a visão de um novo Império*, 1987. Dissertação (Mestrado em História), PUC-SP, 1987.

CABALLERO, M. Soledad. 'For the Honour of Our Country:' Maria Dundas Graham and the Romance of Benign Domination. In.: *Studies in Travel Writing*, v. 9, n. 2, 2005, p. 111-131.

CAMPBELL, Mary Baine. Travel writing and its theory. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim. *The Cambridge companion to travel writing*. Cambridge: Cambridge University Press. 2008, p. 261-278.

CAMPOS, Mária de Fátima Hanaque. Relatos de viagem e a obra multifacetada de Maria Graham. In.: *Feira de Santana*, n. 41, jul./dez. 2009, p. 99-114.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. In.: *Cadernos Pagu*, v. 4, 1995, p. 37-47.

CICERCHIA, Ricardo. *Journey, Rediscovery and Narrative: British Travel Accounts Of Argentina (1800-1850)*. Institute of Latin American Studies. University of London, 1998. Disponível em <<http://core.ac.uk/download/pdf/246507.pdf>>. Acesso em 15 dez. 2018.

COCHRANE, Thomas John, 10th Earl Dondonald. *Narrativa de serviços no libertar-se o Brasil da dominação portuguesa*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. In.: *Cadernos Pagu*, v. 19, 2002, p. 59-90.

COSTA E SILVA, Alberto da (Org). *Crise colonial e independência: 1808-1830*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

COSTA, Suely Gomes. Sociabilidades políticas e relações de gênero: ritos domésticos e religiosos no Rio de Janeiro do século XIX. In.: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 7, n. 54, 2007, p. 39-57.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e o Poder em São Paulo no século XIX*. Cidade: Brasiliense, 1995.

DOMINGUES, Ângela. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. In.: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 55, 2008, p. 133-152.

ESTERHAMMER, Angela. *The Romantic Performative: Language and action in British and German romanticism*. Stanford: Stanford University Press, 2002.

EUBEN, Roxanne L. *Frontiers: Journeys to the other shore: Muslim and Western Travelers in Search of Knowledge*. Princeton, Oxford: Princeton University Press, 2006.

FERRÚS ANTÓN, Beatriz. *Mujer y Literatura e Viajes en el siglo XIX: Entre España y las Américas*. Valência: U. Valencia, 2011.

FESTINO, Cielo Griselda. Maria Graham no Chile: o Olho do Império. In.: *Cuadernos Interculturales*, v. 4, n. 7, 2006, p. 9-21.

FLAMARION, Ciro Cardoso; VAIFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FRANCO, Stella Maria Scatena. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina. In.: *Cadernos Pagu* [online]. 2017, n. 50. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielophp?cript=sci_arttext&pid=S010483332017000200508&Ing=pt&nrm=iso> Acesso em 18 out. 2018.

FRANCO, Stella Maria Scatena. *Relatos de viagem sobre a América Hispânica: considerações sobre as obras historiográficas de Feliú Cruz e Estuardo Núñez*, 2011. Disponível em <<https://hh.emnuvens.com.br/revista/article/download/276/206>>. Acesso em 20 out. 2018.

FRANCO, Stella Maria Scatena. *Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental*. Esse texto é resultado de apresentação feita em um dos seminários internos do Projeto Temático – Cultura e política nas Américas: circulação de idéias e configurações de identidades (séculos XIX e XX), em 27 de março de 2009, nas dependências do Departamento de História da USP.

FRANCO, Stella Maria Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no Século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

FRAWLEY, Maria H., *A wider range: travel writing by women in Victorian England*. New Jersey: Associated University Presses, Inc., 1994.

GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida. O Brasil de Marianne North: lembranças de uma viajante inglesa. In.: *Revista Estudos Feministas*, UFMG, v. 16, n.º. 3º ano, set/dez 2008.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. Livros de viagem do Oitocentos e a fabricação do Oriente: a Índia e a escrita em Maria Graham. In: *Revista Topoi*, v. 12, n. 22, p. 96-117, 2011.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. Subjetividade e Viagem em Maria Graham. Comunicação. In.: *ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA* – Londrina, 2005.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. Artificio e excesso: narrativa de viagem e a visão sobre as mulheres em Portugal e Brasil. In.: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13 n. 3, ano 2005. p. 613-627.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. Subjetividade e Viagem em Maria Graham – UFRRJ. Comunicação. In.: *ANPUH – XXIII SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA* – Londrina, 2005.

GUARDIA, Sara Beatriz. (ed.). *Viajeras entre os mundos*. Dourados: Ed. UFGD, CEHMAL, 2012.

HAGGIS, Jane. Gendering colonialism or colonising gender? Recent Women's Studies approaches to White women and the History of British Colonialism. In.: *Women's Studies Int. Forum*, v. 13, n. 1-2, p. 105-115, 1990.

HAYWARD, Jennifer. Introdução. In.:_____. *CALLCOTT, Maria, Lady, 1785-1842. Journal of a residence in Chile during the year 1822, and a voyage from Chile to Brazil in 1823; Virginia: University of Virginia Press, 2003.*

HEAPS, Denise Adele. *Gendered Discourse and Subjectivity in Travel Writing by Canadian Women*. Thesis (Doctorate) Graduate Department of English, University of Toronto, 2000.

HULME, Peter; YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

KEIGHREN, Innes M. *Travel into print: exploration, writing, and publishing with Jonh Murray, 1773-1859* / Innes. M. Keighreen, Charles W. J. Withers, and Bill Bell. Chicago, The University of Chicago Press, 2015. Disponível em: <<https://www.press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/T/bo19722688.html>>.

LARA, Martín. Viaje y representación: El caso de Mary Graham, trayectoria de una viajera romântica. Uma aproximación a su mirada sobre Chile. In.: *Boletín de Historia y Geografía*, n. 20, p. 171-204, 2006.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Pensar o Olhar ou quando as mulheres viajam. In.: *Revista Estudos Feministas*, v. 1, 2008. p. 1005-1008.

- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 1997.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 21-65.
- LEMES, Camila Assis. Sob o olhar de uma estrangeira: gênero e Independência do Brasil no diário de Maria Graham. In.: *VIII Encontro de Produção Científica e Tecnológica – UNESPAR*, 2013.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Entre Nós, Ensaios sobre a Alteridade*. Trad. Pergentino Stefano Pivotto (Coord.), Evaldo Antônio Kuiava, José Nedel, Luiz Pedro Wagner, Marcelo Luiz, Pelizolli, Petrópolis: Editora VOZES, 1997.
- LISBOA, Karen Macknow. *Mundo Novo Mesmo Mundo: Viajantes de língua alemã no Brasil (1893–1942)*. São Paulo: Hucitec Editora, 2011.
- MADER, Maria Elisa Noronha de Sá. Revoluções da Independência na América Hispânica: Uma Reflexão Historiográfica. In.: *Revista de História*. PUC-RJ. Rio de Janeiro, 2008, p. 225-241.
- MARIZ, Vasco. Lorde Cochrane, o turbulento Marquês do Maranhão. In.: *Revista Navigator. Dossiê O Atlântico, o comércio, as guerras e as instituições militares na formação do estado do império do Brasil*, v. 8, v.16, 2012.
- MARQUES, Sandra Zilda Sant'Ana. *A amiga da Imperatriz O Olhar e Maria Graham sob o Brasil: 1821/1824*. Dissertação (Mestrado em História), PUC-SP (2002).
- MARTINS, Luciana de Lima. Navigating in Tropical Waters: British Maritime Views of Rio de Janeiro. In.: *Imago Mundi*, v. 50, 1998, p. 141-155.
- MILLS, Sara. *Discourses of difference: An analysis of women's travel writing and colonialism*. London: Routledge, 1993.
- OLIVEIRA LEÃO, Juraci Andrade de. Voices from the nineteenth-century: women travelers and political activism. Belo Horizonte, In.: *Periodicos UFMG*, v. 6, p. 225-232, 2003.
- PÉREZ-MEJÍA, Ángela. *A geography of hard times – Narratives about travel to South America, 1780-1849*. Albany: State University of New York Press, 2004.
- PERROT, Michelle. *Minha história das Mulheres*. São Paulo, Editora Contexto, 2007.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. In.: *Rev. Bras. De Hist.*, São Paulo. v. 9 n. 18, p. 09-18, 1989.
- PIMENTA, João Paulo. *A independência do Brasil e a experiência hispano-americana (1808-1822)*. 1. Ed. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2015.

- PIMENTA, João Paulo. *Tempos e espaços das independências; a inserção do Brasil no mundo Ocidental (C.1780 – C.1830)*. Tese de livre docência. USP. FFLCH. SP, 2012. (p. 144-154)
- PIMENTA, João Paulo. *Tempos e espaços das independências; a inserção do Brasil no mundo Ocidental (C.1780 – C.1830)* Tese de livre docência. USP. FFLCH. SP, 2012. (pp. 102-118)
- PIMENTA, João Paulo. Portugueses, americanos, brasileiros: identidades políticas na crise do Antigo Regime Luso americano. In.: *Artigos Almanack Braziliense*, n° 3. Maio 2006, p. 69-80.
- PORTO, Maíra Guimarães Duarte. *Para Inglês ver: Uma Análise de Journal of a Voyage to Brazil, de Maria Graham*. Dissertação (Mestrado em História Social) Instituto de Ciências Humanas, 2017.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação*. Tradução: Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: Edusc, 1999.
- RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. In.: *Cad. Pagu*, v. 11, p. 89-98, 1998.
- RODENAS, Adriana Méndez. *Transatlantic Travels in Nineteenth-Century Latin America. European Women Pilgrims*. Pensilvânia: Buckenell University Press, 2014.
- RODRIGUEZ, O.; JAIME, E. *La independência de la América espanhola / 2ª ed.* Cidade do México: FCE, Colmex, FHA, 2005.
- SAID, Edward W. *Orientalismo. O Oriente como invenção do ocidente*. São Paulo. Companhia das Letras. Tradução: Tomás Rosa Bueno, 1996.
- SANTOS, César P. A Anti-Penélope: Questões de Gênero na Literatura de Viagem. In.: *I Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano e X Seminário Nacional de Literatura, História e Memória*, UNIOESTE, 2011.
- SANTOS, Márcia Cristina de Oliveira. *Maria Graham e a dupla documentação do feminino no Brasil de 1821 a 1823: Uma abordagem discursivo-crítica*. Rio de Janeiro: UFRJ/CLA, 2014.
- SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil para análise histórica*. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989.
- SEIXO, Maria Alzira. Entre Cultura e Natureza Ambiguidades do olhar viajante. In.: *Revista USP*, v. 30, p. 120-133, 1996. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/revusp/article/view/25912/27644>>. Acesso em 10 dez. 2018.
- SILVA, Elis Pacífico. *A construção de uma identidade nacional brasileira em visões estrangeiras (1808-1822)*. Dissertação (Mestrado em História) FFLCH – USP, 2015.
- SILVA, Isadora Eckardt da. *O viés político e histórico de Maria Graham em Diário de uma viagem ao Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) IEL-Unicamp. Campinas, SP, 2009.
- SILVA, Isadora Eckardt da. Maria Graham e a Influência Britânica no Brasil do século XIX. In.: *R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora*, v. 11, n. 1, 2009, p. 95-105.

SIMON-MARTIN, Meritxell. Barbara Leigh Smith Bodichon's Travel Letters: performative identity-formation is epistolary narratives. In: *Women's History Review*, 22:2, 225-238, 2013. DOI 10.1080/09612025.2012.726112

SMITH, Sidonie. Performativity, Autobiographical Practice, Resistance. In.: *Alb: Auto/Biography Studies*, v. 10, n. 1, 1995, p. 17-33.

THOMPSON, Carl. Journeys to Authority: Reassessing Women's Early Travel Writing, 1763-1862. In.: *Women's Writing*, v. 24, n. 2, 2017, p. 131-150.

THOMPSON, Carl. Earthquakes and Petticoats: Maria Graham, Geology, and Early Nineth-century polite' science. In.: *Journal of victorian culture*, v. 17, n. 3, 2012, p. 329-346.

THOMPSON, Carl. Revealing the Self; Representing the Other. In: _____. *Travel writing*. Londres, Nova York: Routledge, 2011.

TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. In.: *Cad. Pagu*, v. 3, 1994, p. 29-62.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

TORRÃO FILHO, Amilcar. Memoria y utopía en la bahía de Guanabara de Jean de Léry a Lévi-Strauss. In: DEPETRIS, Carolina; CURIEL, Adrián (eds.). *Geografías Literarias de América*. Cid. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015, p. 49-88.

TORRÃO FILHO, Amilcar. Bibliotheca Mundi: Livros de viagem e historiografia brasileira como espelhos da nação. In.: *Projeto História*, v. 42, 2011, p. 111-141.

TORRÃO FILHO, Amilcar. *A Arquitetura da Alteridade: A Cidade Luso-Brasileira na Literatura de Viagem (1783-1845)*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2010.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. Leituras Inglesas no Brasil oitocentista. In.: *Revista Crop*, v. 8, 2002.

YOUNGS, Tim. *Travel writing in the nineteenth: Filling the blank spaces*. London: Anthem Press, 2006.

ZUBARAN, Maria Angélica. O olhar de uma inglesa-viajante sobre o Brasil Oitocentista: o diário de viagem de Maria Graham. (1821-1824). In.: *Metis*, v. 3, n. 5, 2004.

ACESSO ELETRÔNICO

Registro de Graham, Maria née Dundas, later Lady Callcott, 1785—1842 em Benjamin Colbert, *Women's Travel Writing, 1780-1840*, designer Movable Type Ltd. Disponível em <<http://www4.wlv.ac.uk/btw/authors/1057>> Acesso em 21 out. 2018.